

Revista da Semana

ANO XLIV -- N.º 19 -- Cr \$ 1,50 em todo o Brasil -- 8 de Maio de 1943

BIBLIOTECA NACIONAL
DO
RIO DE JANEIRO
CONT. LEGAL
N.º 820016



O BOM SAMARITANO

Reportagem no texto

ENIGMA FOTOGRAFICO



Esta fotografia "invocante" veio do Oriente médio. Não representa metros e metros de fio metálico ou filmes cinematográficos enrolados a êsmo, como pôde parecer, mas um campo de aviação, arado antes de ser abandonado pelo inimigo. A explicação oficial, dada no "Illustrated London News" é a seguinte: "O trabalho foi feito presumivelmente por três tratores. Todos começaram no ponto marcado "A". O trator começou em "A", seguindo para "B" arando do centro para fóra. Os tratores 2 e 3 seguiram para "C", onde o trator 2 começou a trabalhar. O trator 3 seguiu de "C" a "D", também arando do centro para a periferia. O trator 2 fez um círculo. E, depois de terminar "C" e em seguida fez "F". O trator 3, depois do círculo "D", fez o círculo "G". Aparentemente se retiraram desses pontos mas posteriormente regressaram ao exterior dos círculos, trabalhando então de fóra para dentro. Daí os outros desenhos mais irregulares do contorno do campo.



MAIO chegou, vestido de rosas, coroado de luzes. Em Abril — consoante o destino etimológico do nome (do latim “aperire”) — abriram-se as flores, e a Natureza toda sorriu festivamente, na alegria cíclica das fecundidades maternas. Foi-se o Verão com as suas ardências tropicais. E o Inverno se aproxima, encapuçado e misterioso, com as mãos enluvadas, com as barbas salpicadas de neve e alma embuçada de sonhos...

Maio chegou e, com êle, a imagem, sempre moça, de Maria. O maior segredo do Cristianismo, depois do episódio passionai da Cruz, é a vida taumatúrgica de Nossa Senhora. Se não fosse Deus, Jesus teria perdido o primado do Céu em favor desta rosa da Terra. Todos os poetas lhe cantam loas, e os próprios cenobitas severíssimos temperam, com o nome e o culto da Virgem, as asperezas do seu deserto...

Pregadores famosos — tais como Bossuet e Vieira — invocam-na antes de subirem ao pulpito a que dominam e ilustram. Guerreiros audazes — tais como Godofredo de Bouillon — e Constantino — tomam-na como madrinha de armas, e, á luz do sorriso beatífico da Virgem, logram a eternidade retumbante dos heróis.

Maria é o traço de união entre a Criatura e o Criador, entre o temporal e o eterno, entre o que é transitório como a Vida e o que é imortal, como Deus...

Sua presença nas páginas do Evangelho torna humano este livro divino. Ao poder supremo de Deus esta mulher singular apõe o sorriso frágil da Humanidade. Tempéra os raios da Justiça com as flores da Misericórdia. E uma lágrima sua vale mais, e é mais miraculosa, do que uma legião de santos ilustres...

“Estrêla do Mar” — chamam-na os panegiristas, e êste é um dos mais belos títulos com que se exorna. Porque em nenhuma parte as estrêlas brilham mais e são mais necessárias do que no deserto liquido dos mares. O Oceano é a imagem sensível do Infinito. E’ parente dos espaços astrais, da sinfonia de mundos que proclama a necessidade de um Deus e o império de uma Eternidade...

Estrêlas, há-as muitas, mas nenhuma tão do Céu como esta.

“Stella Maris” é a astronomia que todos entendemos, e a esperança com que todos contamos. O Senhor trasladou esta estrêla do Céu á Terra para nos mostrar o rumo certo que havemos de seguir. E, porque é estrêla, brilha com luz própria e, ainda, ilumina o Mun-

do com a graça dos seus raios, que não ferem, nem queimam, antes aliviam e salvam...

E’-nos grato, neste mês, amar e rezar...

Ambas são formas cristãs do afeto e destinos naturais da alma...Deus colocou ao nosso alcance essa escada com que todos podemos escalar o Céu: a prece.

A oração é uma ascensão. E o ponto em que se encontram Deus e o Homem, chama-se Bem-aventurança...A ladainha, que é senão o rosário das excelências da mãe de Deus? O latim em que se expressa, tem o cheiro purificador da mirra, as volutas sutis do incenso...

“Regina Immaculata...”

“Regina Intemerata...”

Onde está Maria, por entre as nuvens destes aromas? No coração mais lacerado de máguas, na alma mais ferida de dores...

E, por isso mesmo, que é a Rainha dos Aflitos, Maria é a soberana universal dos homens. Quem, dentre os filhos de Adão, deixa de padecer algum mal, ou experimentar algum desengano? Pobres e ricos, poderosos e fracos, todos temos a nossa amargura, que é a herança comum daquela serpente maliciosa que andou ludibriando os nossos primeiros pais...

E quando, na história do Mundo, foi maior o numero dos desgraçados e mais tumultuosa a cachoeira das lágrimas? Onde se acenderam mais vivamente as fogueiras do Odio? Ou pelos parentes, ou pelos amigos! pelo Passado que se foi ou pelo Futuro que há de vir! pelo amor do que temos ou pela saudade do que já não possuímos, todos temos um motivo de inquietação, e uma causa de amargor e tristeza...

A Terra é um enorme campo de concentração, em que padecem, juntos, inocentes e culpados, herejes e crentes, santos e facinoras...A Guerra deixou de ser um episódio entre nações para se transmutar num conflito entre continentes. Os mundos chocam-se pelo dominio do Mundo. Não contentes de arrasar as entranhas da Terra e descer aos abismos do Oceano, os homens atingem os limites da atmosfera e ameaçam a serenidade dos astros e corpos celestiais...E’ a revolta dos anjos maus, de que nos falam as Sagradas Escrituras. E’ a rebelião da criatura contra o Criador. E’ a insanía coletiva, a loucura de um século, a subversão de todo um capítulo da cronica universal...

Marchamos para o Desconhecido, como precitos a desfilar entre alas de espadas de fogo. Os unicos clarões que vemos, são os dos incêndios que tudo devoraram e das granadas, que tudo matam. O “black-out” é o simbolo desta idade de trevas que estamos atravessando. Apagam-se os lampadários do Céu, e o Homem volta a viver nas cavernas, como seus antepassados, peludos e famintos, das idades primitivas... A Cruz que Deus plantou no Gólgota não consegue deter as hordas de bárbaros que agridem ás nações pacíficas, ou ingênuas... A Terra é um Pinhal de Azambuja, onde não adianta clamar por socorro — visto que ainda não há uma Policia Internacional. Os crimes repetem-se, e as injustiças se multiplicam. Os cadáveres dos mártires ficam insepultos, porque não ha tempo para acudir aos males que sobrem de cada quadrante da Terra. Este é o panorama do Mundo, e esta a miséria da Humanidade...

Maio, porém, chegou e, com ele, a imagem sorridente de Maria. Tudo é esperança, porque tudo são flores...Maia é mais do que uma promessa dos séculos, porque é uma realidade da alma...Enquanto Ela estiver conosco, nem tudo está perdido, porque Deus é seu filho, e as mães podem muito com aqueles a quem trouxeram nas entranhas...

Salvé, Regina! — é a exclamação que nos vem do peito tumultuoso, e nos adoça a boca como um favo de mel. Maio chegou, irmãos: tende fé e esperail

REUMATISMO GOTOSO?

- Ácido úrico
- Urina turva, escassa
- Pés inchados

Aos rins cabe a tarefa de eliminar as impurezas do organismo. Com os anos ela se torna mais árdua e nem sempre mantém plena eficiência provocando os sintomas acima que podem indicar uricemia, envenenamento do organismo pelo ácido úrico. Tome as PÍLULAS DE FOSTER e ajude a remover o excesso de ácido úrico prevenindo-se de graves enfermidades.

PÍLULAS DE FOSTER

Para os Rins e Bexiga

● Diuréticas e balsâmicas — desinfectam e ativam os rins. Combatem o ácido úrico e manifestações. Também para pielites, uretrites e cistites.

Aprov. pela D.N.S. sob n.º 233 em 15-4-42.

INVERNO

Ai está o inverno. O frio, a chuva, o vento. Tristezas, que eram intimas das cousas, mas sem sinais exteriores, agora vão brotar. A opulência pouco se lhe dá com as noites de inverno negra. A miséria, porém, essa padecerá, gemendo e soluçando, as incursões das molestias e dos abandonos, sob o aguilhão do frio, que aumenta as dores e multiplica os desertos. Tu, meu rico senhor de fazendas caras e confortáveis alcovas, que não tens nada com a lama dos caminhos, mal sabes o pezar de quem vai ao desamparo, na luta pelo pão dos filhos, a sofrer as bátegas dagua contra o rosto nu.

Ah, não me fales em outras penurias de teu ser trabalhado de segretos males. São males dos ricos, que sempre têm compensações. Os dos pobres, não. Não ha por onde derivá-los senão no ritmo do trabalho, o aspero trabalho, tanta vez ingrato, sem o premio correspondente aos esforços dispendidos. Inverno, ai está o inverno, a sacudir os ninhos, a balouçar os fios, a ameaçar os tétos, a rugir nas levadas, a estremecer nas arvores. Um mundo espavorido de asas agita-se por todos os lados. E' o terror dos aguaceiros. E' a violencia dos enxurros. E' a furia dos desabamentos. Ontem mesmo, do meu lindo jasmineiro achei pelo solo um turbilhão de flores soltas e tristes, pobres flores! Inverno! Inverno! a larga e humida tristeza, a chuva, o vento, o frio...

CARLOS CHIACCHIO.

Agora muitos usam DENTADURA POSTIÇA com mais comodidade

FIXODENT, um pó alcalino (não ácido), de agradável sabor, mantém as dentaduras postiças firmes na bôca. Para comer e falar com mais comodidade, experimente um pouco de FIXODENT sobre sua dentadura postiça. Não fica na bôca nenhuma sensação pegajosa. Combate o "cheiro característico de dentadura" — perfuma o hálito. Compre FIXODENT hoje mesmo, em qualquer farmácia ou depósito dentário.

Distribuidora para todo o Brasil: ODONTOLOGIA AMERICANA Av. Rio Branco, 114, 1.º - Rio

REVISTA DA SEMANA

Publicação de arte, literatura e modas — A decana das Revistas nacionais
Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Premios nas Exposições de Sevilha e Antuerpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMERICAS

Porte simples: Um ano — Cr.\$ 63,00; Seis meses — Cr.\$ 32,00
Registrada: Um ano — Cr.\$ 80,00; Seis meses — Cr.\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr.\$ 170,00; Seis meses — Cr.\$ 90,00
O numero avulso custa Cr.\$ 1,50 em qualquer parte do país;
o numero atrasado: Cr.\$ 2,00

Rua Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Telefones: — Direção: 22-2622; Gerencia: 22-2550; Redação: 22-4447;
Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Telefone 4-7866

Tem agentes em todas as localidades do território nacional

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Koppe & Cia. Times Bldg., New York City. Na Africa Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434. Lourenço Marques. No Uruguai: Moratori & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 229 — Tel. 33, Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Este numero consta de 52 páginas

OUTROS RIRAM...



— Mas o senhor compreende que eu não posso vir todos os dias cobrar esta conta.

— Compreendo perfeitamente. Marquemos então as quartas e sabados. Está bem?



— Pode crer, minha querida: são as mulheres mais lindas que casam com os maiores imbecis.

— Meu bem, não seja tão lisongeiro...



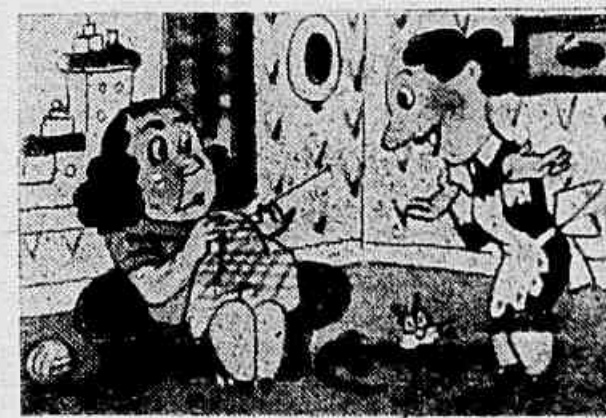
— André! Por que está levando para a sala esses copos vãos?

— Porque talvez alguns convidados não tenham sede.



— Mas, tendo eu deixado crescer a barba e posto estas lunetas, como foi que você me reconheceu?

— Pelo guarda-chuva que você trouxe lá de casa, «por distração».



— Sofia, já lhe tenho recomendado que não cante quando estiver trabalhando.

— Mas eu, agora, não estava trabalhando! Estava cantando apenas!



Ela — Creio que tenho direito a metade da estrada!

Ele — Sem dúvida! E como, porém, a senhora tem mudado tantas vezes de metade, não posso saber qual das duas prefere.

A nossa capa

O bom samaritano da Biblia, na guerra, se multiplica em todas as frentes.

Nos campos de batalha, dentro da propria peleja feroz, enfrentando o estouro dos obuses e das granadas, marchando [de rastros na lama das trincheiras, varejando pantanais sob a chuva, a neve ou ao sol escaldante dos areais africanos, entre a jangala das ilhas do Pacifico — os enfermeiros continuam impavidos a sua tarefa divina de *sedare dolorem*, tão grandes no seu sacrificio obscuro, como os mais destemidos lutadores.

Esta belissima composição americana mostra um desses companheiros de Florence Nightgale carregando nos braços o herói abatido.

Devemos a sua reprodução a uma gentileza especial da Diretoria de Saude do Exercito.



MALTOGENO

"Granado"



A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alfaca ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador á vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alfaca permite á pele respirar, ao mesmo tempo que evita os panos, as manchas e asperezas e a tendencia para a pimentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alfaca "Brilhante".

Experimente-o.



Numeros atrasados desta revista
no Distrito Federal

Procurar á Rua Maranguape, -- 15 Telefone 22-2550

A SEMANA EM REVISTA

PARA ELE A VIDA NÃO MUDOU

A humanidade divide-se em dois grandes grupos: o dos homens pacíficos, trabalhadores, creadores — e o dos lutadores, dos destruidores. Estes últimos, fugindo ao tédio imenso que o mundo lhes oferece, encontram um derivativo no esporte, no atletismo. Receber e dar golpes significa, para um lutador profissional, satisfazer a uma de suas mais elementares necessidades. Se ainda estivéssemos nos tempos primitivos da história, a vida seria simplesmente ideal para ele. A possibilidade de enfrentar, a todo instante, um monstro ante-diluviano, a necessidade contínua de arrancar árvores, carregar enormes blocos de granito, de matar o semelhante, deveria transformar a terra num paraíso.

Infelizmente, essa guerra passou. Embora os homens não se esquecessem dela, repetindo-a de vez em quando, sob este ou aquele pretexto, desta ou daquela forma, nenhuma das guerras posteriores conseguiu transmitir a seus protagonistas as mesmas emoções conhecidas pelo homem primitivo. Paciência, a vida é assim e até os trogloditas têm os seus dramas. Não obstante, os trogloditas contemporâneos não desanimam. Entre a nostalgia e a esperança, abraçam as mais

estranhas atividades, no intento vão de reconquistarem a plenitude perdida há séculos. Uns carregam malas, volumes; outros preferem dirigir um jornal diário, fazer romances ou versos. Ignoramos onde se alcança melhor o objetivo visado. Pela ordem natural dos fatos, nos parece que as maiores possibilidades estão com os "boxeuses", os lutadores.

Para essa classe a guerra não modificou em nada o regime de vida. Se durante a paz eles procuravam os estádios, os campos de jogos para entregar-se aos seus folguedos, agora podem fazer isso ao ar livre, com uma liberdade de gestos mais ampla. Todos devem estar lembrados de Max Schmelling, o alemão que já conquistou um campeonato mundial de "box". Esse monstro já foi ferido de uma vez, quando tomou parte na invasão de Creta, como paraquedista. Agora, segundo os despachos telegráficos caiu prisioneiro dos russos. Suportará ele o cativeiro com a mesma energia com que suportou a guerra?

ORDEN E PROGRESSO

Mesmo aqueles que se declaram partidários de uma interferência crescente da mulher em todos os setores de trabalho, não poderão negar alguns prejuízos disso decorrentes. Nos ofícios manuais, por exemplo, nota-se que a operária o interrompe com frequência para "bater o papo" com a companheira do lado. Outrossim, prejudica de uma outra forma a marcha das atividades, distraído a atenção dos trabalhadores do sexo oposto, perturbando a ordem geral — e portanto o rendimento da oficina. E tanto isso é verdade que nesta atual indústria de guerra existem recomendações expressas às jovens operárias, no sentido de ficarem o menos atraentes possível. Só assim os seus varonis companheiros terão um clima propício ao trabalho. Achamos, porém, que o pior dos males não reside na feminilidade e sim na parolice, na mania da conversa. A mulher ressentida da falta de uma "educação para o silêncio".

Achamos de grande significação um fato que os jornais noticiaram, sem nenhum alarde: o surdo-mudo pôde ser funcionário público, no Brasil. A Divisão de Estudos do Pessoal do DASP opinou favoravelmente ao requerimento de um surdo-mudo, pleiteando o desempenho da função de encadernador, numa repartição pública. A atitude desse órgão estatal é digna dos melhores aplausos. Para agir com o cérebro e as mãos não é necessário ouvir, nem falar. Nesta época de guerra é até uma virtude, nos servidores da nação, não escutar nem dizer nada. A medida alcança dois objetivos ao mesmo tempo. Primeiro, aproveitando uma reserva de homens perfeitamente capacitados a prestar serviços ao País, quando este muito precisa do esforço de todos os seus filhos. Depois, os surdo-mudos exercerão nas repartições a influência benéfica do seu silêncio. Cá, temos uma esperança de que a mulher — que imita tudo — acabe também por imitar os pacíficos e péticos companheiros de trabalho. E isso não seria maravilhoso?

ESPECIALIZAÇÃO

Um dos fenômenos mais típicos do nosso tempo é a especialização. Nas fábricas, nos laboratórios, em todos os setores de trabalho ou de pesquisa, os homens se habituaram a conhecer e praticar bem apenas uma coisa, desprezando o conjunto de que isso irá fazer parte. Multiplicam-se, assim, os técnicos e escasseiam os super-técnicos, isto é, aqueles que traçam os planos de construção e organizam o trabalho. Um dia, talvez uma geração venha debater-se em pleno caos, incapaz de compreender e dominar — em sua totalidade — o patrimônio civilizacional que herdou. Além desta desagradável hipótese, de nenhum outro modo poderemos condenar a especialização. Um sujeito que passa uma



existência inteira confeccionando cabeças de alfinete é claro que acabará fazendo essa parte muito melhor do que um seu colega de ofício que se tenha consagrado a fazer o resto do alfinete.

Pelo menos foi essa a conclusão a que chegou o larápio Mário de Oliveira. A tarefa de tirar o que pertence ao próximo apresenta-se cada vez mais difícil. A polícia aumenta sua eficiência. Os apartamentos e as casas, em geral, munem-se de uma série de dispositivos de segurança. Além disso a imprensa, a publicidade atrapalham enormemente. O que fazer? Cruzar os braços não seria possível, porque a vida do malandro deve ser uma atividade constante. Alguns desabafam no roubo de galinhas, empresa ainda fácil, nos subúrbios. Entretanto, é aviltante passar por "linha de penosa". Preferível perder-se, mas perder-se com honra.

O profissional em apêgo dedicou-se, pois, a um único gênero de roubo, no qual — faça-se justiça — tornou-se um verdadeiro mestre. Basta dizer que, após três anos de ação, completava a bela cifra de mil fechaduras conquistadas! Essas peças, uma vez desmontadas eram vendidas a um negociante de ferro velho. Concluindo, ficamos a pensar: esse camarada, no fim das contas, é bem irônico. Porque cada furto consumado de fechadura significa "ipso facto" uma renúncia aos demais tesouros da casa. E, considerando as coisas na exata, chegaremos à conclusão de que está inocente — o que ele roubou vale uma insignificância, em comparação ao que poderia roubar...



PERSONAGEM-SÍMBOLO



A mentira está intimamente relacionada com o progresso, com a densidade demográfica. O ritmo novo insuflado pela máquina à vida social fomentou nevroses, desequilíbrios coletivos, justificadores de tudo — até de mentira. Esta se desenvolveu admiravelmente sob várias formas, no mundo novo. Existe, por exemplo, a mentira individual, comum, que se prega a cada instante, por qualquer pretexto ou sem pretexto nenhum. Existe a mentira feminina, a mentira popular, vulgarmente chamada boato, a mentira política e a mentira de guerra. Tão prestigiada está a mentira que a velha mania de combatê-la em nome dos santos princípios da moral cristã já caiu por completo de moda. De um inofensivo e delicioso recurso feminino, a mentira assumiu as proporções terríveis de uma arma, uma arma que os poderosos monopolizam com uma exclusividade crescente. Ser "dono de uma mentira" é hoje atestado de importância. Os estados totalitários chegaram a criar ministérios da mentira (da "propaganda"...). A imprensa, desde que a guerra começou, já destruiu mais homens do que o total dos habitantes do planeta...

Pois imaginem que foi preso há pouco, em Alagoas, o "rei da mentira". Dizem que mente tanto, tanto que as suas mentiras poderão até não serem mentiras. Este sujeito deveria emigrar para o Rio de Janeiro. Afinal, essa coisa de cadeia é um pouco desagradável. E por aqui ele mentiria em paz...

FLAVIO.

DURMA

feliz e
com saúde

NUM COLCHÃO

ventilado
de molas

HOLLYWOOD

Ouvidor, 59 - Tel. 43-7134
Secção dirigida por
DECORAÇÕES: GILBERT DE PARIS



Folclore de Maria

A propósito das interpretações populares do milagre da concepção imaculada, corre uma verdadeira literatura interessante. Alberto Faria, no seu erudito livro "Acendalhas", — inclui um capítulo sobre o assunto, que dá bem a medida da importância mística desse passo da Igreja Católica. Vamos reler, por simples processo de evocação do tema, os versos, em três línguas, com que celebram os populares cristãos (floresce a poesia marial entre as classes mais cultas) a Graça de Maria Imaculada. Do espanhol, esta oitava:

"I el poder divino
obrando eficaz
Maria fué virgen
Y Madre á la paz
qual el sol penetra
un puro cristal
Virgem venturosa
parto celestial!"

Agora, estoutra, ao francês:

"Il naítra sur un lit de chaume
et celle qui l'aura porté
ce roy du celeste royaume;
car á travers sa chaste mère
passera l'enfant radieux,
comme á travers l'azur des cieux
passe un doux rayon de lumière."

Por fim, de nosso folclore, versão do Norte:

"Nos seios puros da Virgem
Entrou a divina graça:
Entrou e saiu por ela
Como o sol pela vidraça."

Anda em tudo isso um encanto extraordinário. E a esses versos, extraídos do curioso estudo acima citado, de Alberto Faria, poder-se-ão juntar as produções do escol literário dos varios tipos representativos da poesia mariana, em meio da qual não seria estranho Salomão, com o Cantico dos Canticos, e, até modernamente, Alphonsus, o magico e dolente poeta dos altares de Maria. Mas decididamente está por ser feita a antologia folclórica de Nossa Senhora.

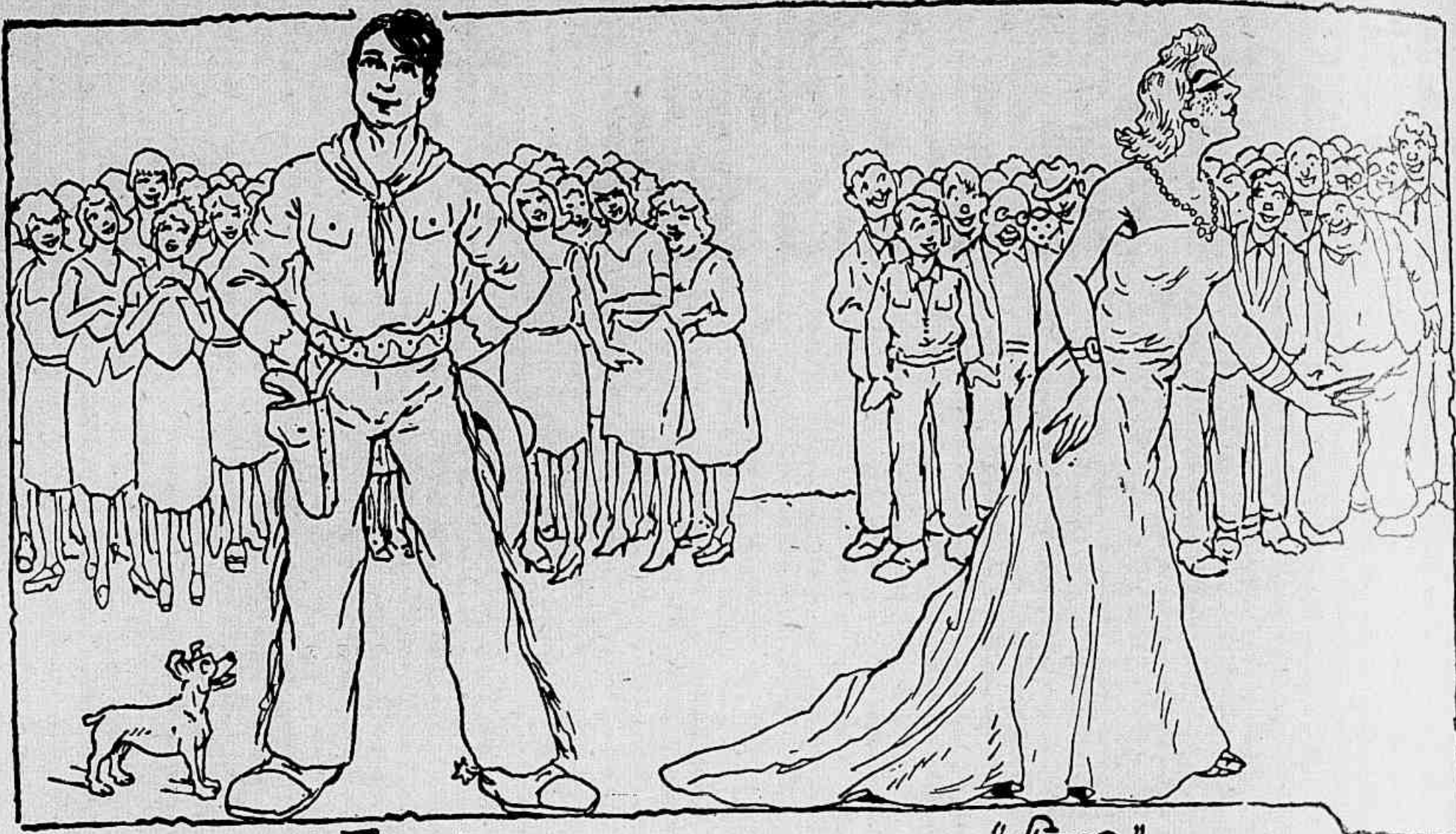
| Carlos Chiachio

**CABELLOS
BRANCOS**

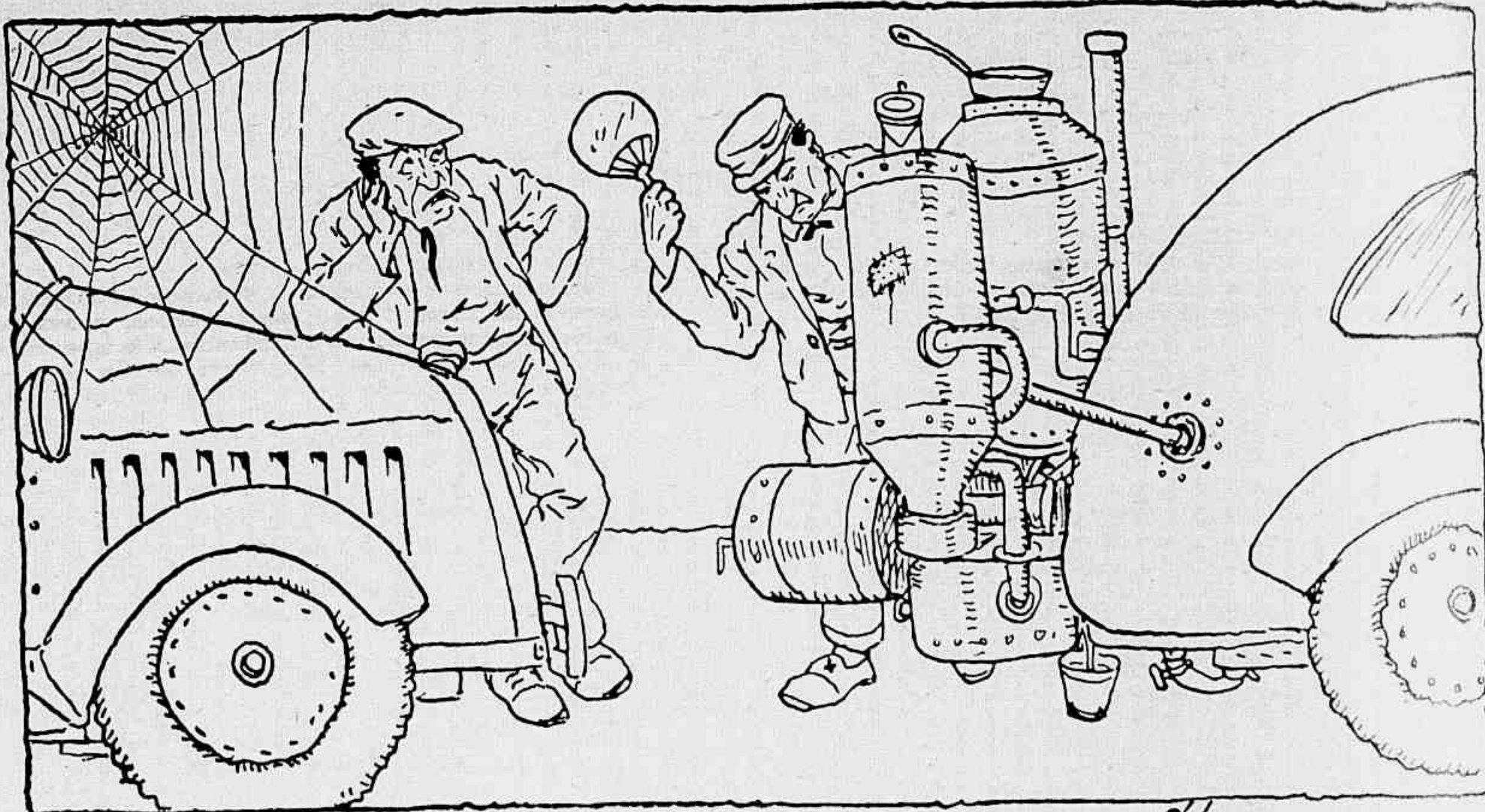
CASPA
Queda
dos
Cabellos

JUVENTUDE
ALEXANDRE

TRAUTEANDO...



"Fan"....."fan"



Fon....fon.

Fün....fün.



Fim.....fim!

V I U V A

Conto da escritora inglesa

KATHERINE MANSFIELD

N^O dia seguinte, de manhã, quando se levantaram para a primeira refeição, sentiam-se perfeitamente à vontade um com o outro. Estavam ambos rosados e viçosos. O ar frio que entrava pelas janelas do quarto levemente os arrepiara. Vinham ansiosos pelo café bem quente.

— Um friozinho! disse Geraldine, acabando de abotoar o roupão de laranja — Não achas que está mesmo fazendo um friozinho? Quem lhe ouvisse a voz tão clara, tão natural, di-lo-ia casados já há alguns anos.

Jimmie, diante dum espelhinho redondo, apurava com duas escovas a risca do cabelo (proeza que qualquer mulher contemplaria com admiração). Logo, porém, atendeu, batendo de leve as escovas uma contra a outra:

— Estás bem agasalhada, meu amor?

Quem o ouvisse julgaria que, pela experiência dalguns anos, conhecia o costume da esposa, de usar, como vestuário de interior, pedaços de gaze presos aos ombros por fitas de setim. Desceram a escada a toda a pressa, rindo ambos, escandalizando a tímida cozeira que, depois de conferenciar com a cozinheira, resolvera ficar invisível até que a chamassem.

— Bom dia, Nelly! Acho poucas as torradas... declarou Geraldine, sorrindo sempre. Debruçou-se sobre a mesa, refletiu um momento — Diga à cozinheira que faça mais algumas, sim?

A cozeira mostrou-se um tanto admirada, mas obedeceu. E, ao fechar a porta da sala, ouviu a voz de Geraldine acrescentando:

— Faço questão de bastante torradas. E tu?

Jimmie estava em pé diante da janela cheia de sol. Ela veio e apertou-lhe docemente o braço. O contacto da fazenda grossa da manga afagou-lhe deliciosamente a pele da mão. Que prazer! Passou a mão ao longo do braço, levou-a depois ao próprio rosto, para lhe sentir o cheiro amado.

A janela dava sobre canteiros floridos, onde se misturavam as rosas, as margaridas, as dalias de pesadas flores pendentes, as astérias de pétalas eriçadas. Para além estendia-se um gramado coberto de folhas de outono; e depois havia uma aléia com árvores amareladas, que pareciam estar tremendo de frio. Um velho jardineiro, que calçava luvas grossas de lã, andava varrendo a alameda, juntando as folhas caídas num montinho caprichoso. Depois, com a vassoura presa debaixo do braço, procurou nos bolsos, encontrou uma caixa de fósforos e incendiou a pirâmide de folhagem morta.

No ar fino da manhã subiu uma coluna de fumo leve como um hálito. O monte ardia serenamente. Dava prazer olhar aquilo. O jardineiro afastou-se a passos lentos e voltou com uma braçada de galhos secos. Lançou-os ao fogo, ficou de lado, esperando; e pequeninas labaredas subiram dansando, numa alegria.

— Realmente... disse Geraldine — nada mais belo que o fogo bem pegado, bem esperto...

— Alegria a gente, não é verdade? confirmou o esposo.

E sentaram-se à mesa para o seu primeiro café matinal.

Pouco mais de um ano decorrera. Treze mezes, exatamente. Geraldine estava de pé, junto à janela da sala de jantar, na sua linda casa de Sloane Street. Essa janela abria para o jardim gradeado ao fundo.

Tinham acabado de saborear o café com torradas, havia ainda na mesa vestígios da refeição. Geraldine tinha na mão um maço de cartas a que tentava responder, contortavelmente instalada perto da lareira. Antes, porém, de iniciar essa tarefa, o sol de outono a atraíra à janela. A cortina de arvoredos estava, naquela manhã, um encanto.

Jimmie fora passear a cavalo.

— Até já, queridinho!

— Até já, minha Gerry!

Depois, o beijo da manhã, rápido mas profundo. Que bonito ele ficava em roupa de montar! Geraldine achava-lhe uma figura verdadeira-

mente... cavaleiresca. Em verdade, ela não tinha imaginação. Via, no entanto, uma paisagem ainda impregnada da neblina matinal; enxergava o bigode de Jimmie húmido do orvalho da respiração contra o frio; distinguia o ruído das ferraduras da montaria pela estrada fóra...

Ouviu no jardim o rangido do carrinho de mão do jardineiro. Apareceu um velho empurrando o carrinho cheio de folhas mortas e por cima a vassoura atravessada. O velho deixou o carro, passou novamente a varrer. "Que enormes tufo de iris se formam nos jardins de Londres..." disse Geraldine consigo — Por que será? Nesse momento o fumo duma fogueira se elevou no ar. "Nada mais belo..." disse ela consigo — que o fogo bem pegado, bem esperto..."

Nesse momento, retiniu a campainha do telefone. Geraldine sentou-se à escrivaninha de Jimmie para responder. Era o major Hunter.

— Bom dia, major! Que madrugada é essa?

— Bom dia, minha senhora. Sim, realmente... — Geraldine esboçou uma careta de espanto. Que voz esquisita o major arranjara naquela manhã... — Mistress Howard, vou vê-la daqui a pouco... sim, dentro dalguns momentos... tomo já um taxi... Tenha a bondade de não sair de casa. — E... acrescentou, tartamudeando, um pouco: — tenha também a bondade de não deixar sair os criados.

— Como? Por que? Mas...

As últimas palavras ainda lhe pareceram mais extravagantes que o resto. Mas o major desligara. "Esta agora..." Geraldine pendurou também o receptor. Tomou um lapis, desenhou o que sempre desenhava quando sentada a uma escrivaninha, tinha diante uma folha de mata-borrão: um gatinho visto por trás, com a cauda estendida, os bigodes espetados. Centenas e centenas de vezes ela rabiscara esse animalzinho, em clubes e hotéis, nos salões de leitura dos navios à espera nas saletas de banco... O gatinho era a sua marca, uma espécie doutra assinatura. Copiara-o do trabalho duma condiscípula, no colégio, e nunca tentara fazer outra coisa. Em desenho... era fraco. Naquele dia, porém, a pena traçou o bichinho com uma desenvoltura, uma firmeza que por fim a surpreendeu.

"Não deixar sair os criados." Que recomendação esquisita! Talvez ela não ouvisse bem. Devia haver qualquer engano. Soltou uma risadinha divertida. E por que motivo ia o major tomar um taxi? Sobre tudo, por que razão a visitava àquelas horas da manhã?

De repente uma idéia lhe atravessou, com um relâmpago, ao espírito. Lembrou-se de que o major Hunter tinha a mania dos moveis antigos. Falara nisso longamente da última vez que haviam almoçado no Cariton. Dissera até qualquer coisa a Jimmie, a propósito dum movel Jayme I ou rainha Ana... Iria agora trazer-lhe o tal movel? Devia ser isso. E assim se explicava a recomendação de não deixar sair os criados. Eram precisos para ajudar a carregar o traste para dentro de casa. Que maçada! Realmente o major Hunter mostrava certa semceremonia, trazendo uma almanjara daquelas, sem ao menos ter avisado de véspera. Não tinha para isso bastante intimidade com o casal. E, ainda por cima, fazer pelo telefone aquele mistério.

Geraldine detestava os mistérios. Ouvira, porém, dizer que, desde a batalha do Somme, em que tomara parte, o major ficara sujeito, de vez em quando a perturbações mentais. Talvez fosse aquele um dos tais dias. Se, ao menos, Jimmie estivesse em casa...

(Continua na pag. 50)

PO' DE
ARROZ

Lady

É o melhor e não é o mais caro!

A' VENDA EM TODO O BRASIL

T. TARQUINO



MATRIZ: SÃO PAULO
Rua Libero Badaró, 103 loja-107 s/ loja-1.º e 2.º and.
Caixa Postal, 178-B e 2999
fone 2-4550
Tele
grama "CONSTRUTORA"

EMPRESA CONSTRUTORA UNIVERSAL

a maior organização predial do Brasil

Inspetorias em todos os Estados do Brasil
Agencias em todas as cidades do Brasil

POLITICA SINDICAL BRASILEIRA

GERALDO BEZERRA DE MENEZES

Depois que se consumou no Brasil a revolução social, com o advento das leis de amparo ao trabalhador, elaboradas pelo Governo do sr. Getúlio Vargas, começaram a surgir, como consequência lógica desse fato, os estudiosos da legislação social e dos assuntos a ela correlacionados. Trazendo entretanto a herança de um longo cont cto com o amoralismo burguês da época anterior, não dispunham esses improvisados garimpeiros do novo campo, do espírito necessário para se locomover com elegancia através de seus caminhos. Raras as exceções de um Oliveira Viana, de um Valdemar Falcão. Os verdadeiros estudiosos, os cultores sinceros disto que poderemos chamar o *direito novo*, emergiriam da moderna geração, do meio desses moços que pisaram os roteiros do mundo, no instante crucial da História, — quando os povos e os homens se debatiam num oceano vasto de inquietudes.

O sr. Geraldo Bezerra de Menezes é, incontestavelmente, um desses valores. Distinguindo-se desde as lides universitárias pelo talento invulgar, pela capacidade de trabalho, conquistou rápidos triunfos no magistério e na magistratura, desempenhando, no presente, as funções de Presidente da Segunda Junta de Conciliação e Julgamento do Distrito Federal.

Em *Politica Sindical Brasileira*, vai investigar os primeiros vestígios — as raízes — do sindicalismo brasileiro, na Constituinte Republicana de 1891. Depois, analisando as demais fases da evolução sindical, reserva um capítulo para a "convenção coletiva do trabalho no Direito Social Brasileiro" e termina com um capítulo de conclusões sobre a matéria estudada. Transcreve ainda os mais importantes decretos-leis relacionados com o texto. É um trabalho já agora indispensável à biblioteca daqueles que se consagram ao estudo do Direito Social.

A. M.

A ACULTURAÇÃO NEGRA NO BRASIL, por Arthur Ramos — São Paulo, 1943.

O sr. Arthur Ramos, autor do livro *O negro brasileiro*, que já foi reeditado, desenvolve nesta nova obra os seus estudos e averiguações sobre o problema da raça africana no que diz respeito ao Brasil. O sistema e os incidentes dessa "aculturação", como lhe chamam os antropólogos modernos, são agora examinados e relatados com a mais generosa amplitude. É era indispensável tal largueza como se impunha tal minuciosidade, para se apresentar a questão às inteligências mais cultas e às simplesmente curiosas, desejosas de saber, tornando-a compreensível e bem clara para toda a gente.

"O problema do negro no Brasil — diz o autor, abrindo a primeira parte do volume — tem de ser encarado em vários aspectos: histórico, sociológico, antropológico, psicológico... Durante muito tempo foi o lado histórico o único abordado. E o capítulo mais discutido foi o da história do desenvolvimento da campanha abolicionista. Quando se quiz passar do assunto da campanha abolicionista para outros dados, mais positivos, concernentes à pura história dos negros escravos no Brasil — seu número,

pontos de procedência, discriminação étnica, distribuição... — as dificuldades foram inúmeras."

Inúmeras que fossem tais dificuldades, parece que o sr. Arthur Ramos as venceu, a todas. A consulta e anotação de obras anteriormente consagradas ao assunto ou com ele relacionadas, em especial os trabalhos famosos de Nina Rodrigues; as pesquisas efetuadas em arquivos e outras repartições; o confronto e conjugação dos elementos de informação ou esclarecimento colhidos de todas as fontes acessíveis — essa tarefa tão extensa e tão complexa, o autor da *Aculturação Negra* a levou a cabo de maneira que diríamos insuperável. Em alguns capítulos ou passagens o estilo sereno do expositor se deixa possuir pela feição emotiva do assunto. Assim as páginas intituladas *Castigos de escravos* assumem por vezes uma eloquência patética equiparável, à da mais exaltada obra de ficção. São quadros de tragédia; trechos de elegia em prosa. Não ha muito nos referíamos aqui mesmo às *Viagens no Brasil*, de George Gardner, e acentuávamos como o viajante de meados do século XIX defendia o regime da escravatura no Brasil, já qualificando de exageradas ou absurdas certas versões correntes no Velho Mundo, já se referindo às tendências e práticas de muitos negros, as quais justificariam a prevenção dos senhores em geral e a impiedade dalguns feitores... O sr. Arthur Ramos, esse, não procura atenuantes para os casos que lhe servem de exemplo. Toma o partido dispensável, representa um ato de nobre justiça e como que uma compensação para a memória dos que em outro tempo padeceram e foram sacrificados.

FAMÍLIA LITERÁRIA LUZO-BRASILEIRA, ensaios de literatura e estética de Manuel Anselmo — Rio de Janeiro, 1945.

O sr. Manuel Anselmo, compôs estas páginas primeiramente como tarefa semanal para os "Diários Associados". Se as remodelou ou retocou para o livro, não sabemos ao certo. Dalgumas temos lembrança mais ou menos nítida e podemos asseverar que não sofreram agora alteração considerável. E a leitura mesma do volume nos leva a concluir que tudo isto se conserva como foi lançado ao papel, algumas vezes mais refletidamente, outras tanto quanto possível de improviso.

O jornal tem exigências pavorosas mas envolve também preciosíssimas vantagens. Pelo poder iniludível da condição periódica, força a pensar e escrever, quando menos se tenha vontade duma coisa ou outra e sobretudo das duas juntas... Mas a circunstância obrigatória excita e adentra faculdades que, sem ela, ficariam muito menos realizadoras, muito menos produtivas, se não acabassem entregando-se de todo à ventura de admirar ou desprezar, sem dar satisfações ao público nem a pessoa alguma, descuidada, livre, incondicionalmente. Aquela espécie de dever sagrado, em que os dilettanti, os amadores só enxergam tirania, humilhação, e industrialização das faculdades individuais, ao contrário: submete a inteligência e a sensibilidade a uma ginástica que só as pode desenvolver e aprimorar. Todo o escritor autenticamente dotado que assuma a responsabilidade duma colaboração em dias certos, passa por via de regra a escrever melhor.

E quando mais espontânea se for tornando a obra literária propriamente dita, mais nela se evidenciará a virtude, entre todas bela e amável, da sinceridade.

No presente livro tudo dá a impressão de corrente, desenvolvimento, "facil", o que justamente resulta da exercitação das idéias e do estilo. O sr. Manoel Anselmo cultiva a crítica sem intenção de pontificar e sem nenhum *parti pris*. Interessa-se por toda a sorte de

criações verdadeiras como por todas as maneiras de expressão que se lhe afigurem dignas de exame e julgamento. Anda pela literatura brasileira e pela portuguesa, bem mostrando que a ambas conhece nos seus representantes modernos e, de acordo com o velho preceito, por bem a conhecer bem a estima. Romancistas, ensaístas, críticos, cronistas, poetas desfilam pelas trezenpáginas do volume, numa poderosa e luzida revista do movimento literário dos dois países. E a cada figura o sr. Manoel Anselmo dedica conceitos e observações que, se o não definem em absoluto, pelo menos no-la fazem ver de modo claro e acentuado, tais como ele a considerou. É um autor que diz e sabe dizer o que sente.

J. L.

LANOL e' sabonete!

VALE O DOBRO DO PREÇO POR QUE E' VENDIDO !

LANOL, á base de lanolina, benjoim e plantas aromaticas é um verdadeiro balsamo para a péle, protegendo-a contra todas as impurezas.

LANOL, não é um sabonete vulgar, é um produto de primeirissima qualidade para a saúde do corpo.

LANOL, no banho de seu filhinho é muito recomendado por suas excepcionaes qualidades curativas.

LANOL, é o sabonete que o Brasil esperava!

A' VENDA EM TODO O BRASIL



UMA ENTREVISTA COM CHARLES MORGAN

O autor de «Fonte» discute sua obra e a Guerra

De Robert Van Gelder

CHARLES MORGAN tem o encanto casual da honestidade, provavelmente inevitável num poeta que resistiu ao duro treino, iniciado aos doze anos, que precede a carreira de oficial da marinha britânica. O autor dessas obras místicas e populares que giram em torno do amor e da morte, *Fonte* e *Sparkenbroke*, pode — isto logo se torna confortavelmente claro — tomar ou deixar a in-rospeção poética. Sua atitude é a de um escritor que se olvida a si mesmo. Isto é tão raro como o ator inconsciente de si mesmo.

"Tinha dez anos de idade quando, um dia, me dirigi a meu pai e lhe pedi que — por favor — me deixasse ser escritor e que — por favor — minha educação deveria ter esse objetivo. Meu pai era engenheiro, um bom engenheiro, eminente mesmo (construiu a parte terminal da Estação Vitória, de Londres; era presidente da sociedade de engenharia), um sólido pai vitoriano. Recordando a cena admiro-me um pouco da maneira pela qual recebi meu pedido. Teria sido natural que dissesse: "Ora, ora, falta de juízo. Nunca houve um escritor na família". Acredito que, embora pudesse ter dito isso, tinha contudo uma larga visão a respeito. Disse-me que eu podia imaginar ter vocação para escrever, mas que era mais urgente achar uma profissão que me desse renda certa, algum lazer e talvez me permitisse viajar. Com isso abandonamos o assunto.

"Dois anos mais tarde tornei a ele para dizer que — por favor — me deixasse entrar na Marinha. Ninguém da nossa família estivera na Marinha; ele achou difícil entender porque eu o desejava e não lhe expliquei o motivo. Havia escolhido a Marinha porque parecia oferecer-me uma carreira com todas as especificações que ele fizera — salário fixo, viagem e algum lazer. Mas não lhe recordei nossa primeira palestra. Fez-me perguntas, viu que eu era sincero e conseguiu que eu entrasse para o curso preliminar. Embora tivesse dado esse passo com dupla intenção, tornei-me apto ao curso, levando algum tempo a aclimatar-me, saltando as dificuldades iniciais. Quando tinha tempo escrevia.

"Mais tarde, como guarda-marinha, cedo embarquei para Singapura e daí para a China. Estávamos ainda ancorados e um dia, na sala dos oficiais, tomei meus livros e papeis e comecei a trabalhar. Chegou meu quarto de serviço; deixei a papelada e subi ao tumbadilho.

"Cerca de uma hora mais tarde um dos meus contemporâneos, outro guarda-marinha, encontrou-me e disse-me: "Morgan, você está seguro? O sub entrou, viu seus papeis espalhados na mesa. Apanhou aquele livro onde você guarda seus poemas, colocou-o debaixo do braço e foi-se". "Deus do céu" pensei. Um guarda-marinha que escreve poesias e um sub-tenente que as encontra — o homem com poder de vida e morte sobre os guardas-marinhas, que pode bater, fazer tudo o que quer. Descobri tudo. Estava lendo o calhambeço.

"Nada foi dito até a refeição seguinte. No outro dia fui chamado à cabine do sub. Ele disse: "Quer whisky escocês ou irlandês?" e logo vi que tudo ia bem. De fato estava muitíssimo bem. O sub era descendente de Matthew Arnold e alguns dos melhores escritores da Inglaterra eram seus amigos ou parentes. Disse-me que lera meus poemas, julgava-os bons e que, se eu quisesse, poderia enviá-los a amigos afim de que dessem sua opinião. Eu não conhecia nenhum escritor. Fiquei encantado. Enviou os poemas à Inglaterra e as respostas foram favoráveis; mais ainda, diziam que, se eu quizesse seguir a carreira das letras, tinha boas possibilidades".

Morgan persuadiu seu pai a resgatá-lo da Marinha e voltou, através da Ásia, para a Inglaterra. Isto se deu em 1913. Preparava-se para Oxford — estudava latim e grego — quando explodiu a guerra e ele regressou ao serviço. Numa das primeiras batalhas da guerra — a de Antuérpia — foi capturado e internado na Holanda. Ele próprio disse que nada existe como um cativo moderadamente confortável para ajudar um escritor. Só a imaginação dá liberdade. Enquanto estava em Gelderland escreveu uma novela, mas perdeu o manuscrito quando o navio em que voltava à Inglaterra bateu numa mina e naufragou.

Continuando a seguir o conselho de seu pai, achou trabalho no corpo redatorial do *Times*, e, pouco tempo depois, tornava-se crítico dramático daquele jornal. Até o início desta guerra, manteve-se nesse lugar, escrevendo suas obras nas noites em que não ia ao teatro — isto é, só podia trabalhar em meus livros duas ou três noites por semana, e nas longas férias em que partia para qualquer pequena cidade do continente para aí de fato trabalhar".

Disse-nos que até os dois últimos anos nunca se permitiu depender financeiramente de sua obra de imaginação. "Eu desejava — mais que isso, eu sentia que precisava — absoluta liberdade para escrever à minha própria maneira, não admitindo nenhuma espécie de imposições exteriores, nenhum editor a apressar-me ou a pedir-me para repetir uma novela que caíra no gosto do público, nenhuma necessidade a não ser a minha própria necessidade de escrever a obra.

Afirmou-nos que sua maneira de escrever é, em certo sentido, perdulária. Tentou planejar adiantadamente uma novela, mas descobriu que isto o importunava com os tipos e com a tarefa. Para ele é melhor partir dos caracteres que lhe aparecem vivos e reais e, escrevendo a respeito deles, deixar que tomem seu próprio caminho. Muitas vezes isto significa que ele segue uma pista má e escreve milhares de palavras, até mesmo dezenas de milhares de palavras, que levam a um bêco sem saída e devem ser inutilizadas. "Jogo-as fora e recomeço". Justamente porque é monetariamente independente, isto lhe é mais fácil que a muitos escritores.

Deixou o *Times* quando rebentou a guerra afim de fazer um serviço pre-determinado para a "Naval Intelligence". Quando terminou, disseram-lhe que podia regressar ao *Times*. Não trabalha agora para o jornal porque "não há mais espaço para artigos de teatro". A carencia de papel está afetando profundamente a imprensa de toda espécie na Inglaterra. Escritores novos estão a ver navios. Ninguém pode permitir-se arriscar seu papel com homens que ainda não adquiriram nomeada". Ele está realizando nos Estados Unidos uma tournée de conferências sem lucro.

Colhe-se de sua palestra, que teve uma intenção vindo para cá — embora este assunto não fosse abordado, a de afirmar tanto quanto um indivíduo pode fazê-lo, que os Ingleses não são tão aferrados à propriedade como eram anteriormente.

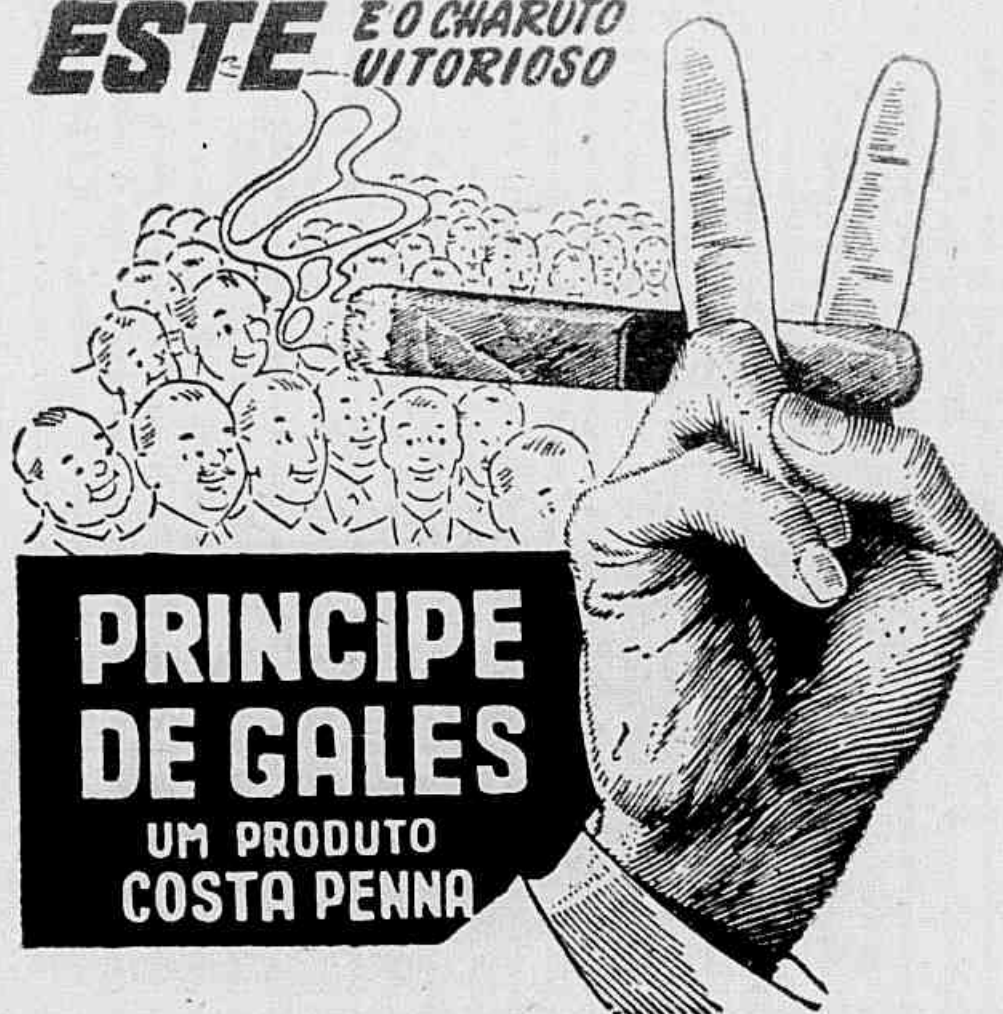
"Uma coisa sabemos: que não há vantagem para nós em ter lucro ou conforto faceis. Talvez, sim, para nossos netos.

Não buscamos na vitória vingança, lucro ou preservação do que possuímos. Tudo quanto a vitória pode significar é uma oportunidade para replantar, para salvaguardar o imaturo e deixar o sazonado para outros. Dedicamo-nos ao futuro, a única coisa sensata a fazer. De que nos serve cuidar de nossas possessões com bombas chovendo sobre elas e bombardeiros caindo incendiados em nossas ruas?"

Evocou uma noite em que o céu estava tão cheio de chamas que os passaros do seu jardim, pensando ser madrugada, despertaram e puseram-se a cantar.

Disse-nos mais que as folhas do calendário não mais representam datas mensuráveis para o povo inglês. "Não são mais a próxima primavera ou o próximo verão. São meros pedaços de papel até que nos aproximemos deles e então viverão. O fato essencial é que não serve mais — se algum dia serviu — lutar pela segurança ou por lucro em nossas vidas". E puramente inútil pensar a vida em termos de bombardeios e abrigos. "O homem não é apenas uma massa — sua vida tem de ser vivida, sua obra tem de ser criada. Há tudo a dizer quando as bombas estão silvando e as janelas de nossas casas estão se partindo, pela simples permanência na sala onde estávamos e onde continuamos o trabalho iniciado".

ESTE É O CHARUTO VITORIOSO



Suberdade?

IDADE PERIGOSA

em que muitos jovens se vêem atacados de anemia, e de clorose. É preciso fortalecer o organismo, enriquecer o sangue. A EMULSÃO DE SCOTT — a maravilhosa combinação do óleo de fígado de



bacalhau com cálcio e sódio — revitaliza e robustece. Em qualquer época, não há substitutos para a



EMULSÃO DE SCOTT

Tônico das Gerações

BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

Funciona até às 19 horas

DEPOSITOS DESCONTOS CAUÇÕES

ALFANDEGA, 50

FINALMENTE EM TODAS AS LIVRARIAS: HISTORIA DO BRASIL De J. ARMITAGE

5.ª edição brasileira, com prefácios e anotações de Eugenio Egas e Garcia Junior.

Preço do volume em grande formato, com 400 páginas: Cr\$ 40,00 — Tiragem em papel especial inglês; numerada: Cr\$ 250,00.

Pedidos à LIVRARIA-EDITORA ZELIO VALVERDE — Travessa do Ouvidor 27 — Rio — Caixa Postal 2956.

Aos clientes do interior — Se não encontrarem no seu livreiro, peçam pelo Serviço de Reembolso Postal.

ESCRAGNOLLE DORIA

Fim de Regencia (1835)

VINTE de Setembro de 1835 foi domingo, dia de remate santificado das semanas abençoadamente tido pela catolicidade como dia do Senhor. Entretanto a domingo de 20 de Setembro de 1835

trouxe pesar e não alegria ao Rio de Janeiro. À tarde na capital do Imperio circulava noticia lutuosa. Acabava de expirar uma das mais subidas personagens do Estado, o Exmo. Snr. Regente João Braulio Muniz, membro da Regencia Permanente, a governar o Brasil por efeito da minoridade-orfandade de D. Pedro II na grandeza desde pequeno.

A cidade carioca de 1835 estava a par do que ocorria para desconchavar a Regencia Permanente Trina, substituta de outra, Trina e Provisoria, eleita às carreiras com medo da anarquia, ao espalhar-se a nova sensacional da abdicação de D. Pedro I. Depois, com mais calma, Senado e Camara elegeram Regencia Permanente Trina com visos de triunvirato á romana.

Vergueiro, Lima e Silva e Carneiro de Campos tinham composto a regencia urgente. A Assembléa Geral reconduziu o brigadeiro Lima e Silva ao formar a Regencia Permanente dando-lhe para companheiros de poder dous civis, os deputados José da Costa Carvalho e João Braulio Muniz, representantes de provincias nortistas de muita influencia politica no Imperio, a Bahia e o Maranhão. Até o fim da monarquia ambas as provincias conservariam influencia manifestada no parlamento e nos conselhos da corôa. Negal-o — será desconhecer historia pátria e negar evidencia, a pés juntos, habito proprio de muito bipede.

A Regencia Provisoria Trina, eleita a toque de medo, não devia ser, e não foi longa. Vivera porque Estados e homens não se os comprehende acéfalos. Agora se Estados e homens andam de cabeça alta ou baixa o caso é outro.

A missão entregue á Regencia Permanente tinha espinhos a valer. Só no Rio de Janeiro caber-lhe-ia reprimir sedições em quarteis e fortalezas, motins em teatros, tentativas a mão armada do partido restaurador desejando a volta de D. Pedro I. Sobravam à Regencia agressões de imprensa em gazetas de titulos nacionalistas camuflando odios politicos acirrados, aqui *O Caramuru*, ali *O Carijó*, alem *O Paraguassú*, temperados pela moderação da *Astréa* de Vieira Souto e da *Aurora* de Evaristo.

E nas provincias... Nem faltou á Bahia uma revolta de escravos nagôs com o negro intuito de acabar com os brancos.

A idade dos tres governadores permanentes variava, Lima e Silva nascido em 1785, Costa Carvalho em Fevereiro de 1796, Braulio Muniz em Março do mesmo ano.

Os tres regentes de berço no seculo XVIII teriam vida notoria na centuria seguinte.

Ignoramos se o maranhense João Braulio Muniz foi á Regencia de saude combalida. Sim ou não, o governo de um paiz, mormente em epoca tormentosa, é bem má terapeutica para sanidade organica integra ou beliscada.

As dificuldades de manter a ordem na desordem alastrada pelo Brasil ajuntaram-se desarmonias na propria Regencia. Evitando-as lá se foi Costa Carvalho para S. Paulo em comoda, mas não justificavel opposição longinqua. Quem se dispõe a governar, como a amar, se dispõe a padecer.

Ficaram regenciando Lima e Silva e Braulio Muniz, os quais com Costa Carvalho eram uma especie de vice-imperadores desde 17 de Junho de 1831.

De 3 de Maio de 1832 em diante as Falas do Trono deixaram de receber a assinatura de Costa Carvalho, sempre retirado a S. Paulo, as mesmas Falas subscritas pelos dois regentes restantes até 1835; os dois colegas, um militar, outro civil, de naturais tendencias diferentes.

Irmanavam-se, porem, nas más horas; assim a da noite de 4 de Outubro de 1833 quando violenta enfermidade ameaçou a vida de D. Pedro II, Costa Carvalho continuando no seu retiro paulistano onde as noticias, gratas ou não, custavam a chegar celeres.

Restabeleceu-se D. Pedro II, a Regencia respirou. A enfermidade começou, porém, a dar rebate na saude de Braulio Muniz.

De rebate a doença passou a dilatada buscando talvez Braulio Muniz, emquanto possivel, imitar o exemplo de Vespasiano, o imperador que desejava morrer em pé.

Vencido afinal Braulio Muniz pela enfermidade a Regencia Permanente degenerou em Una nas mãos de Lima e Silva, Costa Carvalho á ermitão politico nas alturas de S. Paulo e não presente nas do seu cargo. Corresponhia-se entretanto com Braulio Muniz, e por ele sabia o que se passava no Rio de Janeiro até que o colega, progressivamente peorado, suprimisse cartas.

Ao governo não tornaria mais Braulio Muniz. A Parca cortou-lhe o fio da existencia a 20 de Setembro de 1835. A expressão mitologica era corrente no tempo, registremo-la.

A noticia do obito do regente teve enorme repercussão no seu momento. Alem de tratar-se de quem se tratava, a noticia prenunciava o fim da Regencia Permanente mal segura.

Não teve Braulio Muniz sepultura imediata. Dous ministerios providenciaram: o do Imperio a cargo do conselheiro Joaquim Vieira da Silva e Souza e a pasta da Marinha a cargo do capitão de mar e guerra José Pereira Pinto. Ambos os ministros determinaram no mesmo sentido, o de avisar Costa Carvalho.

Emquanto o ministerio do Imperio expedia portador para S. Paulo com a noticia do obito, não obstante presumir-se Costa Carvalho de caminho para a

do terra marique.

Movera-se o Estado, mover-se-ia a Medicina. Convocou a Regencia varios medicos reputados, alguns professores na Faculdade Medica do Rio de Janeiro creada pela propria Regencia Permanente a 3 de Outubro de 1832 em substituição da Escola Medico-Cirurgica assinaladora das multiplas fundações do Principe Regente no Brasil.

Os professores de Medicina e a mestrança medico-cirurgica de 1832 haviam sido chamados a intervir ou presenciar uma *Lição de Anatomia*, a lembrar vagamente celebre tela de Rembrandt.

Tratava-se de autopsiar o regente Braulio Muniz, vinte e duas horas após o seu falecimento, a operação raro praticada tratando-se de personagens e talvez de primeiro exemplo em 1832.

"Fazer anatomia", isto é autopsiar era expressão da velha lingua portuguesa. Em Portugal se havia feito anatomia em tres reis bragantinos, D. Pedro II, D. João V e D. Pedro IV, o nosso primeiro imperador; D. Carlos I seria autopsiado após o regicidio do Terreiro do Paço em 1908. "Fazer anatomia" era defeso quanto a rainhas, o pudor feminino respeitado nas soberanas extintas.

Em geral a autopsia de pessoas reais e personagens eram provocadas pelas suspeitas de crime levantadas pela voz popular.

A autopsia de 1832 concorreram os doutores Paula Candido, Soares de Meirelles, Otaviano Rosa, Sigaud, Carvalho, Imbert, Jacinto Reis, Jobim, Sabino, Amancio, Benildo e José Bento da Rosa, aco panhados por varios alunos da Faculdade de Medicina. Não menciona o laudo medico-legal da autopsia o nome do autopsiador ou os nomes dos autopsiadores.

No correr do tempo os medicos de intervenção na autopsia de 1832 iriam se tornando cada vez mais conhecidos e de prestimo: Paula Candido o higienista ora dando nome ao antigo hospital da Jurujuba, Jobim diretor da Faculdade de medicina durante trinta anos, Sigaud o medico francês autor de livro classico acerca do clima e das doenças do Brasil.

Seria curioso saber hoje o nome de alguns dos estudantes presentes á autopsia de 1832. Neste ano estavam a concluir curso, salvo erro, Felix Martins e Borges Monteiro. Teriam seguido mestres?

A autopsia de 1832 foi incompleta. Examinado o habito externo do extinto, seguiu-se exame abdominal, cardiaco, pulmonar e hepatico, limitada a autopsia ao exame das regiões toracica e do baixo ventre, em razão da escassez do tempo, a redação do auto baseada nos apontamentos tomados no decorrer do ato.

Findo este restava dar sepultura a Braulio Muniz, para tanto designada catacumba da igreja do Carmo. A posição do falecido obrigava a honras militares desde a sahida do feretro do largo das Laranjeiras até o templo da rua Direita.

O enterro do Regente tornou-se uma das

grandes pompas funebres do Rio de Janeiro antigo, e a cidade as tinha presenciado nos sahimentos funerarios do infante D. Pedro Carlos, da rainha D. Maria I e de sua irmã D. Mariana Francisca Josefa, ambas de restos mortais trasladados a Portugal em 1821, o infante tendo mausoléu no convento carioca de Santo Antonio.

Filas de povo se estenderam das Laranjeiras ao centro da cidade velha, onde outras filas se estendiam para vêr os passos lentos do prestito, as pessoas gradas que o compunham até entrarem no templo do Carmo. Nele predominavam os ornatos negros ainda de maior tinta ás nove da noite, esta de tanta representação da morte nas exigencias do sono.

Salva de artilharia de dezenove tiros, tres descargas de infantaria anunciaram ao povo fóra da igreja o momento de entrada em catacumba dos despojos do regente João Braulio Muniz.

Retiravam-se alvos de curiosidade publica quantos por obrigação ou por amizade, estes sempre menos que aqueles, tinham vindo acompanhar o desaparecimento terreno do personagem ou do amigo.

A morte do regente Braulio encontrou ecos de necrologio na Camara dos Deputados á qual o regente pertencera, no Senado a dever-lhe e dar-lhe homenagem, como corporação do Estado, a Camara presidida por Araujo Lima, o Senado tendo por presidente Bento Barroso Pereira.

A imprensa registrou o obito da Braulio Muniz com a brevidade das noticias funebres da epoca. Delas fique aqui exemplo: "Falleceu ante de hontem pelas quatro horas da tarde depois de huma dilatada doença Sua Excellencia o Senhor Regente João Braulio Muniz". Para que mais?

Não havia desses necrologios interminaveis nos quais os louvores de encomenda, nos quais o orador ou o escritor não acredita, mal conseguem abafar os protestos de verdade e anular o conhecimento geral da vida dos enterrados, sobretudo se lhes cabe apenas misericordioso *parce sepultis* da piedade cristã, sem indagar se a terra lhes deve ser leve ou pesada.

Depois do regente Braulio a Regencia Permanente durou pouco, talvez com satisfção dos seus dous componentes. Lima e Silva e Costa Carvalho passaram governo a Feijó, para ensaio de Regencia Una. Brasileiro, paulista ferrenho, o padre em breve renunciando teria a Regencia por presente de gregos para como tal entregar a Araujo Lima.



Regente
José da Costa Carvalho



Regente Lima e Silva



Regente
João Braulio Muniz

OS COMPONENTES DA REGENCIA PERMANENTE (1831-1835)

CONTO
BRASILEIRO

TERRA PROMETIDA

Por ANSELMO
MACIEIRA

O sol construía incêndios na larguesa dos horizontes, a esbater, caprichoso, o quadro das distâncias. Já, naquela claridade, palpitavam cintilações caniculares, ante-mostrando as agruras tropicais da jornada. As palmeiras, bem perto da casa-grande, olhavam para longe, assistindo o espetáculo soberbo. Nas árvores do pomar, tartareavam os bentevis, num concêrto animado. Os sons emergiam nítidos, rolando sobre a relva úmida. Predominava o ritmo incerto das situações provisórias. Alternavam pausas no escarcêu de vozes; então, estridulava o galicanto como clarinada inoportuna na festa harmoniosa do amanhecer.

O povo das senzalas despertara ao vozear da inúbia, enfileirando lépido no terreiro fronteiriço — na coluna triste e heterogênea, havia somente o traço comum das amarguras recalçadas e fortes. Marcelino contava-os, constatando a presença de todos. Os negros sabiam que era difícil uma fuga na planície, cheia de fazendas e engenhos. Melhor aguentar a vida, resignados, do que ter a sorte de um Damião, de um José Preto. Eles levaram meses no ôco-do-mundo, mas acabaram voltando, acompanhados de dois cabras do Coronel Matosinho do Muriaé. O Senhor do *Destino* foi intransigente no castigo; achava que um exemplo, de vez em quando, é bom para que a cabilda não caia na mandriagem.

O bando estropiado tomou os caminhos da roça, recebendo a bênção do fazendeiro, lá do alpendre da casa. O Coronel fazia aquilo com gosto: abençoar. Tinha uma íntima convicção de que preenchia bem o seu papel. Recebeu o *Destino* quase sem nada. Fôra ele que concluiu a casa-grande, que melhorara o engenho e tombara as terras esquecidas. Boa terra aquela! Longe, muito longe, pertinho da lagôa Mirim, estava a engenhoca do Belarmino, fumegando, achaparrada e feia. Mais bonito o *Destino*, muito mais. E não era só ele que achava, não. Todos reparavam. Trabalhava-se de fato, ali. Ninguém folgava. Negro não devia folgar. Quem começa a ser bom para escravo, nunca acaba bem. Apesar de tudo não se julgava o pior dos senhores. Batia, maltratava mas — que fazer? — a lei da terra era essa... De resto, sentia-se contente com a marcha dos negócios. O engenho dá trabalho, mas também compensa. Vendera duzentas caixas na safra passada. Nesta, até ali, já enviara para o porto de São João da Barra, mais de 500! Toda aquela riqueza surgira de seu esforço, de seu trabalho. Bem merecia ser o futuro Barão do *Destino*.

E o seu olhar imponente, dominou mais uma vez a planura inlindada, em uma atitude silenciosa de posse.

Já o casarão inteiro esfervilhava na lufa-lufa quotidiana. A famulagem zigzagueava pelos corredores, aprimorando a mundícia, com um zelo raro. Deviam transformá-la em um brinco para a festa que se aproximava. Ia ser um forrobodó de uma semana. Até cavallhada ia haver, com os homens do Caboclo Duarte, lá de São Thomé. Tudo aquilo por causa da chegada de Nhô-Julinho, que estava em São Paulo, estudando para doutor.

O fazendeiro queria que o acontecimento marcasse época na redondeza. Domingos esfregava o chão da sala de jantar, com folhas de pita. Na cosinha vastíssima, as mucamas surdinavam, trêfegas, rebolando condimentos nas malgas de argila. E era um matraquear de comentários e dichotes, na linguagem solta dos que sempre viveram sob a moral elástica de uma poligamia secular.

— Dizque ele vai gostá de ocê...

— Ele quem, criatura?

— Nhô-Julinho, pois não é? Tu lá é se fazendo de boa, sua disfarçada...

Então interveio Rosalia, com os grandes dentes de fora, uns dentes impressionantemente brancos.

— Nho-Julinho não é dessas coisas, ouviu? Bem que conheço ele. Gosta de brincá, isso sim. Não ha dansa em que ele não lêja, muito lampeiro, segurando a mãozinha das moças e dançando a música. Mas fica só aí E' o santo da família...

Djanira chegou e os bicos fecharam. Respeitavam a negra-velha. Depois de D. Mariana, ela ocupava o primeiro lugar dentro de casa. Dirigia os preparativos. Fôra a mãe de leite do rapaz. Queria a ele como só as pretas velhas sabem querer a alguém. Isto parecia animá-la, dar-lhe novas energias para gritar com o pessoal. Que nenhuma daquelas mulecas fizesse com que ela perdesse a paciência! Dava queixa a Sinhô-Legário

e iam ver se pancada dói. E fazia um gesto estabanado, meio chistoso, meio obsceno. Mas todo mundo sabia que ela ficava só nas ameaças; no fundo era boa pessoa. Voltando ao quarto, deu um último geito à colcha bordada e assentou-se no chão, outra vez, continuando o trabalho da renda. E enquanto terçava os bilros, ausentou-se do presente, atraída pela saudade. Revia Nhô-Julinho nos tempos de menino, suas travessuras, suas malcriações. Um dia foi buscá-lo na bagaceira e não o encontrou; soube depois que ele se escondera debaixo do próprio bagaço, com a cumplicidade da molecada. Os garotos eram os maiores inimigos de Djanira, naqueles tempos. Vivia dando queixa ao Senhor, porque eles estragavam o menino, acostumando-o à vida solta da gente do engenho. Tudo se fôra, tudo estava longe. Mas, para o coração não existe o tempo, para o amor não existe a distância. Então, houve um momento de melancolias profundas, de amarguras absolutas (as lágrimas, as lágrimas são a poeira prateada da tristeza, no humano roteiro da saudade). Djanira compreendeu que, quanto mais sentia, mais vivos os fatos dansavam na sua lembrança, numa recapitulação fantástica do passado. Sempre gostara do *Destino*. Sua alegria era cuidar daquela casa, era olhar aquele povaréu, era servir o seu Senhor. Bom *sinhô* o que Deus lhe dera. Bem sabia o que as negras sofriam em *Paus Amarelos*, no *Tai*. Com o Coronel Olegário todo mundo recebia a correção que precisasse, mas não passava disso. Ele era justo. Lembrava-se de que o negro que apanhou mais ali no *Destino*, foi o Henrique, agora morador lá embaixo, na várzea, sósinho. Henrique era ruim e merecia uma lição.

Nhô-Julinho chegaria àquela tarde; sentia que voltava aos bons tempos. De certo, ele seria o mesmo para ela; malcriado, desobediente, mas bom e carinhoso. Livrara-o de muitas surras, outrora. Preparara muito doce-de-leite, muito quindim para ele. E quando ele caiu do *Faisca*, quebrando a perna, ela é que permaneceu à cabeceira dele, durante dois meses. Súbito, batia na cabeça com as mãos fechadas e continuava o trabalho. Queria terminar aquelas rendas para sinhozinho presentear sua prima do Engenho *Córrego Seco*. Era velho que os dois haveriam de casar. E nada melhor. As duas fazendas formariam uma única e do novo senhor de tantas posses, o Imperador faria um barão. Um barão! e os seus olhos deixaram as rendas e se fixaram nos roteiros azuis do céu limpo. Foi quando o molecote entrou, de olhos arregalados — arfando — e disse:

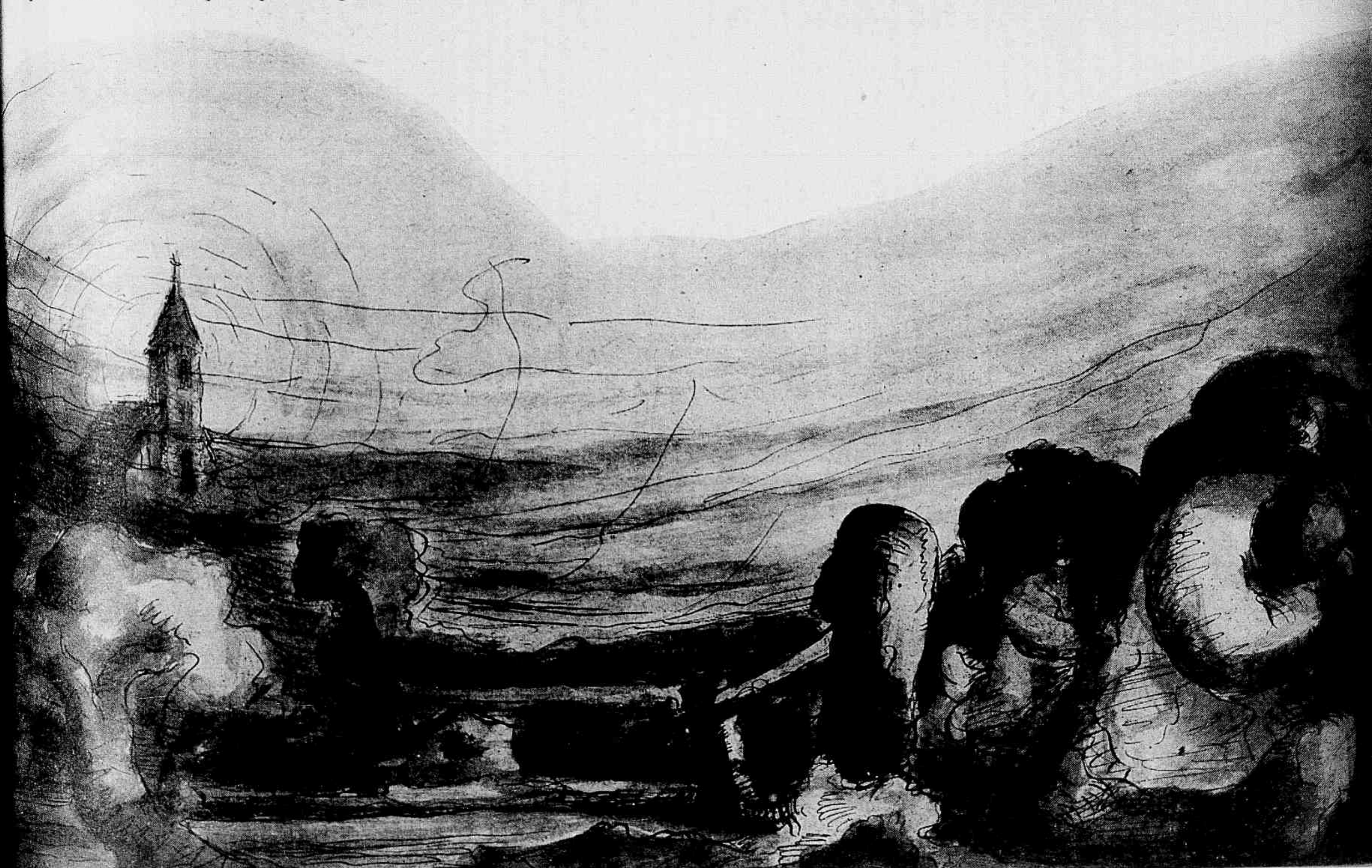
— Nêgo ficô dono dele, nha-Djanira! ficô igual a *sinhô*... — e sem deixar que ela se refizesse do espanto, continuou:

— Seu José veio de Campos e lá está um festão! Disque foi a Princesa...

Percebeu que Nhô-Julinho não era o mesmo para ela. Também estava homem! Por que iria lembrar-se de uma preta velha? Ela é que errou pensando isso. Mais tarde, quando as estrêlas brilharam no oceano escuro da noite e tôdas as vozes se esconderam no fundo do silêncio, resmungou, entre-dentes, a oração bárbara. Aprendera aquilo há 80 anos: "sempre que ocê quizê chorá reza isso." — disseram-lhe. Depois foi chegando o jongo distante. Seu povo festejava a liberdade; era a sua carne, o seu sangue. Ela também estava livre, não era mais escrava. Que adiantava isso? A maior escravidão é aquela ditada pelas leis do amor. E gostava demasiado de tudo aquilo para que desejasse ir embora. De resto, para onde iria? Que misterioso destino aguardaria o seu povo, naquela marcha para o horizonte?

Ombros nus, olhos fixos à distância, Benjamim levava a multidão inquieta pelo campo aberto. As crianças choravam. E havia no passo dos homens e das mulheres a decisão inflexível, a vontade inabalável de conquistar a terra. Atrás iam deixando um rastro de vozes e de angústias. Tocava o sino da igreja. O Coronel contemplava o espetáculo. Em seguida, olhou para os que ficaram, olhou longamente para Henrique, o mais velho de seus escravos. O silêncio é a linguagem universal dos corações. Vinda de longe, como a mensagem dos loucos, ouviu-se a última nota de uma canção de senzala, de uma canção triste.

"Um dia eles voltarão. Um dia o mundo lhes ensinará que a terra prometida está perto, muito perto de nós. Está nos nossos olhos. Está nos nossos corações."



Novas Canções de Guerra dos Estados Unidos



Capitão William A. Maguire, capelão do exército, a quem se atribue a frase: "Louvem o Senhor e passem a munição".

O capitão Maguire é capelão do exército americano em San Diego, Califórnia, estação de treino naval. A 7 de dezembro, o capelão Maguire, então servindo na esquadra do Pacífico, estava num dos cais de Pearl Harbor, quando os japoneses atacaram. Sob um fogo tremendo, conseguiu atingir seu navio onde tomou parte decidida no combate. A canção de Frank Loesser conta que:

Down went the gunner, and then the gunner's mate
Up jumped the sky pilot, gave the boys a look
And manned the gun himself as he laid aside The Book, shouting
Praise the Lord, and pass the ammunition! Praise the Lord, and pass
the ammunition!
Praise the Lord, and pass the ammunition and we'll all stay free!"

O capitão Maguire não se lembra de ter dito a frase agora tornada famoso slogan. "Se eu disse tal coisa ninguém pôde ter ouvido, no ardor do combate. Mas o que eu sentia era mesmo o que as palavras exprimem." Embora de fato não disparasse um canhão, o padre ajudou os homens a carregarem a munição por uma escadinha de madeira que levava aos canhões trovejantes.

Da canção "Praise the Lord" (Louvem o Senhor) foram já vendidos cerca de 125.000 exemplares da musica e mais de um quarto de milhão de discos.

Outro numero de sucesso das canções de guerra dos Estados Unidos é "Der Fuehrer's face", que foi escrita para um filme de propaganda dos estúdios de Walt Disney, originalmente chamado "Donald Duck in Nutzi Land" (O pato Donald na terra dos nazis) e que, devido à popularidade da canção, passou a chamar-se com o título dessa. Mais de 200.000 discos já foram vendidos e em menos de um mês a musica tinha passado a figurar entre as cinco mais vendidas.

Foi escrita por Oliver Wallace, um compositor dos estúdios de Disney que escreveu "Hindostão" em 1919 e "Quando eu vi um elefante voar", do filme "Dumbo".

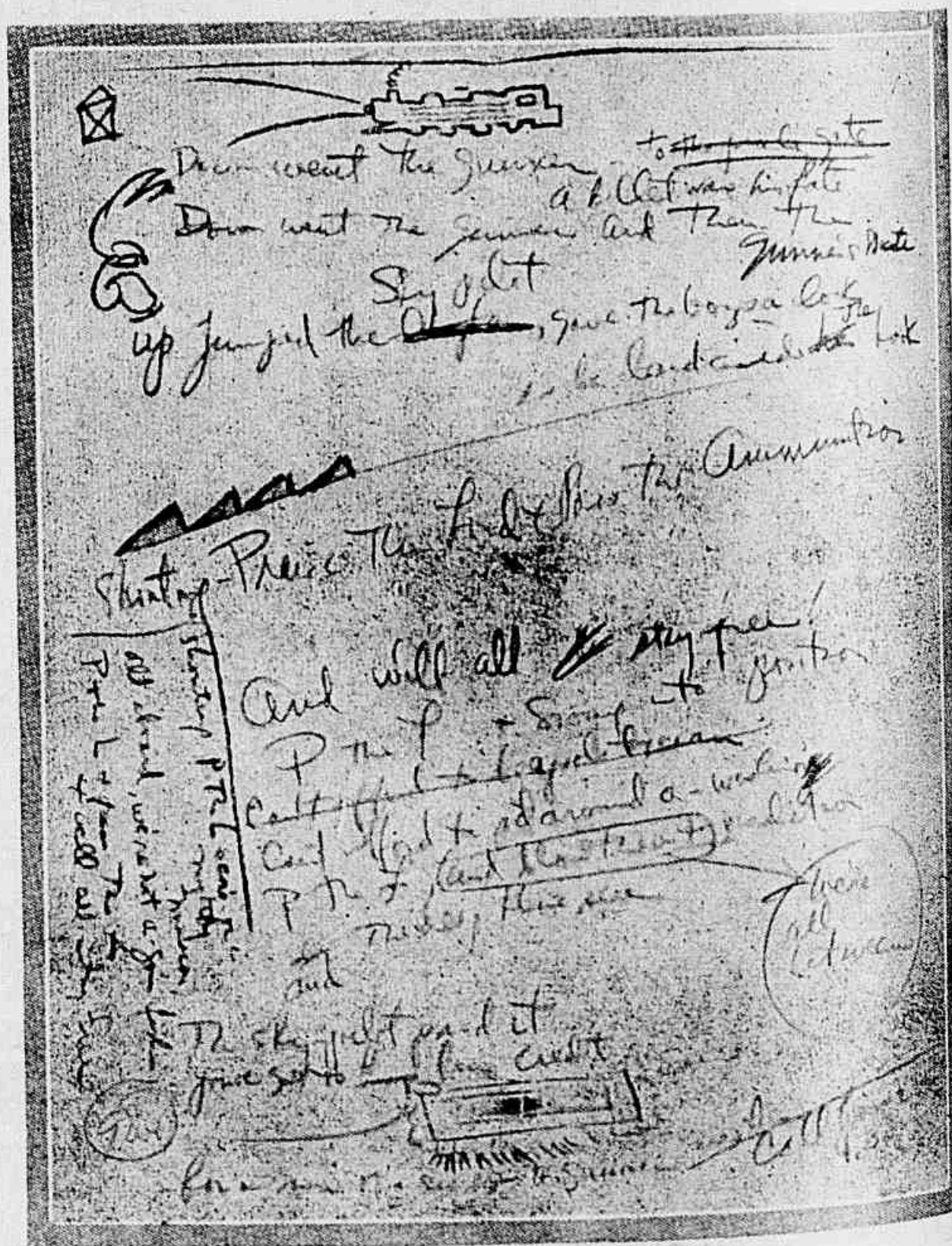
Cantada com acompanhamento de banda alemã, cada "Heil" é seguido por um estrondoso ronco de trombone. O insulto musical aos nazistas começa assim:



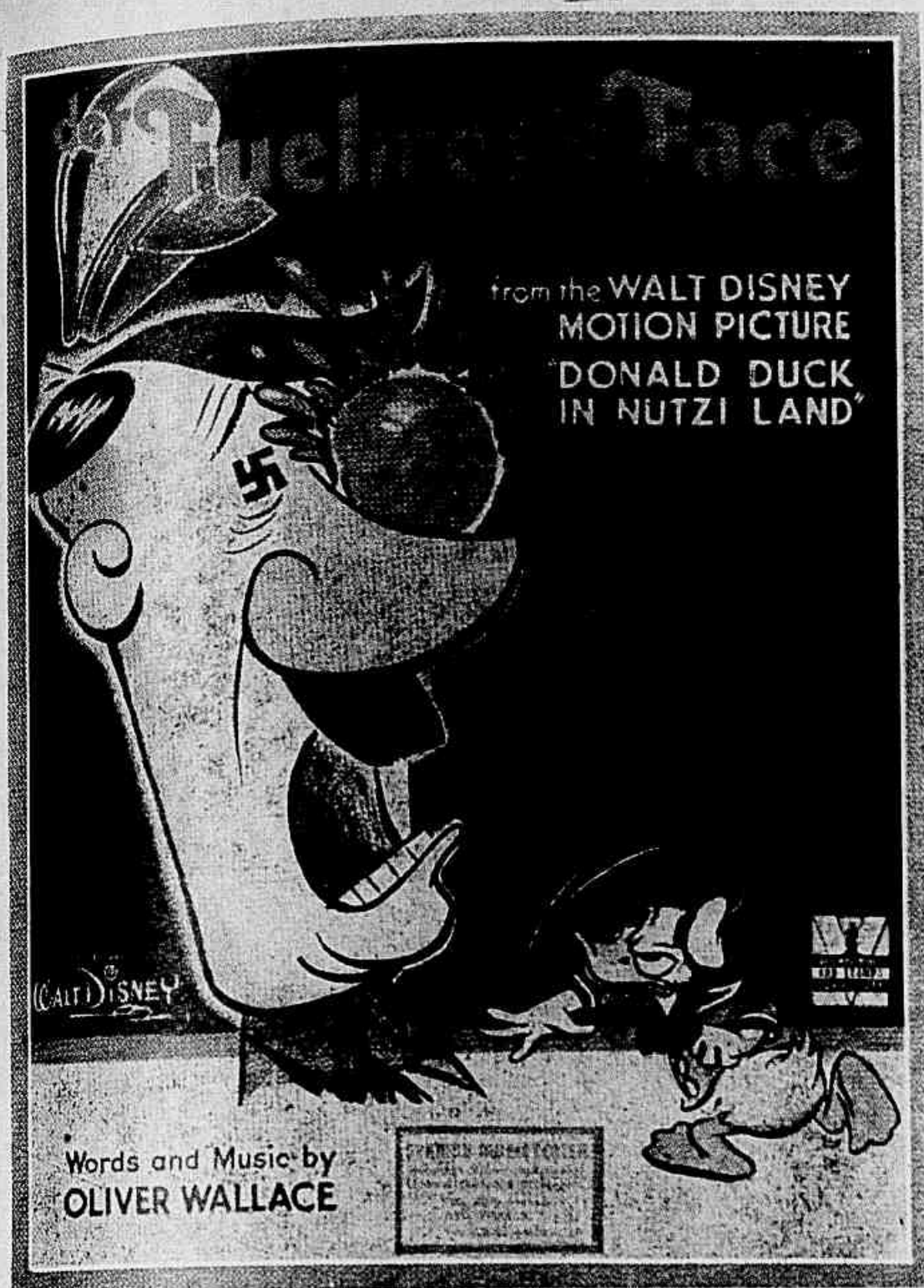
O praça Frank Loesser, rabiscando algumas idéias para o arranjo vocal de "Louvem o Senhor".

"Ven der Fuehrer says, "Ve iss der Master Race",
Ve Heil! Right in der Fuehrer, face."

Uma firma de New York ofereceu um disco de "Der Fuehrer's face" a cada comprador de bonus de guerra que adquirisse acima de \$50 dolares. Só numa tarde, por esse meio, a canção ajudou a vender mais de \$30.000 dolares.



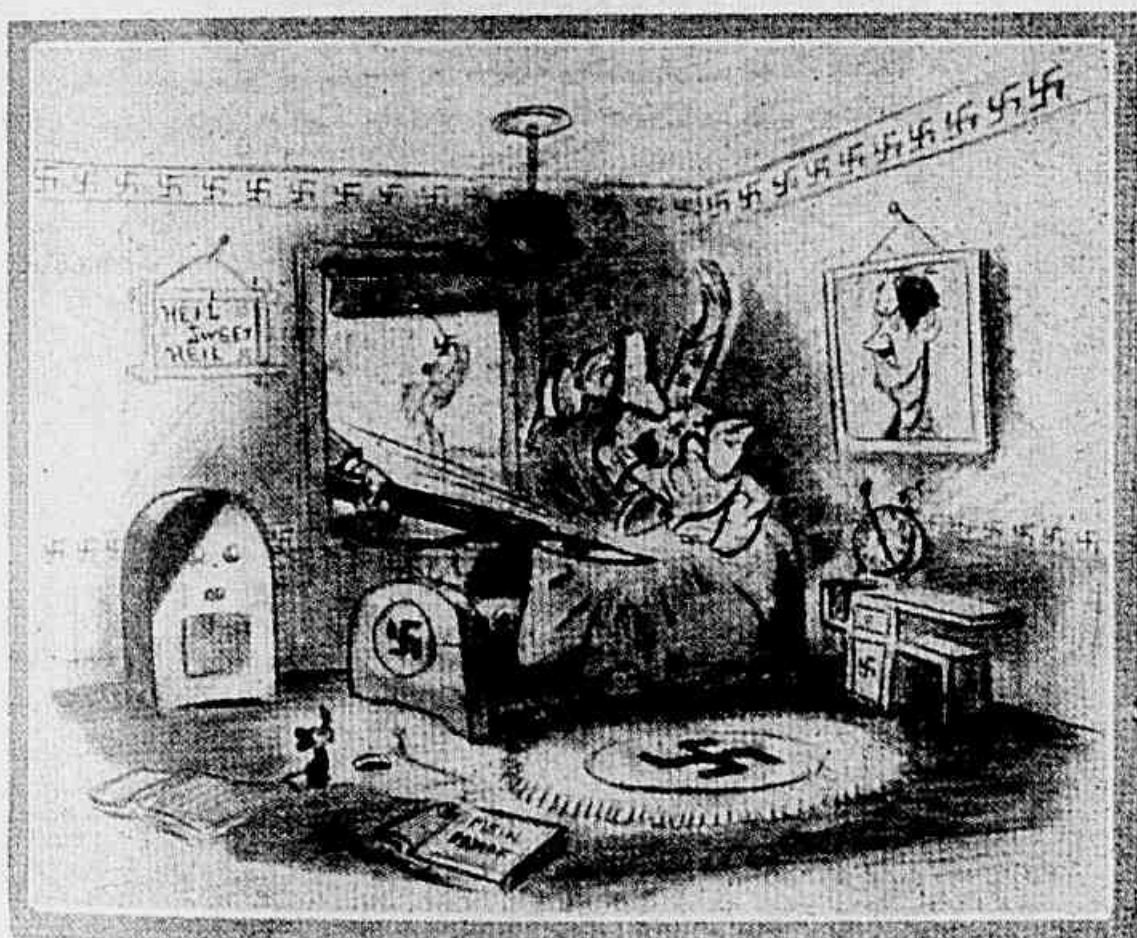
O retalho de papel no qual Frank Loesser garatujou as palavras da canção. O já agora famoso "slogan" foi também usado na Guerra Civil.



A canção "Der Fuehrer's Face" já se tornou um "best-seller". Esta capa foi impressa antes do grande sucesso da canção levar Disney a mudar o nome do filme.



Oliver Wallace trabalhando nas palavras e na música para "Der Fuehrer's Face", no seu escritório dos estudos de Walt Disney. Foi ele quem também compôs a música de "Dumbo".



"Ups, Donald!" berra um nazista, acordando o pato a ponta de baioneta. "Você terá o privilégio de trabalhar 28 horas por dia para o Fuehrer". Até o despertador faz "Heil!"



Férias com salário, segundo o estilo nazista, permitem ao pato Donald trabalhar a morrer, porém com um cenário refrescante ao fundo da oficina, mostrando uma cena sombria dos Alpes suíços.



Uma expressão significativa para cantar devidamente "Der Fuehrer's Face". A carta marca justamente o intervalo entre "Heil!" e "Right in der Fuehrer's face".

O humorista Wodehouse

A. CASEMIRO DA SILVA

Das inúmeras traduções de livros ingleses e americanos que têm aparecido nas vitrines das livrarias, a maior parte não obedece a um critério exclusivamente de valor literário, mas sim a razão mais forte de ter a característica essencial de um "best-seller".

Em que pese a muitos, sou dos que pensam que essa designação pode ser aplicada a uma obra que não possua verdadeiras coordenadas literárias. E a prova disso é que os "best-sellers" têm — para usar um símile poético já gasto — a duração das rosas de Malherbe. Quem se lembra hoje do famoso livro de Elynor Glyn "As Tres Se-

manas", aquele moxinifada romantica que tanto alvoroçou as mocinhas da época? Esse livro foi um dos maiores "best-sellers", pois tirou milhões de exemplares. Pergunto eu: pôde ele comparar-se como obra literaria a "Os Maias", a "Quincas Borba", a "Le Disciple", de Bourget, a "The Nigger of the Narcissus", de Conrad?

Felizmente, já houve quem se lembrasse de enfardelar em vernaculo grandes obras da lingua inglesa: o oracular H. G. Wells; o místico Kipling; o admiravel Joseph Conrad, esse polonês que se tornou inglês para enriquecer a albionica lingua de rutilas alfaías; o primoroso estilista

Somerset Maughan, mestre supremo da imaginação e da emotividade do amor; o exótico Ernest Hemmingway; o sibilino Huxley.

Apesar da larga divulgação da literatura anglo-americana, até agora não tivemos noticias de P. G. Wodehouse, grande humorista inglês. Creou ele uma linguagem toda sua e pitoresca para pôr na boca de seus títeres, e é nesse fator, mais do que na originalidade de seus "plots", que reside o seu incomparavel exito. De fato, a verbiagem inócua de sua criação como que em, presta um ar de ináta inconsequência a este ou aquele personagem, como o pandego e simplório baronete Bertie Wooster.

Mas a sua imperecível criação é o "valet Jeeves", um criado que é uma especie adoravel de filósofo, homem pratico e eficiente, cuja erudição — inesperada num criado, mesmo nos celebres criados ingleses de ficção — envergonhava o patrão, um egrégio de Oxford, onde fora mais fazer esporte do que abeberar conhecimentos.

Já Eça nos dava noticias, na Correspondencia de Fradique Mendes, do criado Smith, que ao amo contava, fazendo-lhe a barba, as noticias do que ia pelo mundo. Mas este famoso Smith tinha por amo um homem que tinha no olhar "vin-te séculos de literatura". O nosso Jeeves, ao contrario, é quem informava ao seu nobre senhor de tudo: desde a maneira como os egipcios faziam infusos de grêda até á maneira como desfazer sem desdouro um "complot" das mamãs casamenteiras contra o celibatismo de Bertie.

Jeeves é um criado notavel, uma criação excepcional. De sua boca respeitosa fluem os mais sabios e ponderados conceitos e, ao mesmo tempo, os mais solidos palpites esportivos.

A sua linguagem corrêta e concisa colide, hilariantemente, com a verbiagem repleta de modismos e calão do baronete, toda ela de pura invenção do escritor. E' nisso, como já disse, que repousa a originalidade de Wodehouse: ele soube criar uma linguagem original que, mercê da grande popularidade de seus livros, desceu á vulgaridade, verificando-se assim o inverso do que acontece aos outros humoristas. Estes passam o linguajar plebeu inçado de giria e modismos para os seus personagens, enquanto que Wodehouse cria-os nos seus livros e os dá ao vulgo.

O pitoresco desse linguajar é tão percuciente que Frank Swinneton, notavel publicista inglês, no seu livro "The Georgian Literary Scene" diz: "Wodehouse quer, com a sua criação de um quasi dialéto, dar ao mundo a impressão de ser o inglês uma lingua de idiotas".

Contudo é o mesmo critico quem assevéra ser o humorista um dos mais populares escritores da Inglaterra. A' parte o fato apontado dos modismos de pura invenção, é preciso notar que o poder descritivo do autor é simplesmente admiravel e vasado num estilo leve e transparente que encanta. Mas um profundo conhecimento pratico da lingua é necessario para percorrer-se as suas estupendas páginas, em que o humorismo mais sadio possivel corre paralelamente a agradaveis surtos de imaginação. E' preciso, além disso, penetrar-se o espirito da lingua e conhecer um pouco os ingleses, as suas peculiaridades de caráter, as suas pequenas idiosincrasias, o seu apego congenito ao "fair-play". Talvez seja por essa dificuldade que ainda não vimos em português, e é com pena que o dizemos, nenhum dos quarenta volumes admiraveis do principe do humorismo inglês: Pelham Granville Wodehouse.

Ideal para
CRIANÇAS!



CABE à mãe ensinar seu filho a usar diariamente um dentifrício adequado para a higiene bucal, a conservação perfeita dos dentes, com o seu brilho e o fortalecimento das gengivas. Prefira PYOTYL, porque é o mais completo dentifrício: quem o usa a primeira vez, jamais o substituirá por outro.

PYOTYL

"O CRIADOR DE SORRISOS"

o dentifrício mais completo
Creme Dental e Líquido

Em todas as boas Farmácias e Drogarias

NOSSA TERRA

Conselho Nacional de Geografia

UMA VISITA ÀS SUAS DEPENDÊNCIAS — PAISAGENS, COSTUMES E CULTURAS DO BRASIL, ATRAVÉS DE 48.000 FOTOGRAFIAS — COOPERANDO PARA A DEFESA NACIONAL — O QUE PODEM O TRABALHO, O IDEALISMO E A INTELIGÊNCIA, QUANDO BEM ORIENTADOS.

Enquanto algumas organizações estatais ou para-estatais são bastante conhecidas do grande público, outras não gozam da mesma popularidade, embora seus serviços ao País sejam extraordinários. O Conselho Nacional de Geografia está neste caso. Ainda que a sua publicação oficial (*Revista Brasileira de Geografia*) seja considerada em nossos meios intelectuais a mais substancial e bem organizada publicação cultural brasileira; ainda que algumas de suas realizações não sejam ignoradas entre nossas elites — o povo, propriamente, desconhece as obras deste órgão, o seu belo museu em comêço, sua preciosa biblioteca, as diversas seções, enfim, que integram a sede central, no Rio, e as sedes regionais, nos Estados.

Foi, portanto, o desejo de informar aos leitores da REVISTA DA SEMANA sobre o que se tem feito e do que se pretende fazer, neste organismo, que nos levou até lá para ouvir seus dirigentes e conhecer as suas instalações.

Em 1936 surgiu o Instituto Nacional de Estatística. No ano seguinte, para que possuíssemos uma organização similar ao tipo padrão das organizações congêneres estrangeiras — acatando uma sugestão do cientista Dermartone — cuidou-se de transformar o I. N. E. no I. B. G. E. Sendo Ministro do Exterior o sr. José Carlos de Macedo Soares, brasileiro que reúne os mais notáveis dotes de inteligência e de cultura a uma capacidade invulgar de realizador, a idéia encontrou em Sua Excia. um dos maiores entusiastas; as reuniões preliminares processaram-se no Itamaraty.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística triplicou-se no Conselho Nacional de Estatística, Conselho Nacional de Geografia e no Serviço Nacional de Recenseamento. Destas três divisões a que nos interessa aqui é o C. N. G., agora esplendidamente instalado no Edifício Francisco Serrador. Compõe-se de um órgão administrativo, que é a secretaria geral do Conselho, órgãos deliberativos e órgãos opinativos. Assim, existe a assembleia geral que se reúne uma vez por ano, sob a presidência do Presidente do Instituto, integrada pelos membros da Diretoria Central, representando a União Federal, os presidentes dos Diretórios Regionais, representando as unidades federadas e dois representantes das organizações particulares integradas. O Diretório Central constitui-se dos seguintes membros: Presidente do Instituto, Diretor do Serviço de Geografia e Estatística Fisiográfica, como secretário geral do Conselho, um delegado técnico de cada ministério, um representante especial do Ministério da Educação e Saúde, pelas instituições oficiais do ensino de Geografia, um representante especial do Ministério das Relações Exteriores, como elemento articulador das relações internacionais do Conselho, um representante do Governo do Distrito Federal e um representante da C. N. E. Em seguida vêm os diretórios regionais, as comissões técnicas, o corpo de consultores técnicos e o órgão executivo central.

Não nos alongaremos porém, analisando essa estruturação burocrática. Preferimos abordar o capítulo das realizações objetivas do Conselho. Antes, porém, chamaremos a atenção para o caráter verdadeiramente nacional do Conselho. Desde o Rio de Janeiro à última sede municipal do Amazonas, ele está presente. Tudo isso sem acarretar ônus aos cofres públicos, aproveitando as organizações administrativas porventura existentes, nos Estados e nos Municípios. O C. N. G. representa, portanto, a mais completa mobilização de esforços em todo território nacional visando um único objetivo.

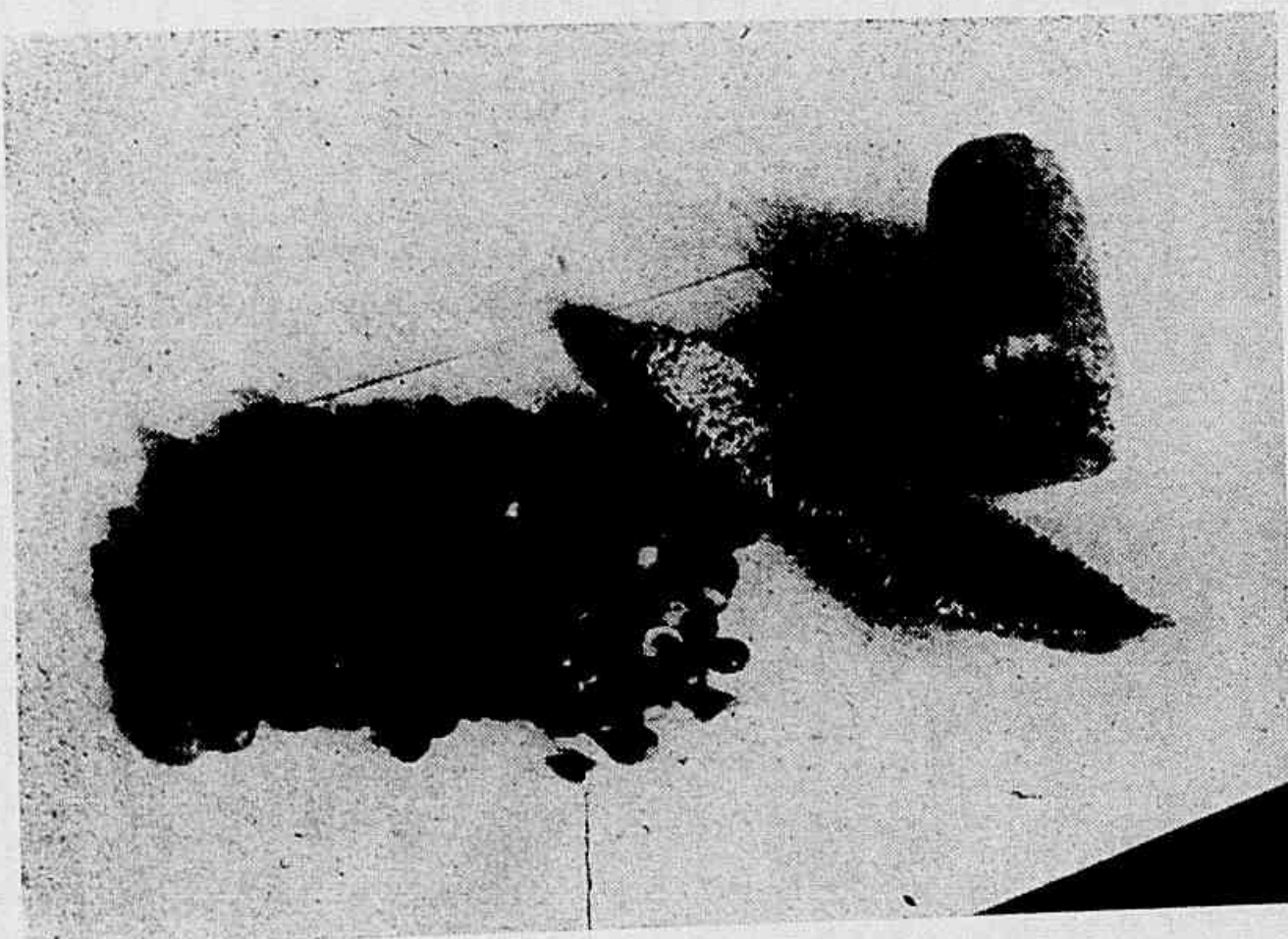
O decreto-lei 511, de 10 de Março de 1938, a chamada *lei geográfica do Estado Novo*, determinou que cada município, sob pena de ser caçada sua autonomia, apresentasse um mapa de seu território, observando uma sistemática baixada pelo C. N. G. O modelo foi um recorte do Município de Araxá, elaborada por um engenheiro do Conselho.

Mas, considerando a dificuldade que alguns longínquos municípios poderiam encontrar para cumprir tais disposições, o Conselho punha à disposição de todos sua preciosa assistência técnica. Em 1910, no local da Feira de Amostras, realizou-se a maior exposição cartográfica da América do Sul. 1574 mapas municipais, o total dos municípios brasileiros! Uma verdadeira *chamada geográfica*, a que a pátria inteira respondeu, reafirmando os laços indestrutíveis de nossa unidade nacional.

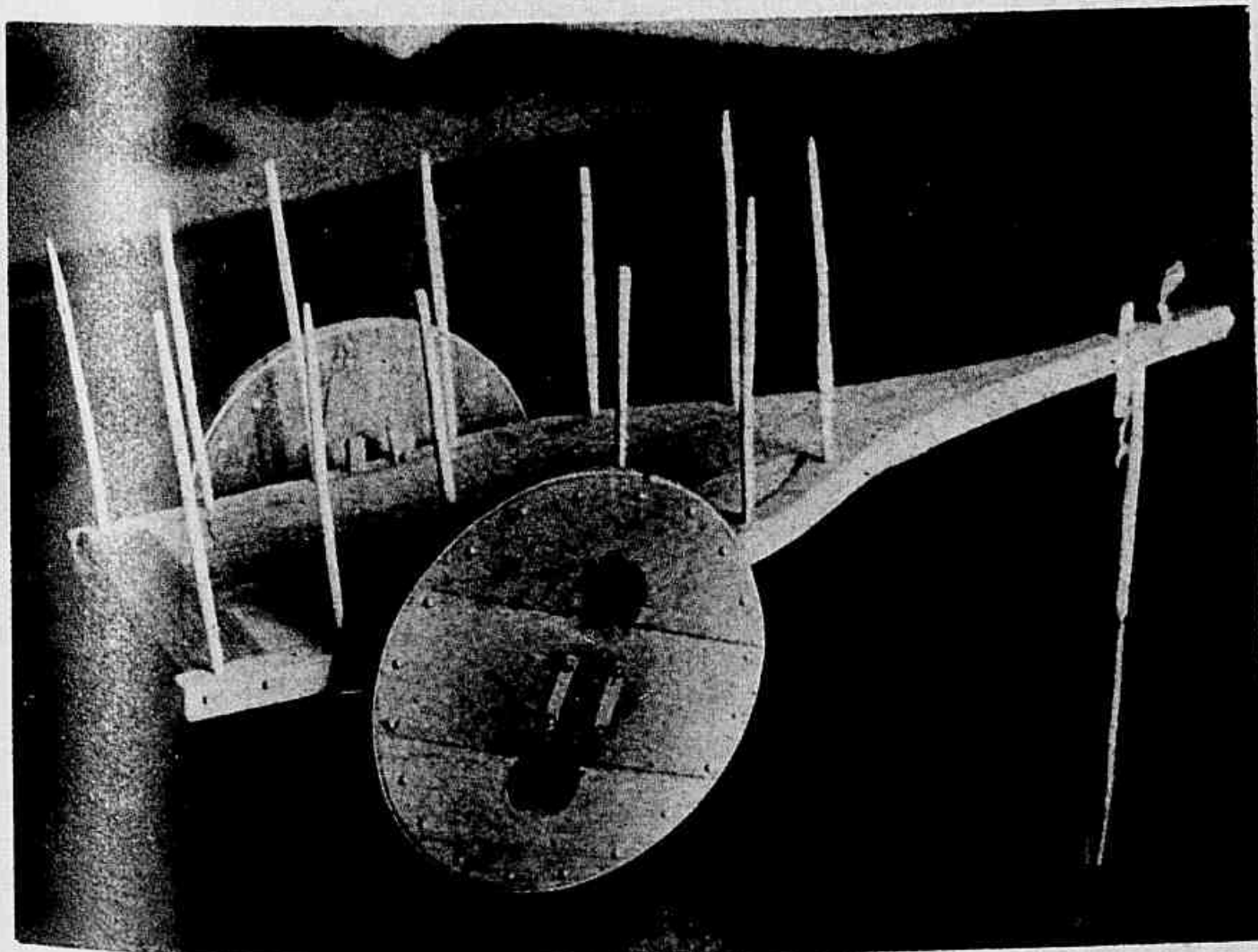
Estas cartas foram feitas visando a nova carta geral do Brasil, ao milionésimo, em 52 folhas, a ser preparada pelo Conselho. Esta carta, de enorme utilidade, sob todos os pontos de vista, será, de certo modo, uma atualização da única vulgarizada até agora, a chamada *Carta do Centenário*, confeccionada pelo Clube de Engenharia, em 1922.



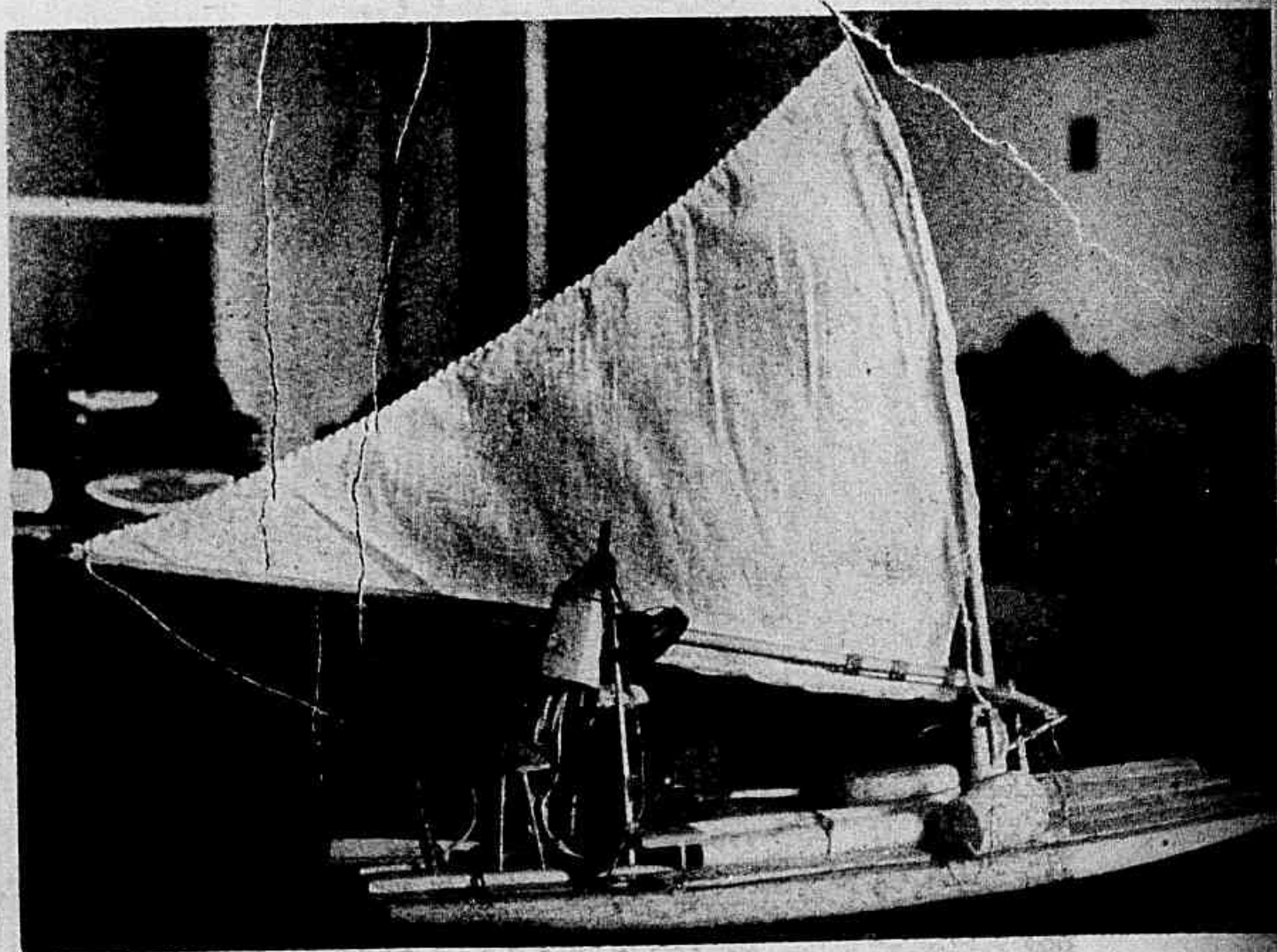
SURPREENDIDA — O funcionalismo do Conselho Nacional de Geografia foi recrutado entre os melhores elementos de nossas elites estudiosas. Desde os desenhistas aos técnicos das diversas seções, são numerosos ali os alunos de escolas superiores, os professores, os homens reconhecidamente dedicados ao estudo. Vemos aí uma desenhista cuidando do traçado de uma carta.



GUARANÁ — Quando se pede um guaraná gelado, num "bar", nem de longe pensamos nas longínquas origens daquela bebida e no complicado processo de seu preparo. A presente fotografia dá uma ligeira idéia desse processo. Em primeiro lugar, vemos o "bastão de guaraná", feito ao partir das sementes; em seguida a língua de piracuru usada para raspar o guaraná em bastão; depois, a semente de guaraná, ainda por preparar.



CARRO DE BOIS — A'queles que conhecem a paisagem hinterlandica brasileira este veículo não será estranho. Tank autêntico, vencedor de todos os caminhos, é um agente da unidade nacional, assegurando o comércio e o transporte pelos sertões.



JANGADA — Pretexto para uma abundante literatura, esta embarcação desenvolve um papel notável nas praias do Norte. Nela é que os pescadores se fazem ao mar, é que o nordestino intrépido revela a fibra de nossa gente. Detalhe curioso é que a jangada pronta, "aparejada" como eles dizem, tem 43 peças diferentes!



AMBIENTE DE TRABALHO — O que sentimos em todas as seções do C. N. G., desde o primeiro instante, foi o ininterrupto dinamismo dos funcionários. Dir-se-ia que aquela gente não trabalhava, apenas pela obrigação de trabalhar. Percebemos nos olhares, nos gestos, o entusiasmo, o idealismo de que todos se acham possuídos naquela casa. Este fato talvez explique o segredo do sucesso de quaisquer iniciativas do Conselho.

Sob o patrocínio do Instituto está em preparo, também, o Dicionário Toponímico do Brasil, cuja inexistência era uma falha bem reparável na bibliografia brasileira. Posteriormente a esse dicionário, cuidar-se-á do reajustamento toponímico, desfazendo-se a enorme balbúrdia reinante no assunto.

Alguns nomes são repetidos em 5, 7, 10 e mais cidades espalhadas em tôdo s províncias. Isso traz consequências bem prejudiciais, mórmente nos serviços de correios e telegrafos. Dentro do critério de um maximo respeito às tradições históricas e aos legítimos direitos de cada cidade, proceder-se-á a uma alteração de seu batismo.

A cargo do Conselho está o serviço de assinalar coordenadas geográficas no terreno. A marcação é empreendida com um marco de cimento contendo uma medalha metálica com as indicações necessárias e as iniciais do Instituto.

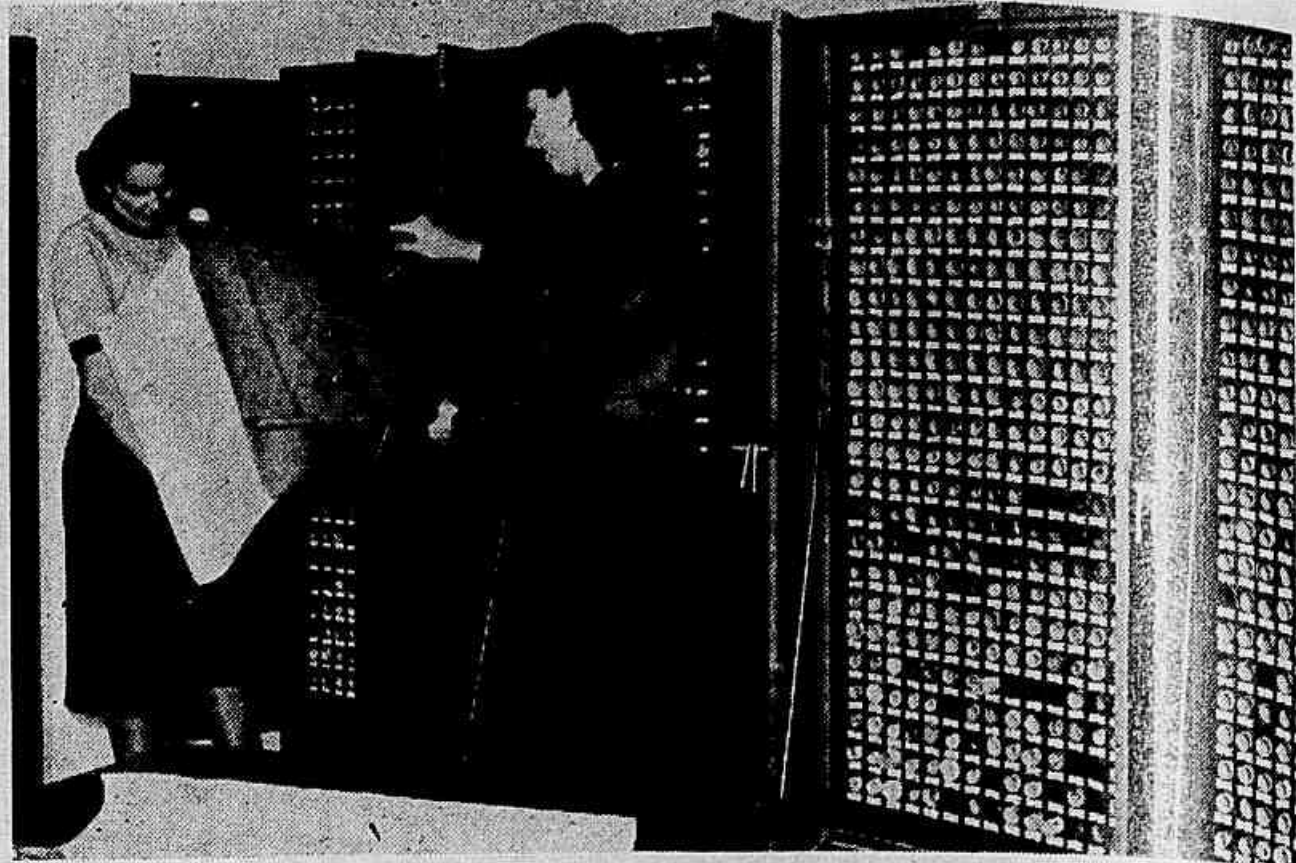
Numa perfeita unidade de vistas com o Serviço Geográfico do Exército Brasileiro o Conselho vêm prestando às forças que defendem a América uma colaboração eficiente fornecendo aos comandos os dados geográficos necessários às operações.

O Conselho já patrocinou, também, um Congresso Nacional de Geografia, inaugurado em Florianópolis, a 7 de Setembro de 1940. Foi o nono conclave no genero, considerando-se os oito anteriores, patrocinados pela Sociedade Brasileira de Geografia.

Em 1943, se não sobrevier algum obstáculo, reunir-se-á o 10.º, em Belém do Pará. Visando tal objetivo já está agindo a comissão autônoma, presidida pelo engenheiro Raja Gabaglia. Esses congressos são extraordinariamente uteis, não só pelas numerosas monografias e teses apresentadas, como — e principalmente — pelo conagração que promove entre os professores e estudiosos da geografia em todo o Brasil. No de Florianópolis, por exemplo, os congressistas tiveram a agradável surpresa de conhecerem em primeira mão, um trabalho magistral, que, uma vez publicado, será para sempre dos grandes livros sobre o Brasil — *O Homem e o Brejo* — do sr. Alberto Lamago Filho. Este livro, prestes a ser lançado pelo Conselho inaugurando a Biblioteca Geográfica Brasileira estuda a luta homérica do homem contra a agua, na planície goitacás, sob o prisma da geografia humana.

De uns tempos para cá a seção de Estudos Geográficos, chefiada pelo professor Fabio Macedo Soares Guimarães vem promovendo às terças-feiras, às 17 horas, interessantes tertúlias, durante as quais mestres e discípulos discutem os problemas geográficos, com um espírito de cooperação nos moldes universitários estrangeiros.

Outro-sim, a mapoteca, a filmoteca, o arquivo corográfico e a biblioteca são outros importantes departamentos sob a chefia do sr. Virgílio Correa Filho. O Ar-



MAPAS MUNICIPAIS — Um dos inestimáveis serviços prestados ao Brasil, pelo Conselho Nacional de Geografia, é o de ter promovido, em 1940, a realização de 1574 mapas municipais, ou seja o de todas os municípios do País, preparando, outro-sim, a futura carta geral do Brasil ao milionésimo, em 52 folhas. No arquivo aqui focalizado encerra-se, portanto, muito bem estudado, o território nacional.

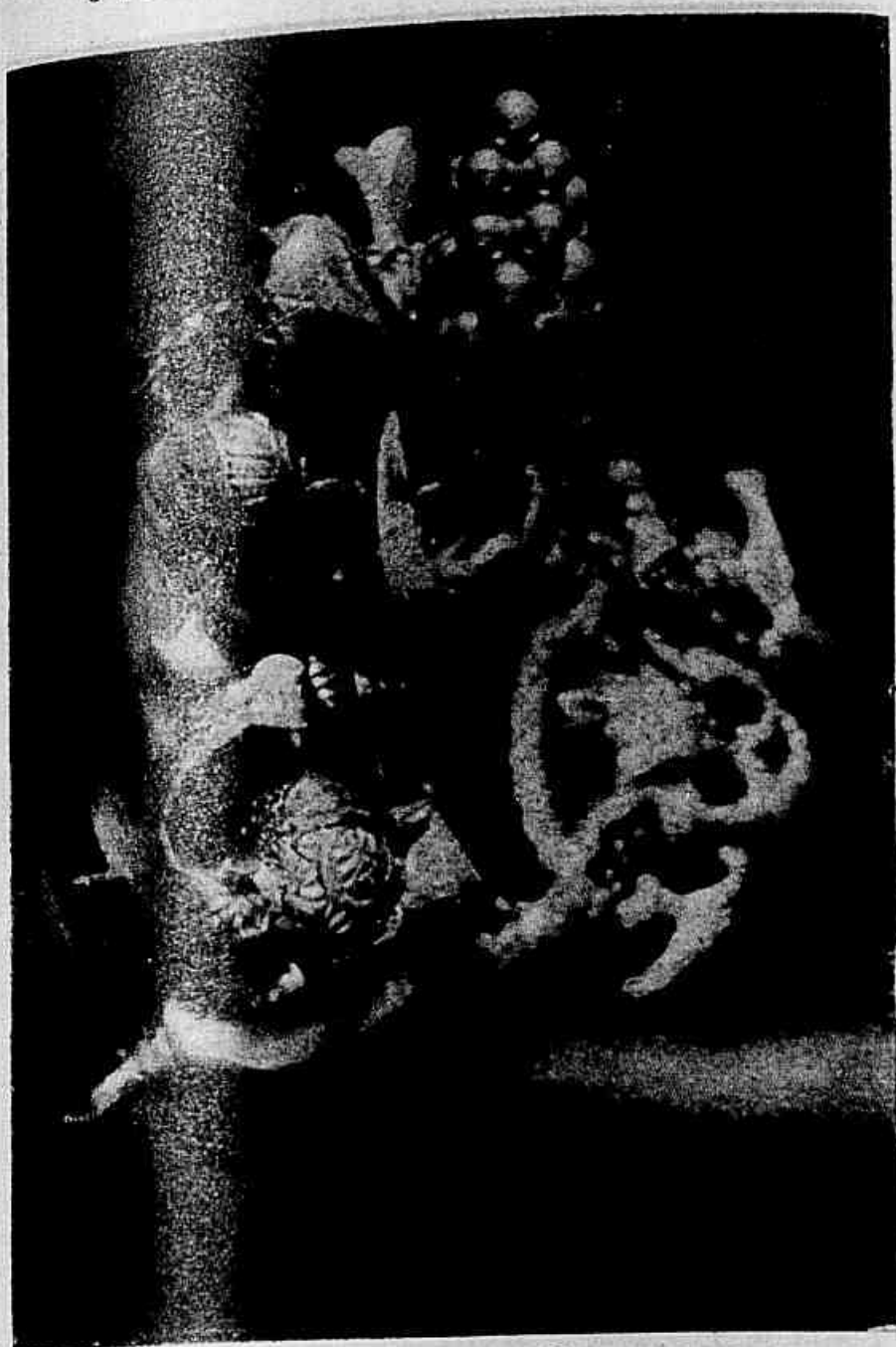


COISAS BONITAS — Da esquerda para a direita: pote feito de Steatita, vulgarmente chamada pedra sabão, encontrado em grande quantidade na redondeza de Ouro Preto. Miniatura de panela de ferro usada pelos tropeiros, em Minas Gerais. Ouriço de castanheira, trabalhado. Pássaro confeccionado com um coco da Baía, sem a cabeça, de jarina. Valva de concha, lavrada, indústria de Santarém, no Pará. São simples curiosidades que mostram a nova possível riqueza do País, quando industrializarmos, em alta escala, todos os produtos vegetais e minerais existente no sóio pátrio.



BAIANA — Nosso povo faz coisas curiosas. Há pouco tempo, "descobriu" a baiana, esse tipo de mulher negra vendendo de bolos, cheia de colares e enfeites — herança ainda subsistente dos tempos do tráfico escravo. De resto, qual o bom brasileiro que já não comeu acarajé, angu, bolinhos de farinha e co-cada? Pois aí temos uma legítima baiana de Osalá, originária do desconhecido (Baía).

TRÊS RIQUEZAS — Um sociólogo comentou há pouco que da "terra que tudo produz" passamos à "terra que não produz nada". Exagêros bem latinos e bem brasileiros. A verdade, entretanto, é que o Brasil encerra, de fato, riquezas imensas. Ai vemos amostras do petróleo de Lobato, da borraça da Amazonia (cepe em estado de bruto) e de minério de ferro.

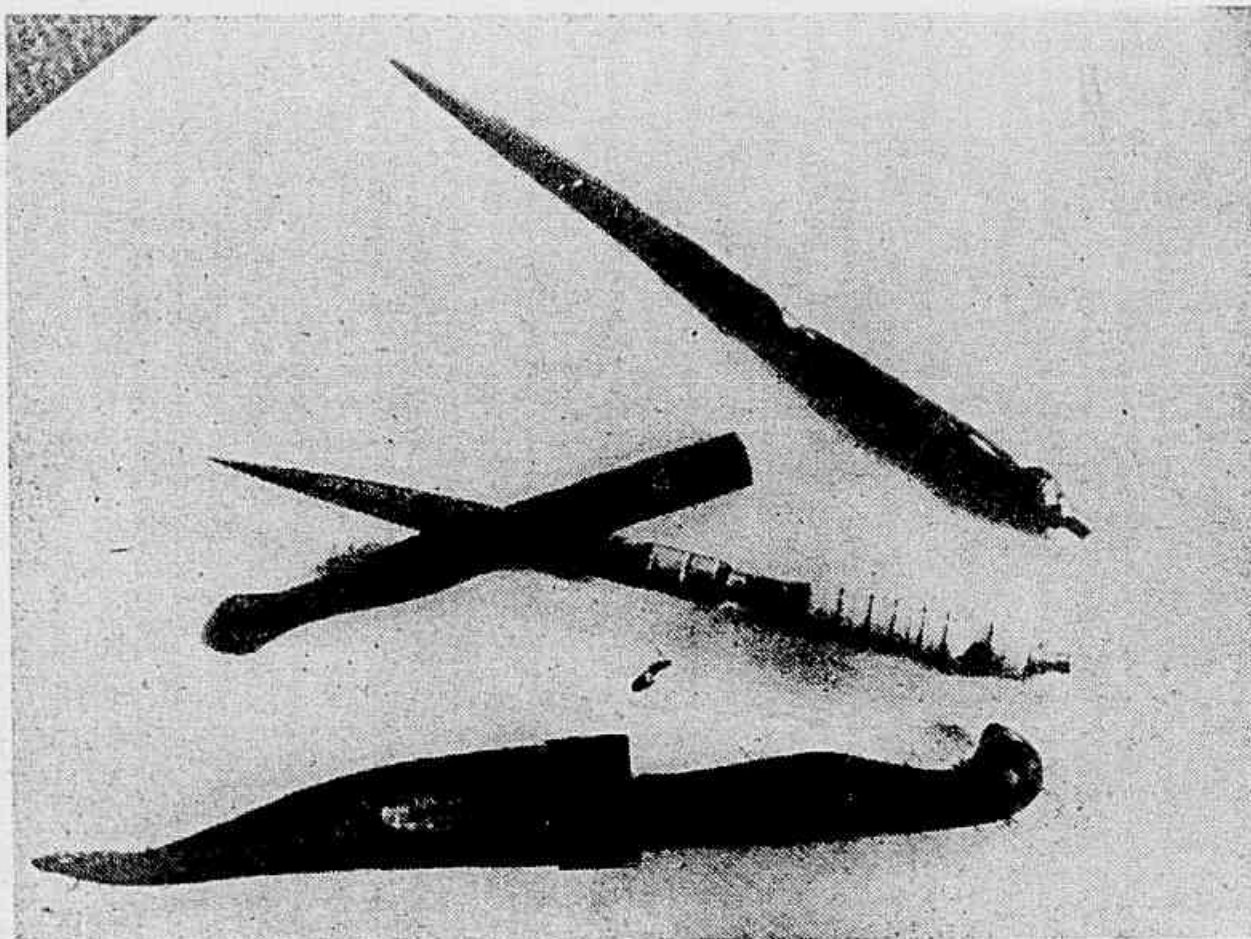


BARANGANDANS — De mero ornamento africano ostentado pelas velhas mães pretas, os barangandans são hoje quase que um símbolo da cultura material do Brasil. Símbolo, porque apesar de sua origem negra, recebeu de pois a influência lusa e índia. Este magnífico exemplar, confeccionado em prata, na Baía, encerra miniaturas de objetos típicos das três culturas que formaram a civilização brasileira.

quivo Corográfico destina-se a reunir todo material, todo documento de caráter geográfico que não possa figurar na Biblioteca. Obtem-se, deste modo um rico manancial de informações, muito consultado pelos estudiosos. Só em fotografias do Brasil chegou-se à respeitável cifra de 48.000 unidades! A biblioteca já atingiu 18.000 volumes. Gabinete de cópias fotostáticas, *ateliers* de desenho cartográfico e outras seções desenvolvem ainda intensa atividade.

O Museu de Geografia, inaugurado a 15 de Março p. p. é uma das seções do Instituto que mais forte impressão causa ao visitante. Embora pequeno ainda, apresenta-se minuciosamente organizado, com uma bela aparência, fazendo prever o papel utilíssimo que desempenhará em futuro próximo. "Destina-se o Museu a reunir objetos que digam da nossa Geografia e que não sejam livros, mapas, fotografias ou filmes, e documentos, relativos ao território nacional. Diferencia-se o Museu dos demais, porque não o motiva a documentação do passado, senão o registro do presente. É um museu vivo. Nele como que se apresenta o Brasil, em miniatura, através das suas paisagens naturais e cultu-

AREIAS DO BRASIL — Eis aí um dos trabalhos mais delicados e interessantes, originário do Nordeste. Representa um esforço quase beneditino do artista, arrumar estas areias de cores diversas, de maneira a formar desenhos, visíveis do exterior. Constitui um belo ornamento doméstico.



ARMAS — Nós somos um dos povos mais pacíficos, mais líricos do mundo. Não obstante, subsistem em algumas regiões sertanejas uma certa tradição de valentia e de aventura. Explicado por esses ou aqueles fatores, a verdade é que o cangaço constitui um capítulo da história social brasileira. Das poucas armas usadas pelo sertanejo, o punhal é uma das mais importantes; vemos aí três miniaturas, originárias, respectivamente, do Estado do Rio, do Nordeste e de Goiás.

rais. Por ele, como que se sentirá a vida nacional: os personagens-tipos, os gêneros de vida, os costumes, o cenário".

N. DA R. — *Somos particularmente gratos pelas atenções recebidas durante este trabalho, ao engenheiro Cristovão Leite de Castro, ao dr. Carlos Pedrosa, chefe de publicidade do C. N. G. e a d. Cacilda Fernandes, encarregada do Museu.*
(Fotografias de ARNALDO VIEIRA)



SATELITES DE DIAMANTE — Estes seixos polimórficos constituem, nas zonas diamantíferas um bom indicio da presença de diamantes. Entre as denominações pitorescas que os garimpeiros lhes emprestam, contam-se as seguintes: ferrugem, feijão, dente de cão, grão de porca, pingo d'água. O tubo de metal é o "piquá", usado pelos pescadores de diamantes para guardar as pedras achadas. Finalmente um velho cachimbo encontrado durante escavações recentes nas redondezas de Ouro Preto e que se presume ter pertencido a algum minerador do Setecentos.



CABAÇA E CUITÉ — Estes dois objetos denunciam o esforço do homem aproveitando os recursos que a natureza coloca a seu alcance. A "cabaça", fruto da cabacena, depois de convenientemente preparado, destina-se ao transporte ou acondicionamento de água e caldo de cana. A cuité, cuja preparação da casca do fruto do mesmo nome, serve para múltiplos fins na casa do caboclo.



O engenheiro Cristovão Leite de Castro é o secretário geral do Conselho Nacional de Geografia e diretor do Serviço de Geografia e Estatística Fisiográfica, órgão executivo do C. N. G. Aí vemos S. Excia. quando atendia gentilmente ao redator da REVISTA. Detalhe digno de nota é que a mesa visível aí, serviu ao Barão do Rio Branco, no Itamarati.

PAMPAL

O DINAMISMO

TRABALHAMOS E ORGULHAMOS

QUANDO Henrique Lage desapareceu do rol dos vivos, pairou no espírito dos que ficaram sobre a face da terra a sensação de que uma grande força se extinguira. E era verdade. O "Cadete n.º 1" significava alguma coisa de imensamente grande na vida do país. Era uma vontade em marcha. Era um dinamo incansável. Era uma predestinação que se orientava sempre no sentido ascensional da grandeza da pátria.

E Henrique Lage morreu!

Morrem outros — maiores e menores — morrem outros iguais. E ele teria que morrer. Mas também outros, iguais ou maiores, ficam imortalizados — e ele também está, longe dos vivos, recordado sempre, e essa recordação continuada é uma fórmula perfeitamente aceitável de imortalidade.

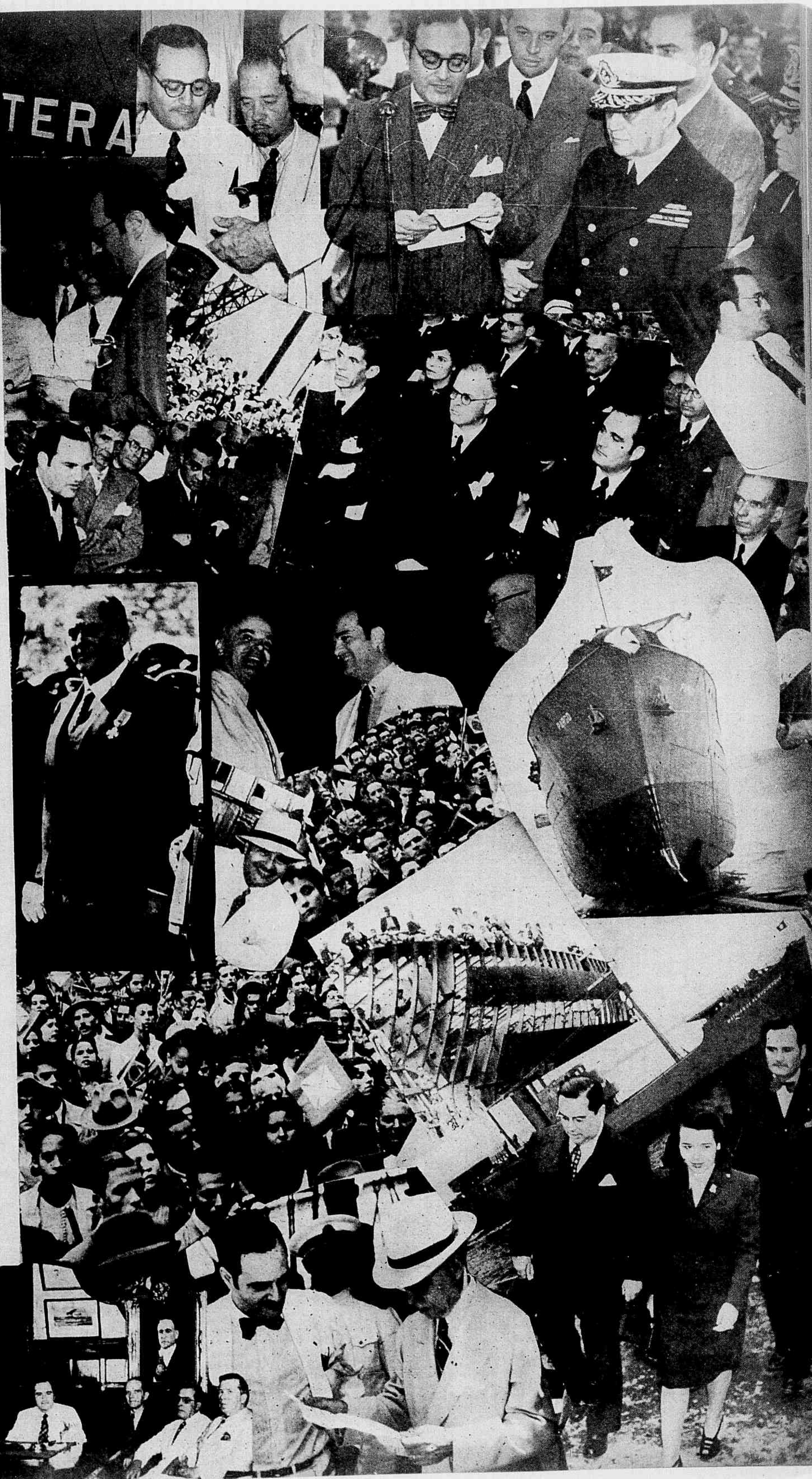
O eminente Sr. Getúlio Vargas, cuja data natalícia o País inteiro comemorou eloquentemente há poucos dias, não quiz que a obra de Henrique Lage sofresse o colapso natural que sobreviria ao seu passamento e, com sua peregrina visão de Estadista, continuou a acionar o dinamo em perspectiva de parada. Lembraram-se todos, na comemoração do Dia do Presidente, desse trabalho grandioso realizado pelo Chefe da Nação: põmo-lo nós agora em relevo, destacando, do acervo de realizações do Dr. Getúlio Vargas a escolha acertada que S. Excia. fez do substituto de Henrique Lage.

Não foi S. Excia. procurar em esferas alheias aquele que pudesse ser o continuador da grande obra. Foi buscar dentro da própria forja quem era de fato o detentor do verda-

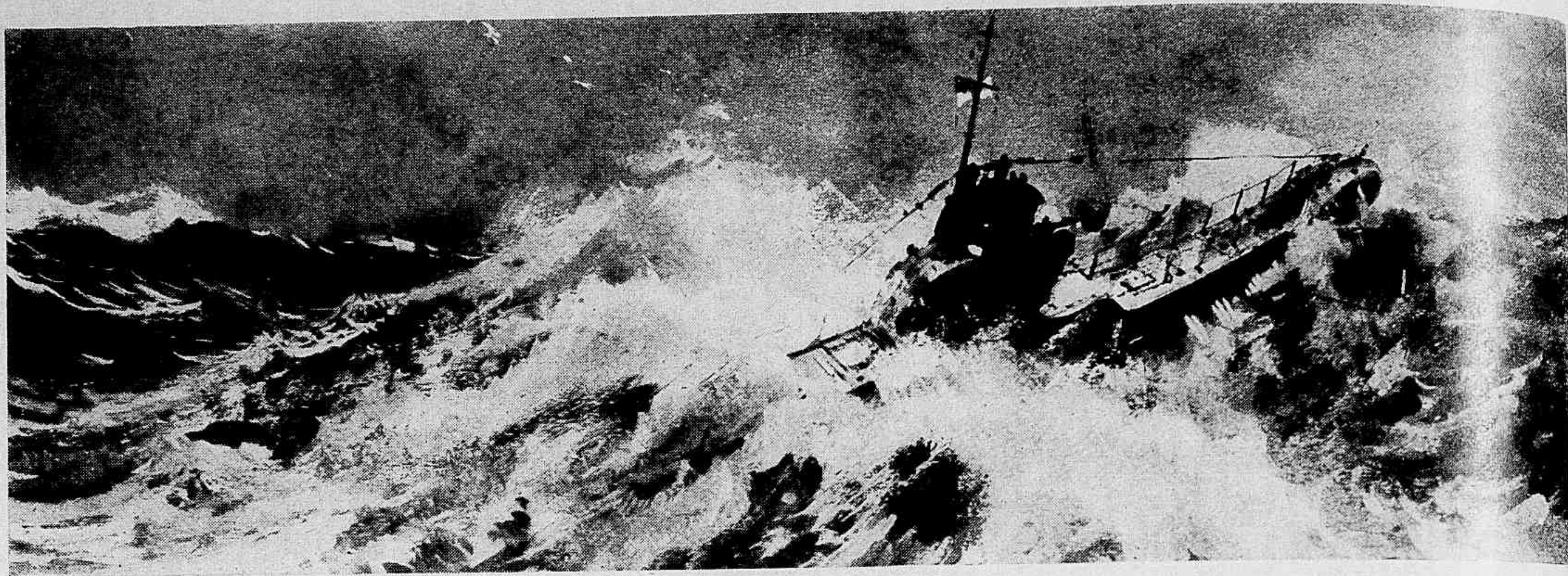
VIGAL DE NEGRICION

NOSSO TRABALHO

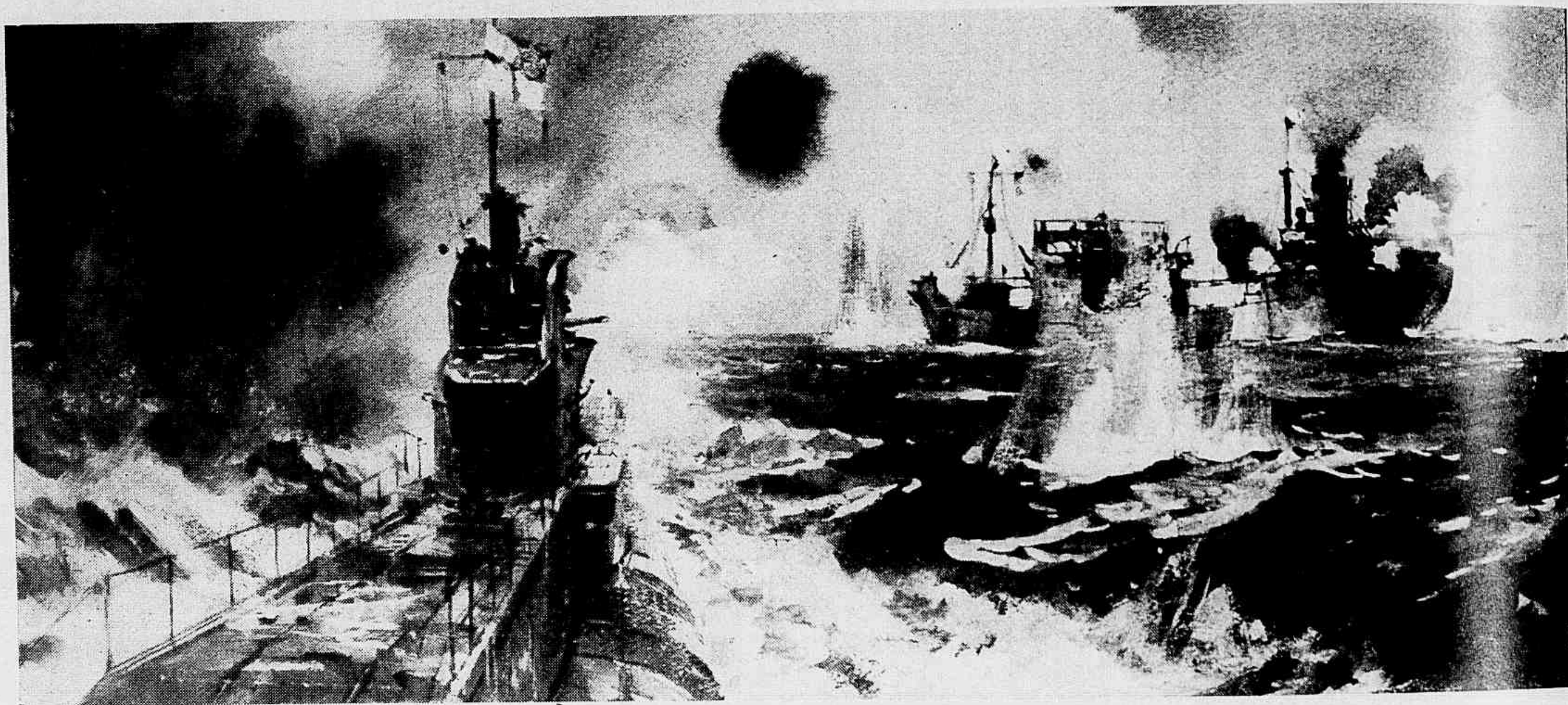
Destacamos, assim, mais uma feliz realização do Presidente Vargas, escolhendo alguém que poderia, pelo seu pulso firme, manter o que estava feito e conseguir o que se haveria de fazer.



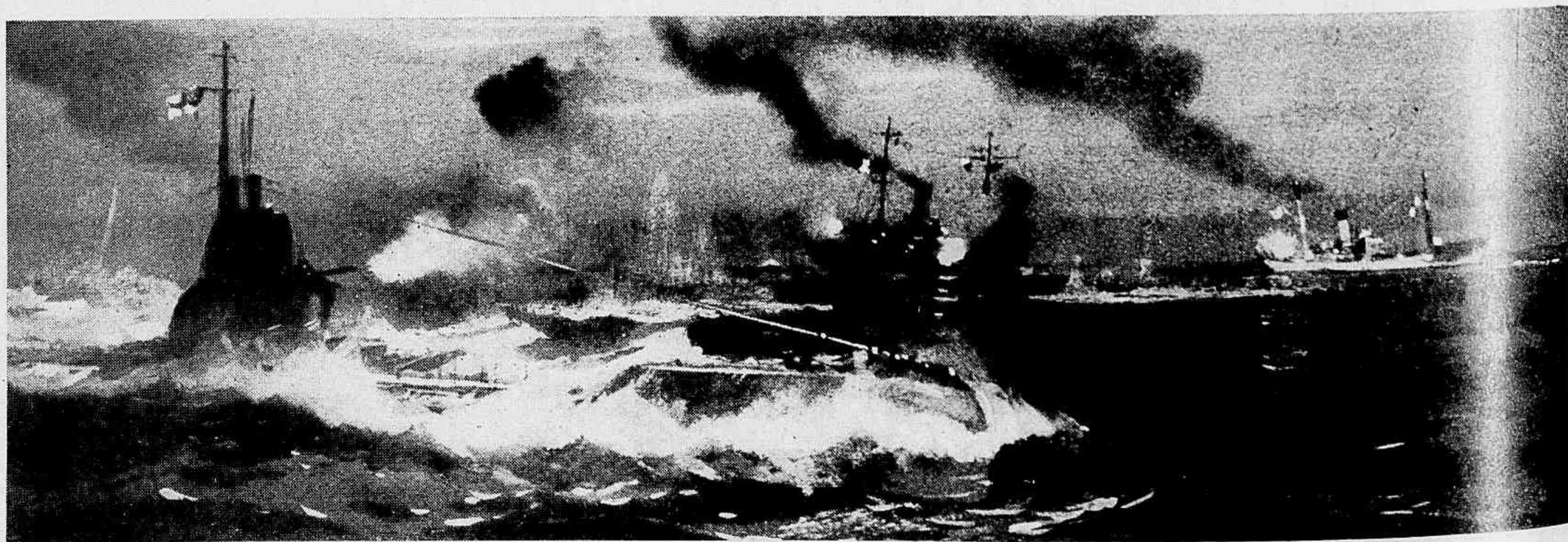
Os extraordinários feitos do submarino "Torbay"



Os feitos do submarino "Torbay". No início do seu memorável cruzeiro de doze meses nas águas do Mediterraneo, atravessou tempestades com o mar enfurecido, como mostra nosso desenho.



Deu batalha a um petroleiro alemão armado, e o desenho mostra o progresso do duelo. Em doze meses afundou cinco navios de abastecimento, dois (provavelmente três) tanques muito provável um destróier, danificou outros e destruiu 21 navios auxiliares.

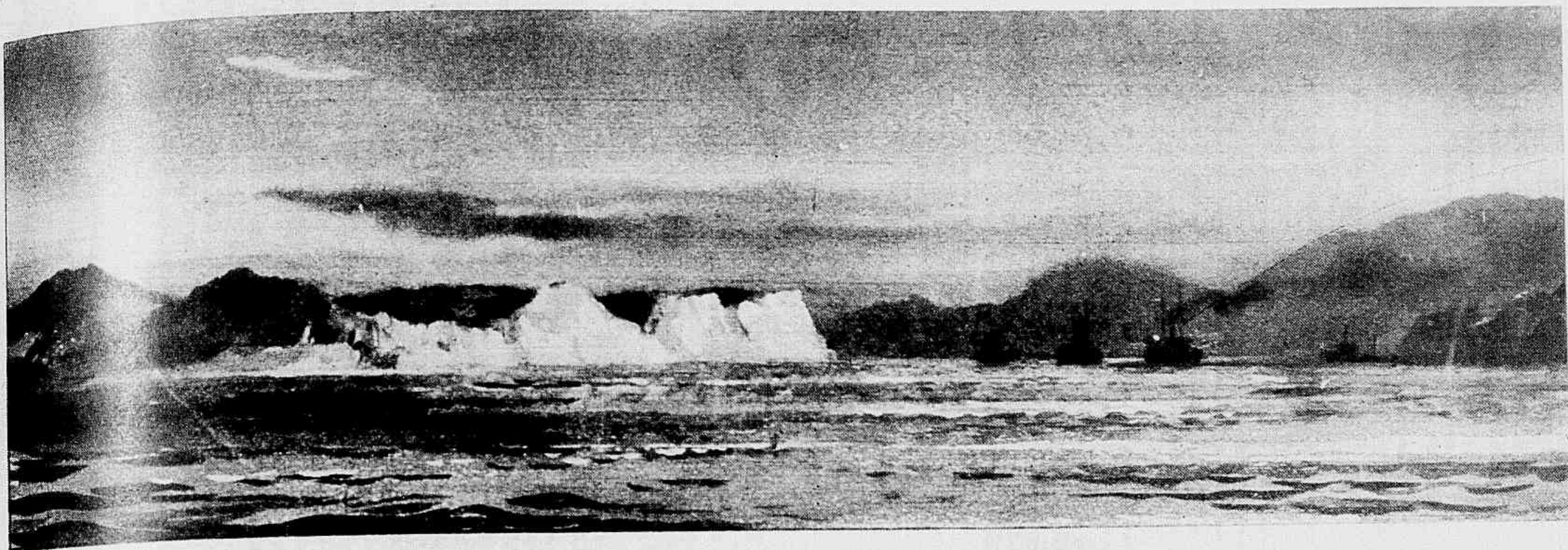


Noutra ocasião, pôs a pique dois lança-minas inimigos e avariou bastante um terceiro com a artilharia. Os prodigiosos feitos do comandante Miers, com 35 anos de idade, começaram a fazer com que o "Torbay" sobressaísse nas águas do Mediterraneo.

O comandante Anthony Miers, do submarino britânico *Torbay*, foi condecorado a 7 de Julho último, por feitos de extraordinária energia no Mediterraneo, realizados em doze meses, e nada menos que 23 condecorações foram concedidas a seus oficiais e tripulação. Seus feitos tornaram-se quasi lendários. Sua façanha máxima, entretanto, foi o raide contra um comboio eixista que se abrigara em Corfú. O *Tor-*

bay penetrou no porto, através do estreito canal, desafiando os navios de guerra que aí se achavam e chegando mesmo a vir a tona, em pleno luar, afim de carregar suas baterias. Recebeu, então, ordem de regressar a sua base e deu uma resposta digna de Nelson: "*Alegro-me em saber que a ordem de regresso não entra em conflito com a presente operação.*" Na madrugada, atacou os navios, afundando dois deles, e conse-

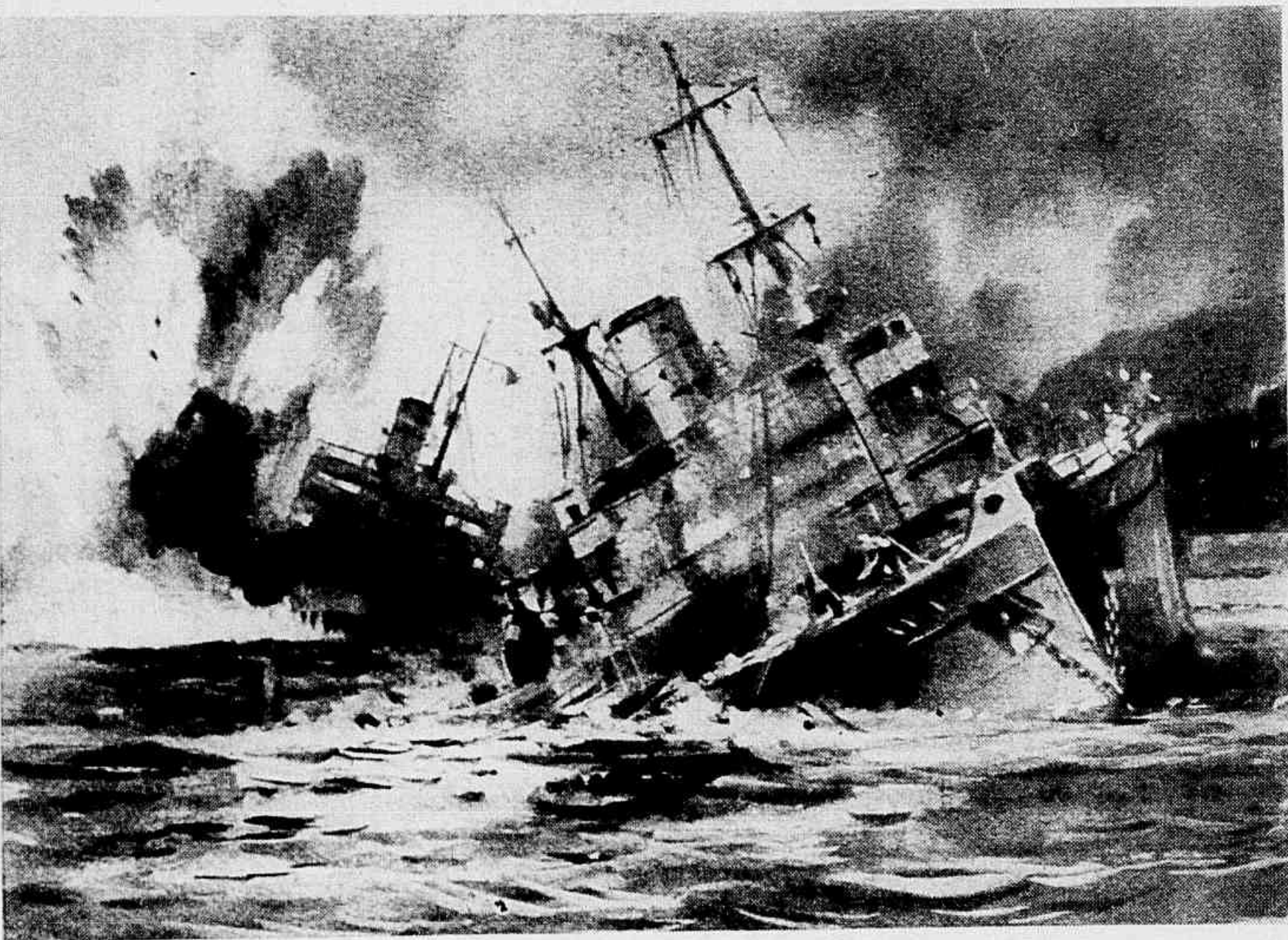
durante seu cruzeiro no Mediterraneo



O mais alto feito foi realizado em 4 de março, quando o "Torbay", navegando com o periscópio à flor d'água, avistou um comboio inimigo cêrca do cabo Bianco, rumando para o canal do sul da entrada de Corfú. Ousadamente, o submarino seguiu-o dentro do porto.



No brilhante luz do porto de Corfú, as baterias precisando ser novamente carregadas, emergiu, na proximidade do comboio inimigo.



Na madrugada do dia seguinte, torpedeou e pôs a pique dois navios de abastecimento no porto de Corfú. O efeito foi fulminante. Seguiram-se horas e horas de incessante lançamento de bombas de profundidade.



Um destróier que o procurava passou-lhe quasi por cima. Bombas de profundidade explodiram ao seu redor das quasi quarenta contadas, mas conseguiu escapar. O comandante Miers foi condecorado, bem como 23 homens de sua tripulação.

guil escapou após dez horas de perseguição pelos destróiers e bombas de profundidade. Em outra ocasião, abriu fogo contra as baterias da costa albanêsa, sem sofrer avarias. O maior perigo que correu o comandante Miers foi, porém, na noite em que um destróier se aproximou do submarino e ele não conseguiu fechar a portinhola da torre de comando. Após grandes esforços, o comandante teve de pular para a plataforma

de controle, enquanto a torre se enchia d'água. Devido ao curto-circuito que esta produziu, a sirene começou a tocar, fazendo um ruido tremendo. Bombas de profundidade explodiram em torno d'ele. Por pouco não era apanhado. Tudo fôra produzido pelo travesseiro do comandante que ficara esquecido na ponte e ficara imprensado na portinhola.

HA' uma região extensa na planície amazônica desconhecida, quase, da maioria dos brasileiros — o Acre.

Sua geografia e sua história — aquela resumidamente indicada nos compêndios didáticos e nas cartografias do território brasileiro, e esta sem menção alguma, tanto nos livros escolares, como nas obras de divulgação dos valores nacionais — beiraram, largos anos, as fronteiras da lenda, o que grangeou para o Acre a auréola tenebrosa do mistério que, ainda agora, uma grande parte dos brasileiros atribue à região, supondo-a e a referindo terra sinistra, bravia e selvagem, para a qual, como um apodo, só subsiste a denominação criada para a planície pelas páginas fulgurantes de Alberto Rangel — Inferno Verde.

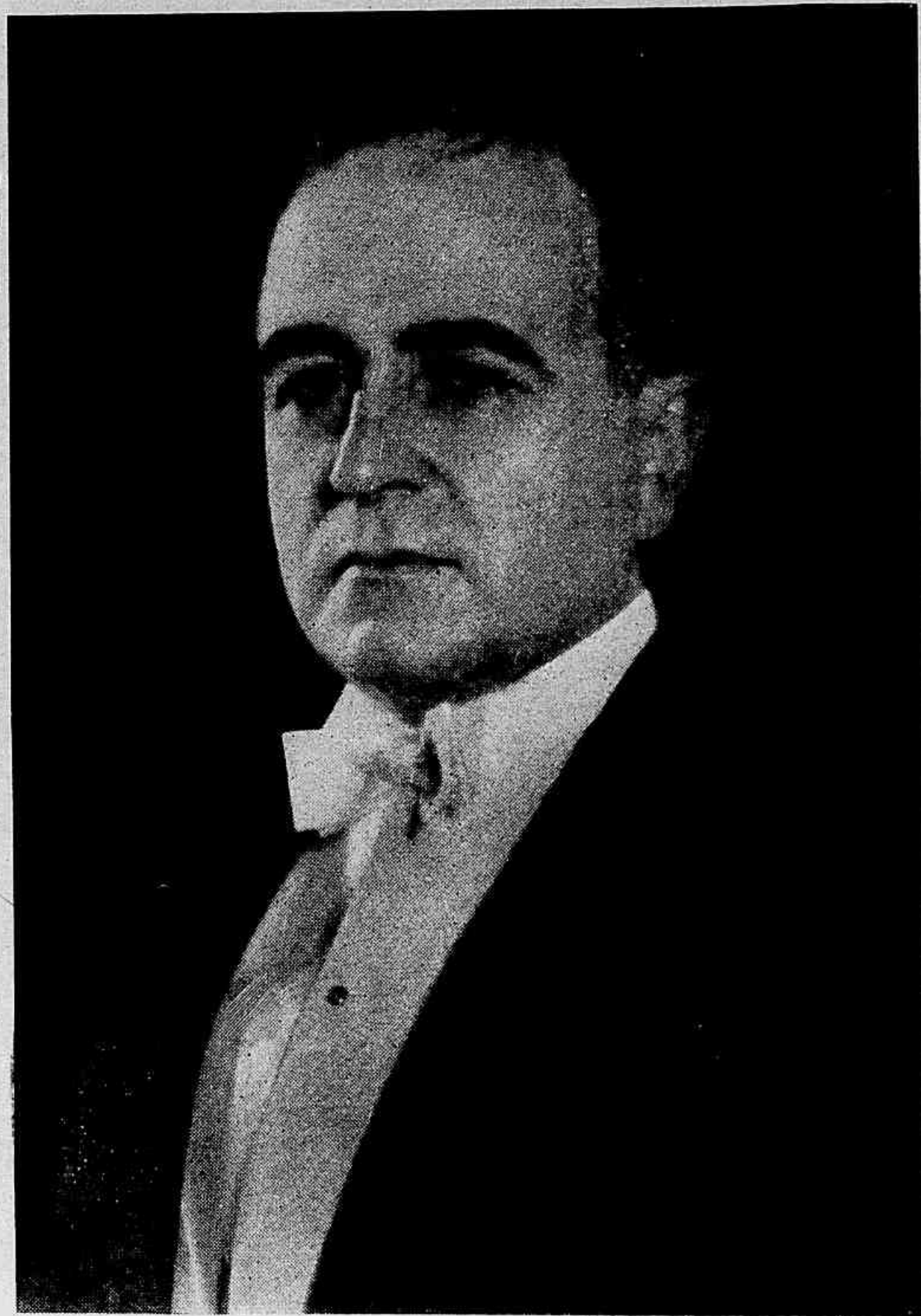
Entretanto, o Acre tem sua história, tão brasileira e tão plena de episódios de abnegação e heroísmo que, entre os fastos com os quais o Brasil afirma e define sua vida de nação, a contribuição acreana é das que podem esmaltar uma legenda entre as páginas em que se gravem os feitos das glórias patrias. Os que fizeram o Acre, numa demonstração de tenacidade, de heroísmo, de espírito de sacrifício, de coragem super-humana, conquistando-o à natureza virgem e selvática e ao domínio aviltante do estrangeiro invasor, "conquistaram uma pátria à custa de uma odisséia", como bem e precisamente o disse Mario de Oliveira, um dos seus filhos mais ilustres — orador, poeta e jurista —, em formosa oração pública homenageando a memória dos que efetuaram a jornada da libertação acreana.

Parte integrante da amazonia, que, verdadeiramente, constitui para o mundo "um mundo à parte", a natureza, ao constituir-la, foi de um capricho extraordinário, desconcertante por vezes, por vezes deslumbrador, em que se não sabe o que mais admire — se a impo-nência das suas criações bizarras, se o tumulto da elaboração ciclópica que ainda processa na região, como que incontentada da amplitude com que selou a sua obra local. E cada zona tem peculiaridades notáveis, e cada vale dos grandes rios possui os seus fenômenos marcantes, como a advertir os estudiosos de que estão em presença de um mundo novo, de uma terra, de certo, ainda em formação e cujo mistério de sua gênese desafia a argúcia dos pesquisadores, quasi sempre deslumbrados. Tudo isso é, porém, quasi estranho ao Brasil. E há quem julgue o Acre uma calamidade, e há quem o malsine sem o conhecer, porque ele está muito longe, lá distante da civilização dos grandes centros, e a sua visão — a visão das suas florestas virgens, dos seus rios lendários e soturnos, da sua vida de renúncia e de sacrifícios — esbate-se na distancia como um horrífico panorama amedrontador e formidável.

E' preciso, porém, que se procure melhor conhecer a terra que Plácido de Castro e seus denodados companheiros incorporaram, pelas armas, ao patrimônio territorial da Nação. A idéia errônea de que o Acre foi uma simples expressão geográfica que uma aventura caudilhista, onerosíssima para o Brasil, obrigou o governo a perfilar, não deve persistir no animo nacional, porque o valor econômico da região se afirma, hoje como ontem, nos produtos nativos que o Acre integra na riqueza circulante — a borracha, a madeira, a castanha, as peles silvestres, as sementes oleaginosas, isto sem falar no que a região representa, pelo escambo de utilidades, na balança comercial do país.

Campo de extensa atividade da extração e comércio da goma elástica, pôde-se, de relance, lembrar terem sido os altos rios da Amazonia que garantiram, por largos anos, a prosperidade comercial de inúmeras firmas do norte como do sul do Brasil, mantenedoras, aquelas, de flotilhas de "gaiolas" ou navios fluviais que percorriam as artérias da hinterlandia no transpor-

O ACRE E O DIA DO PRESIDENTE



PRESIDENTE GETULIO VARGAS

te de mercadorias e cujas guarnições se tornavam, por seu turno, elementos dependentes da vida econômica local. Portanto, a utilidade do Acre é patente, é incontestável valendo recordar que, mesmo no colapso sofrido pela queda da borracha de cujos mercados consumidores nos vimos privados pela competição estrangeira, a região lutou com a miséria, assistiu abaterem-se fortunas consideradas sólidas, debateu-se, angustiosamente, com uma crise tremenda em cuja voragem tudo ameaçava desaparecer, mas sobreviveu à catástrofe fazendo substituir o fator decaído por novos elementos econômicos, até que as contingências da guerra lhe restituíram o primado dos negócios da "hevea", e, com este,

a prosperidade de antanho, com a vantagem de que, hoje, o controle estabelecido pela assistência do governo ao problema da borracha, já na orientação técnica do benefici-

amento do produto, já na valorização deste, há de conjurar os perigos de uma nova "débâcle", se não bastasse aos que de perto lidam com a goma a dura lição da experiência colhida nos dias tristes do infortúnio pretérito.

Quando ainda a Amazonia combatida pela dolorosa crise por que passara e se alastrou por mais de 20 anos, mostrava ao resto do Brasil

o heroísmo do seu esforço em resurgir da hecatombe em que emergira, foi visitada pelo Presidente Getúlio Vargas, esse homem extraordinário, — que fez o Brasil inte-



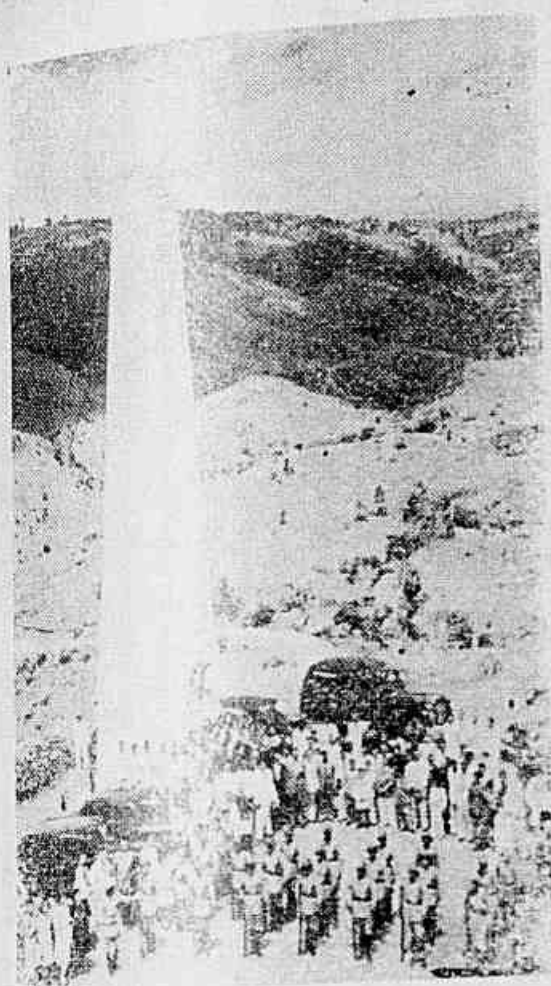
Governador
Luiz Silvestre Gomes Coelho

grar-se na posse de si mesmo, — teve a visão completa e perfeita do que vale e do que pôde vir a ser a região ora tão detraída, e como vidente, sintetizou o panorama que os seus olhos vislumbrou na frase lapidária do discurso do Rio Amazona: "O Amazonas, sob o impulso fecundo da nossa vontade e do nosso trabalho deixará de ser, afinal, um simples capítulo da história da terra, e equiparado aos grandes rios, tornar-se-á um capítulo da história da civilização". E passando do domínio da hiperbole à ação construtiva, tem sido o animador do progresso do Acre proporcionando-lhe os meios de completa elevação material e moral, permitindo que se equipare, pelo desenvolvimento social e administrativo, às demais unidades federativas. Os problemas de saneamento regional, os da educação do povo, os das obras públicas, os da organização agrícola, a defesa econômica da borracha, os serviços de assistência social, — tudo tem merecido do eminente Chefe da Nação carinho constante e desvelado que se traduz em dotar o Acre de governos capazes e realizadores, a cujo encargo e esclarecida visão administrativa ficam vinculadas as medidas que visam o bem público. E o que acontece com o atual governo do Território, exercido por um cidadão respeitável por todos os títulos — os da inteligência como os de caráter, — o coronel Luis Silvestre Gomes Coelho, militar que por mais de três lustros serviu o Brasil nas fileiras do Exército Nacional com o brilho e a dedicação de um verdadeiro patriota, e que, na função civil de governador, serve proveitosamente o Acre, dirigindo-lhe os destinos com operosa inteligência, honestidade e elevação de vistas.

Por isso, a contribuição daquela terra ao jubilo que o Brasil demonstrou no dia natalício do Presidente Getúlio Vargas, se concretizou na criação e instalação de mais 10 escolas primárias em diferentes pontos do Território; inauguração de moderno e valioso gabinete dentário na sede do Serviço de Assistência Dentária Escolar, no edifício Getúlio Vargas, onde funcionam o Grupo Escolar "Sete de Setembro", o Ginásio Acreano, a Escola Normal e a Escola Acreana de Comércio; solene instalação de uma biblioteca didática e museu escolar para alunos do Ginásio; instalação do centro estudantil acreano, composto de elementos dos cursos secundários; assentamento da primeira estaca da reconstrução da grande ponte denominada "19 de Abril", ligando o centro da cidade a um dos bairros principais. Além dessas realizações, foi levado a efeito no cine-teatro "Rio Branco" uma grande sessão cívica em que vários oradores analisaram a obra e personalidade do Presidente Getúlio Vargas, sendo a mesma que presidiu a reunião composta das mais altas autoridades locais. Também os vários municípios acreanos comemoraram entusiasmadamente o aniversário do chefe da nação, associando-se, dest'arte, a manifestações que o país presta ao benemérito Presidente.

Tudo isso é, pois, uma demonstração de vitalidade, de vibração, de animo cívico, que bem demonstra que lá, naquela longínqua terra da pátria, naquele pedaço do chão brasileiro, há uma colúmbia de trabalho fecundo e construtor que está integrada no ritmo do Progresso da Nação, sob as diretrizes vitoriosas que lhe traçou o regime estabelecido pelo Estado Novo.

O petróleo bahiano iluminou o caminho para a passeata da unidade!



O "Obelisco Getúlio Vargas", inaugurado a 19 de Abril na Serra do Marçal.

O aniversário natalício do presidente Getúlio Vargas constituiu motivo, na Bahia, de celebrações que se revestiram de significativo caráter.

A apoteose havida nas ruas e praças da cidade do Salvador, aclamando entusiasticamente o grande líder brasileiro, representa o fruto da mais irrestrita confiança que todos os brasileiros depositam na ação pública do presidente Getúlio Vargas.

Pela manhã do dia 19, houve missa solene, às 9 e 1/2 na Catedral Basílica, mandada rezar pelas classes trabalhadoras e realizada com extraordinária concorrência; compareceram o General Renato Aleixo, interventor federal, D. Augusto Alvaro da Silva, Arcebispo Primaz, o prefeito da Capital, Secretariado de Estado, outras autoridades, pessoas gradas, representações acadêmicas e colégios, sindicatos de classe e povo em geral.

Ainda no decorrer daquela manhã festiva, realizou-se na sede da Legião Brasileira de Assistência, a inauguração do retrato do grande brasileiro. A efigie do presidente Vargas foi decerrada pelo General Renato Aleixo, que, na ocasião, pronunciou breves palavras, agradecendo o convite que lhe fora feito para presidir ao ato e elogiando a lembrança de ser colocado na sede onde divergem as atividades da Legião na Bahia o retrato, que era a permanência, do grande compatriota.

O MONUMENTO DA SERRA DO MARÇAL

Como parte das festividades com que se comemorou o transcurso do aniversário do Presidente Getúlio Vargas, foi inaugurado, na serra do Marçal, o monumento "Getúlio Vargas", pelo secretário da Viação e Obras Públicas, eng.º Osvaldo César Rios, que viajou para este fim acompanhado de funcio-

nários e jornalistas, desempenhando a delegação que lhe atribuiu o Interventor Renato Aleixo.

O referido monumento foi erigido à margem da rodovia tronco Leste-Oeste, a cerca de 900 metros de altitude, quasi na cumiada da serra do Marçal, de onde se descortina lindo panorama e possui forma de obelisco, tendo de altura 14 metros e 44 centímetros e de sóco 64 cm. As suas faces são decoradas em alto relevo, com motivos representativos de obras rodoviárias, sendo a que dá para o oeste interceptada por um nicho circular de 1,50 de diâmetro, onde está colocado o busto do presidente Vargas, com a seguinte frase de s. ex.: "O verdadeiro sentido de brasilidade é a marcha para o oeste".

A inauguração foi solene, estando presentes numerosas pessoas.

Grande multidão, calculada em 50 mil pessoas, comprimiu-se desde o Parque Dois de Julho até a Praça da Sé, ovacionando os jovens manifestantes que, garbosamente, conduziam, em charolas, grandes retratos do Presidente Getúlio



Samaritanas socorristas da L. B. A. conduzem, na Passeata da Unidade Nacional, o retrato do ministro Eurico Dutra.

Vargas, do interventor general Renato Aleixo, de altas autoridades civis e militares do cenário nacional e dos principais líderes representativos das Nações Unidas.

Grupos de estudantes e operários irmanados davam maior realce ao desfile, conduzindo centenas de archotes, embebidos em genuíno petróleo bahiano, que iluminavam, simbolicamente, o caminho da União Nacional. A massa popular marchava na retaguarda do cortejo. À frente, as bandeiras das Nações Unidas faziam ala de honra ao retrato do presidente Vargas, que era conduzido pelos estudantes. Ao passar pelo Palácio da Aclamação, em cujas sacadas se encontrava o sr. Interventor Federal, em companhia do almirante Ingram, comandante da esquadra Norte Americana do Atlântico Sul, os manifestantes proromperam em vibrantes aclamações, tendo aquela alta patente da nação irmã declarado ter sido este um dos maiores desfiles

COMO A BAHIA FESTEJOU A DATA NATALICIA DO PRESIDENTE



A multidão concentrada na Praça da Sé, após a passeata para o grande comício. Entre os retratos conduzidos pelo povo, percebem-se os do Presidente Vargas e do Interventor Renato Aleixo.

O Parque de Porto Seguro, destinado à conservação do histórico local, prende-se ao programa, que é um dos galardões da época de Getúlio Vargas, da organização de logradouros nacionais, como os de Itatiaia, Iguassú, Serra dos Orgãos e Campos de Jordão.

Agora chegou a vez da Bahia, e participando deste plano teve a felicidade de criar o seu, localizando-o num ponto altamente significativo e que, por isso mesmo, além da finalidade das instituições congêneres, tem mais a de servir de monumento rememorativo de fato histórico em virtude do qual começamos a contar a nossa existência geográfica. Construído próximo ao Monte Pascoal, assinalará o ato do descobrimento e servirá de marco à unidade nacional e para ele desejamos se voltem as vistas de todos os Estados, de todos os brasileiros.

A GRANDE PASSEATA NOTURNA

Às 20 horas, a Bahia assistiu à mais vibrante afirmação de uma sólida e indestrutível União Nacional. As organizações patrióticas da Bahia, Legião dos Médicos para a Vitória, União dos Estudantes, Legião dos Comerciantes, Comissão Central Estudantil, promoveram uma passeata cívica em homenagem ao presidente Getúlio Vargas, considerando o dia 19 de Abril como o dia da União Nacional. E assim, o povo da Bahia, às dezenas de milhares, veio à rua, para testemunhar ao preclaro estadista, numa das maiores demonstrações cívicas aqui havidas, o seu apoio, a sua estima, a sua admiração, a sua confiança.

cívicos por ele assistidos em qualquer oportunidade.

Foram prestadas, também, homenagens às forças armadas nacionais, sendo conduzidos pelo povo carros alegóricos representando o Exército, a Marinha e a Força Aérea Brasileira.

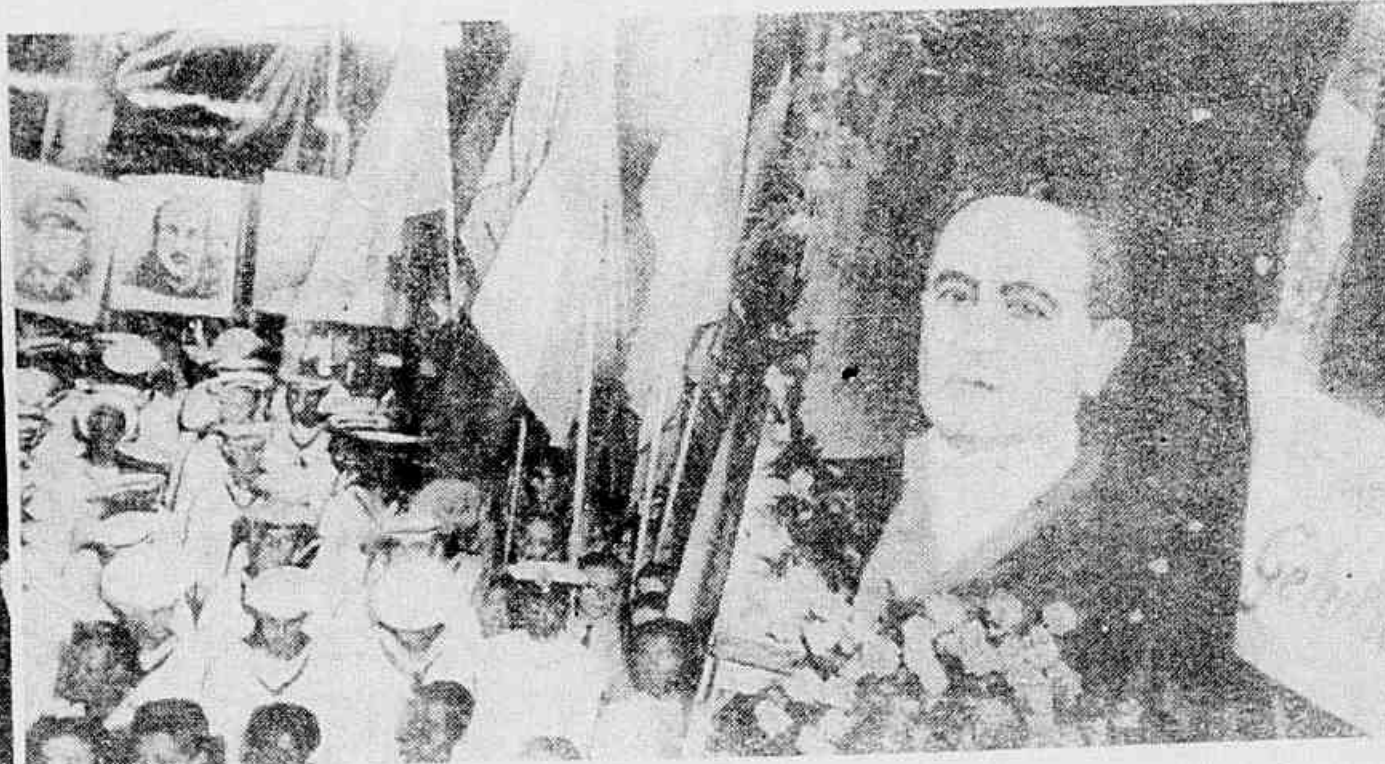
Na Praça da Sé, ponto terminal da passeata, efetuou-se um comício patriótico, falando pelo governo bahiano o secretário do Interior e Justiça e outros oradores das organizações patrióticas promotoras da grande demonstração cívica.

O PARQUE DE MONTE PASCOAL

A criação do Parque Monumental Nacional de Monte Pascoal teve a sua divulgação realizada na data natalícia do Presidente, como mais uma homenagem do Governo do Estado, na celebração jubílica desse aniversário, que é um dia de festa para toda a família brasileira.



Uma das atrações da Passeata da Unidade Nacional foram os carros alegóricos, em homenagem ao Exército, à Marinha e à Aeronáutica. A fotografia acima estampa o carro da P. A. U.



O retrato do Presidente Getúlio Vargas, carregado pelo povo, na monumental passeata



O interventor Leonidas de Mello, e autoridades, assistindo ao desfile da juventude escolar.

O DIA DO PRESIDENTE NO PIAUÍ

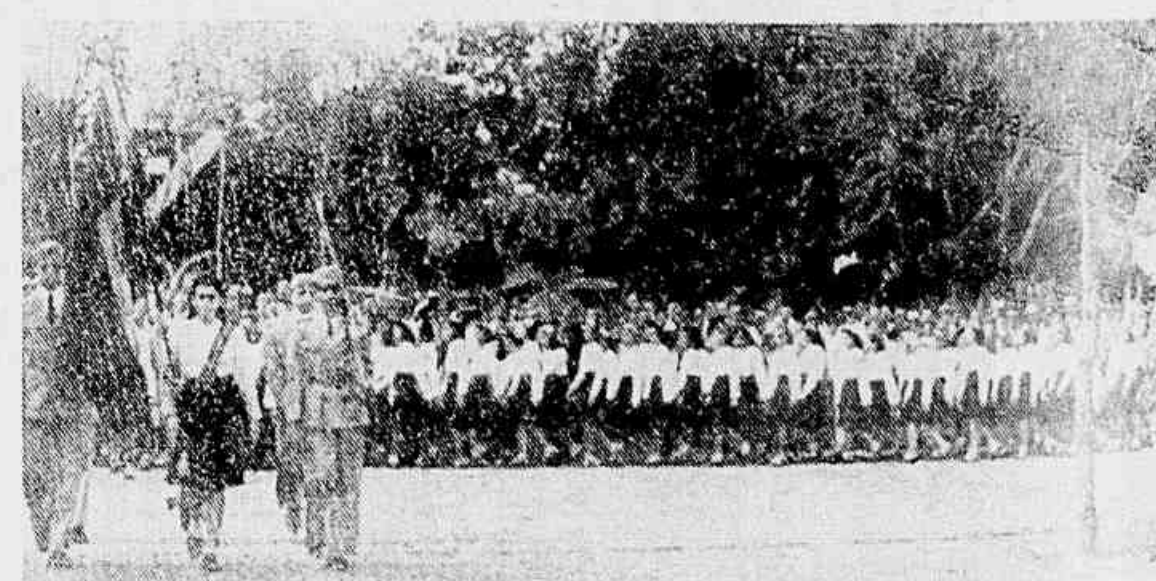
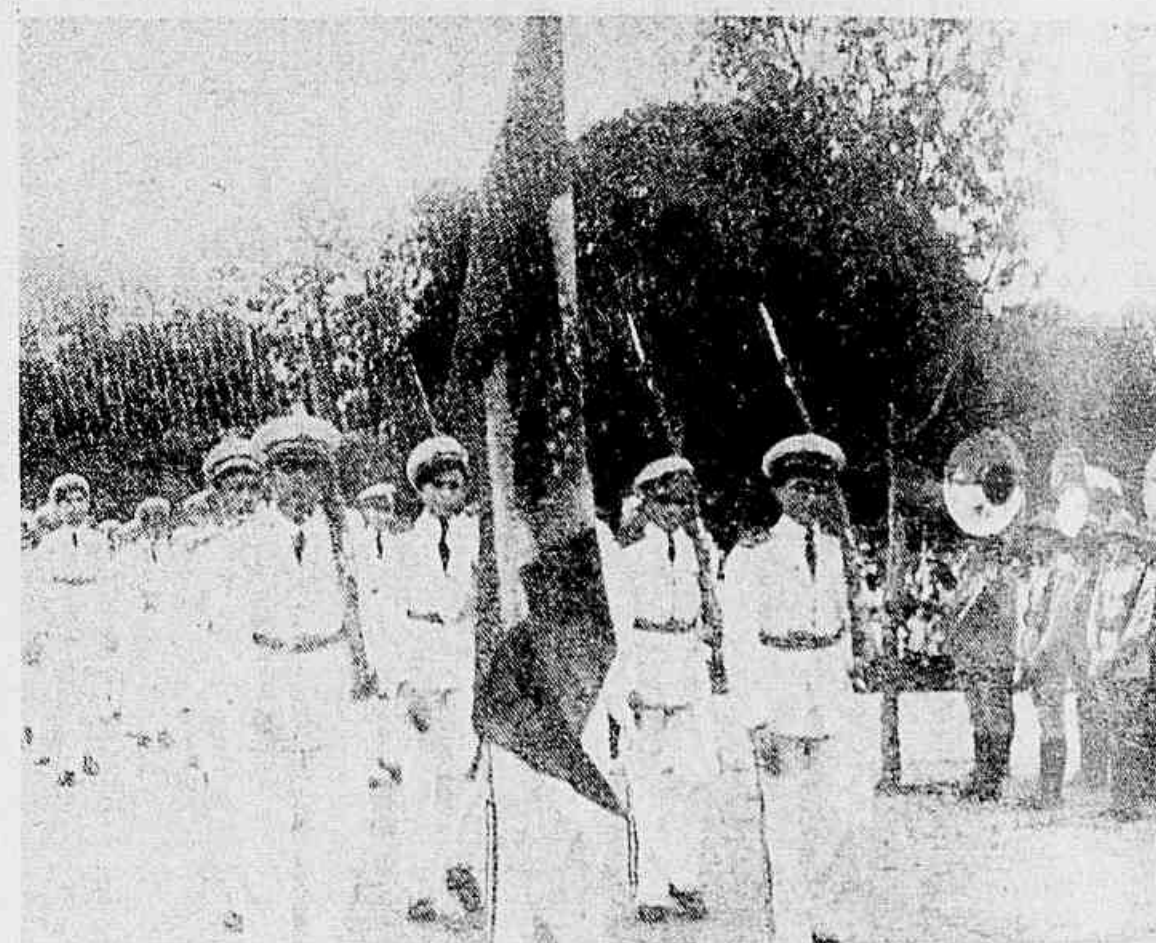
A data aniversária do presidente Getúlio Vargas é hoje comemorada em todo o País entre as maiores demonstrações de júbilo, recebendo o primeiro magistrado da Nação, de norte a sul, de leste a oeste, as homenagens do povo e dos governos, numa perfeita comunhão de gestos, que transformou a efeméride de natureza íntima em acontecimento de viva expressão nacional. No Piauí, transcorreram brilhantes as festividades que assinalam a passagem do Dia do Presidente, de que esta página reproduz os mais significativos aspectos. Do programa se destacaram a grande parada da juventude escolar, na qual tomaram parte todos os estabelecimentos de ensino de Teresina, a missa em ação de graças realizada na Catedral e a inauguração do retrato de S. Excia na sede do Serviço de Defesa Passiva Anti-Aerea. Tiveram lugar ainda outras solenidades, fazendo-se ouvir, pelo rádio, diversos oradores. Teresina viveu, a 19 de Abril, um dia de festas, que foi um testemunho inequívoco do apreço dos piauienses pela pessoa do Chefe do Governo.



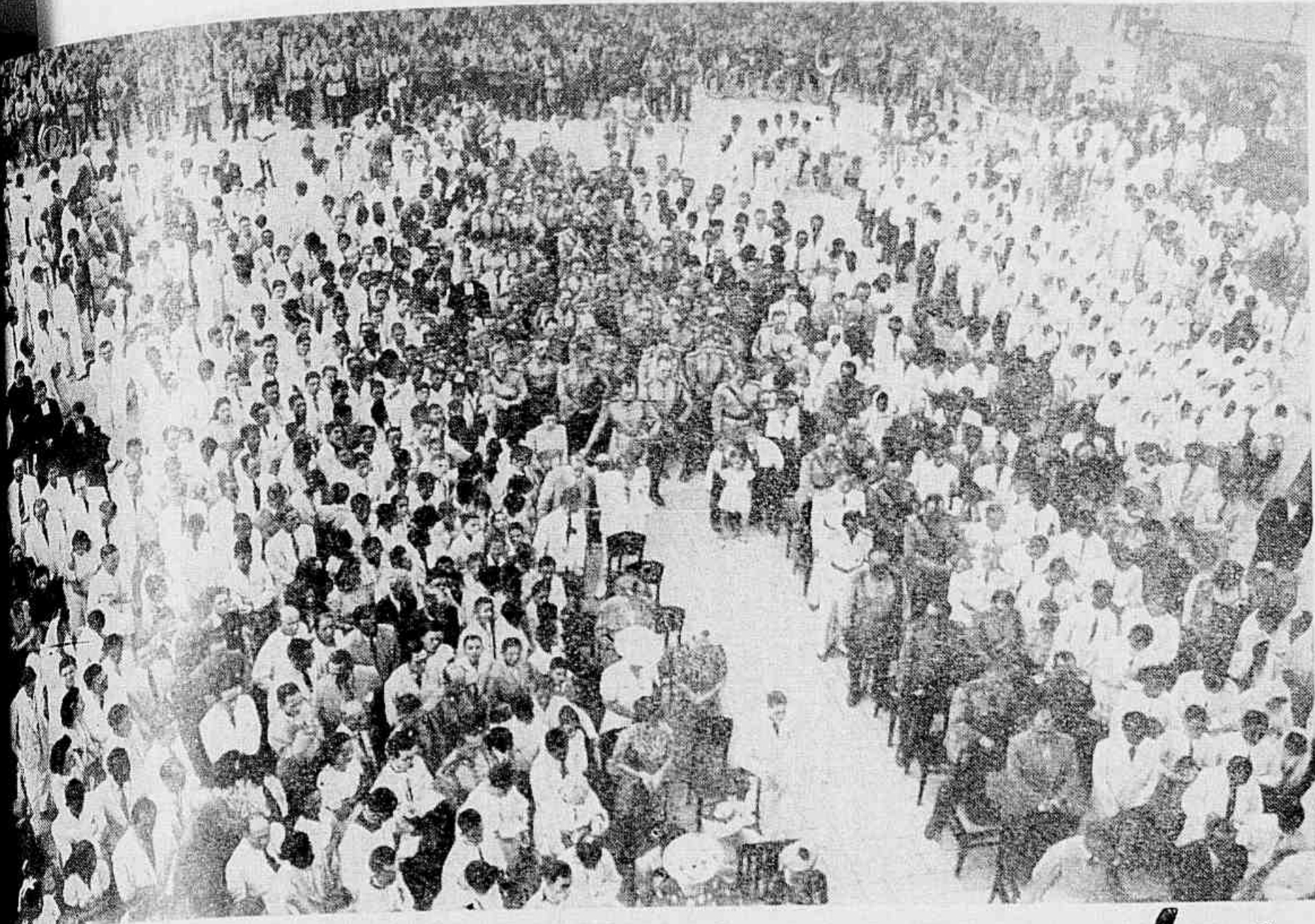
Em cima — A saída da missa em ação de graças, realizada na Catedral, o Interventor Federal e demais autoridades.



A esquerda — Guarda de honra ao busto do presidente Getúlio Vargas, pelas alunas da Escola Normal Oficial.



A direita — Aspectos do desfile escolar. Do alto para baixo: Colégio Sagrado Coração de Jesus; Escola Normal Oficial; Ginásio S. Francisco de Sales, Ginásio Leão XIII e Ginásio Demostenes Avelino.



O 19 DE ABRIL NA PARAÍBA

Aspecto da missa campal celebrada em frente da Catedral, pelo Arcebispo D. Moysés Coêlho, no dia 19 de Abril, aniversário do presidente Vargas.

Desfile da juventude paraibana.

Inauguração pelo Governo do Estado da linha de bondes elétricos ligando a praia de Tambau à capital paraibana.

Inauguração do Grupo Escolar Francisca Maria, em Aracá, município de Sapé.

DESDE que o natalício do Presidente se tornou, por assim dizer, uma efeméride nacional, amplamente comemorada em todo o País — começou a formar-se uma tradição, ao redor das festas de 19 de Abril.

Longe de se caracterizarem pelo desfile burocrático de homenagens inexpressivas elas adquiriram, cedo, um sentido novo. De discursos, sessões cívicas, apoteoses arquitetadas nos bastidores, a nação estava farta. Era preciso que o natalício do sr. Getúlio Vargas fosse comemorado de outra maneira. Essa outra maneira consiste no desfile da juventude brasileira, na inauguração de obras de utilidade pública e na vibração popular, exteriorizada nos gestos francos de apoio e de solidariedade.

A última comemoração assumiu aspectos verdadeiramente grandiosos, em todo o território nacional. Nas províncias, das fronteiras do sul às florestas do extremo-norte, a mesma onda de entusiasmo tomou conta de todos os corações, numa demonstração viva da unidade sent mental da Pátria.

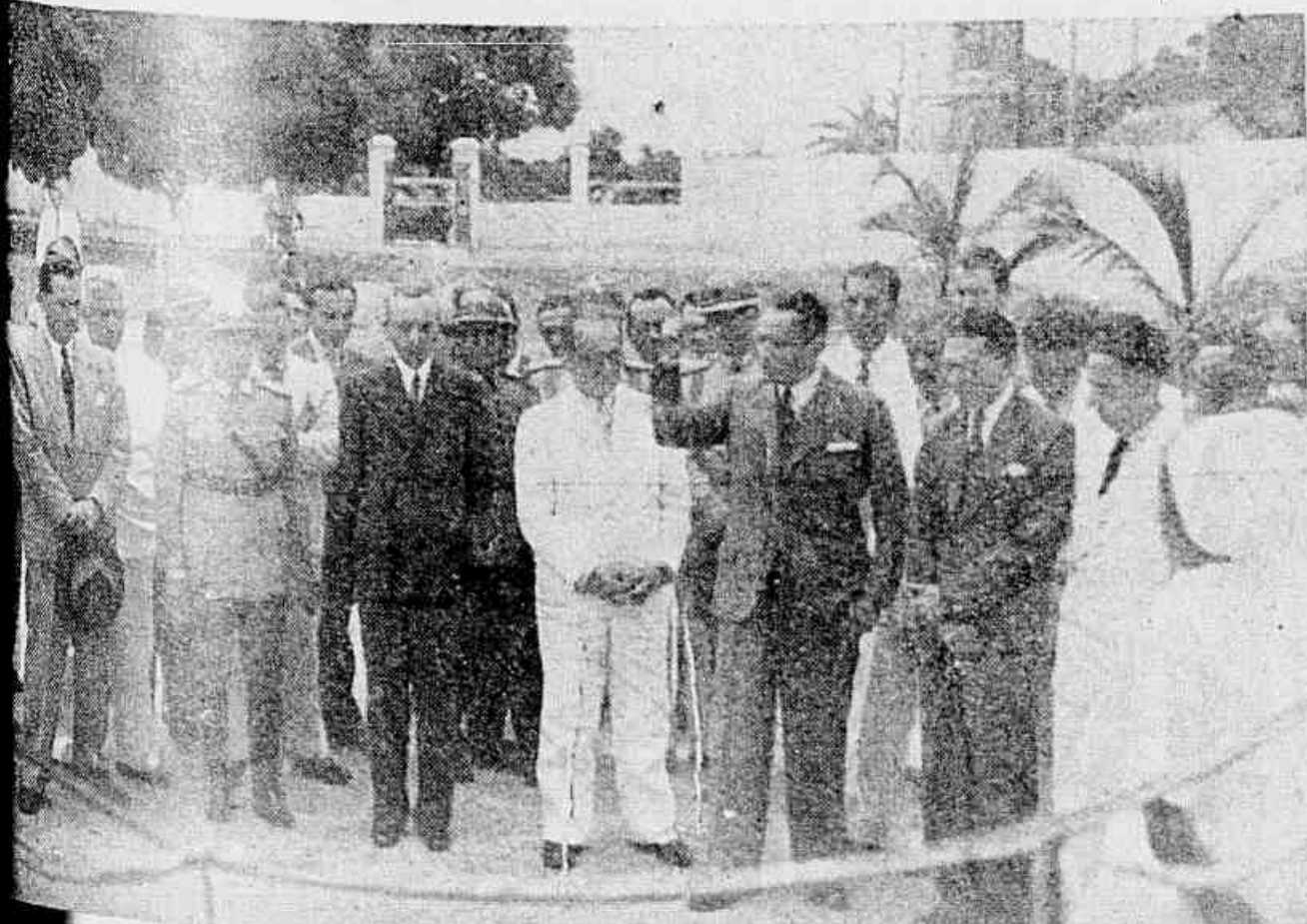
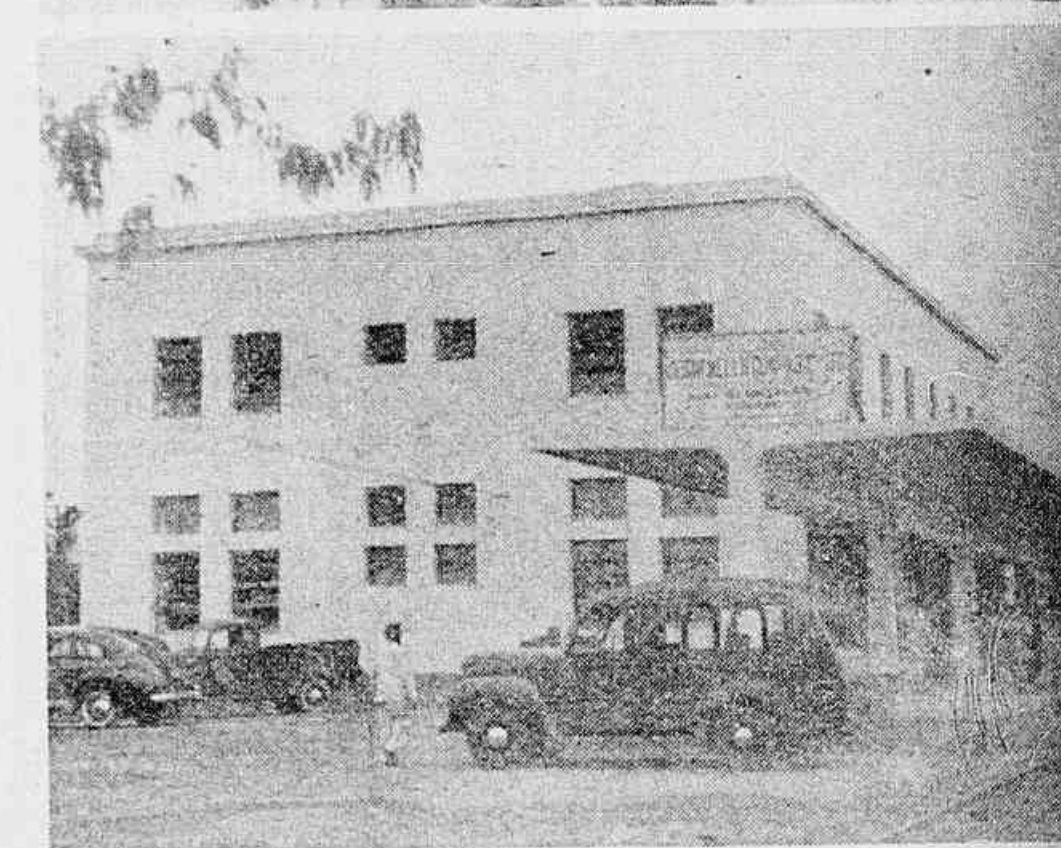
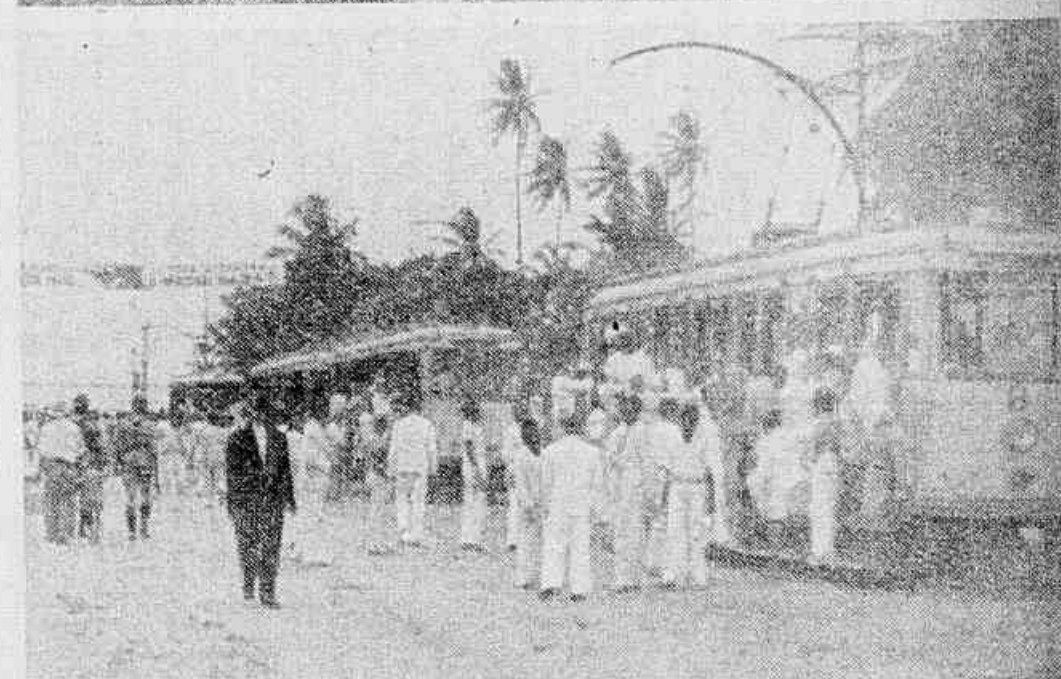
Apresentamos aqui, algumas cenas do 19 de Abril na terra heroica de João Pessoa. No alto, à esquerda, a missa campal celebrada em frente da Catedral, pelo Arcebispo D. Moysés Coêlho; à direita, flagrante do desfile da juventude paraibana, pelas ruas principais da Capital. A fotografia seguinte mostra os bondes que tomaram parte na inauguração da linha construída pelo Governo do Estado, ligando a praia de Tambau à Cidade de João Pessoa. Inauguração do Grupo Escolar Francisca Maria, em Aracá, Município de Sapé.

A nova estação da Great Western, inaugurada também neste dia. Inauguração da seção de mulheres do Pavilhão de Assistência a Psicopatas, no momento em que falava o Interventor Rui Carneiro. Dr. Samuel Duarte, Secretário do Interior, fazendo uso da palavra, em frente ao monumento de João Pessoa, quando se encerravam as comemorações.

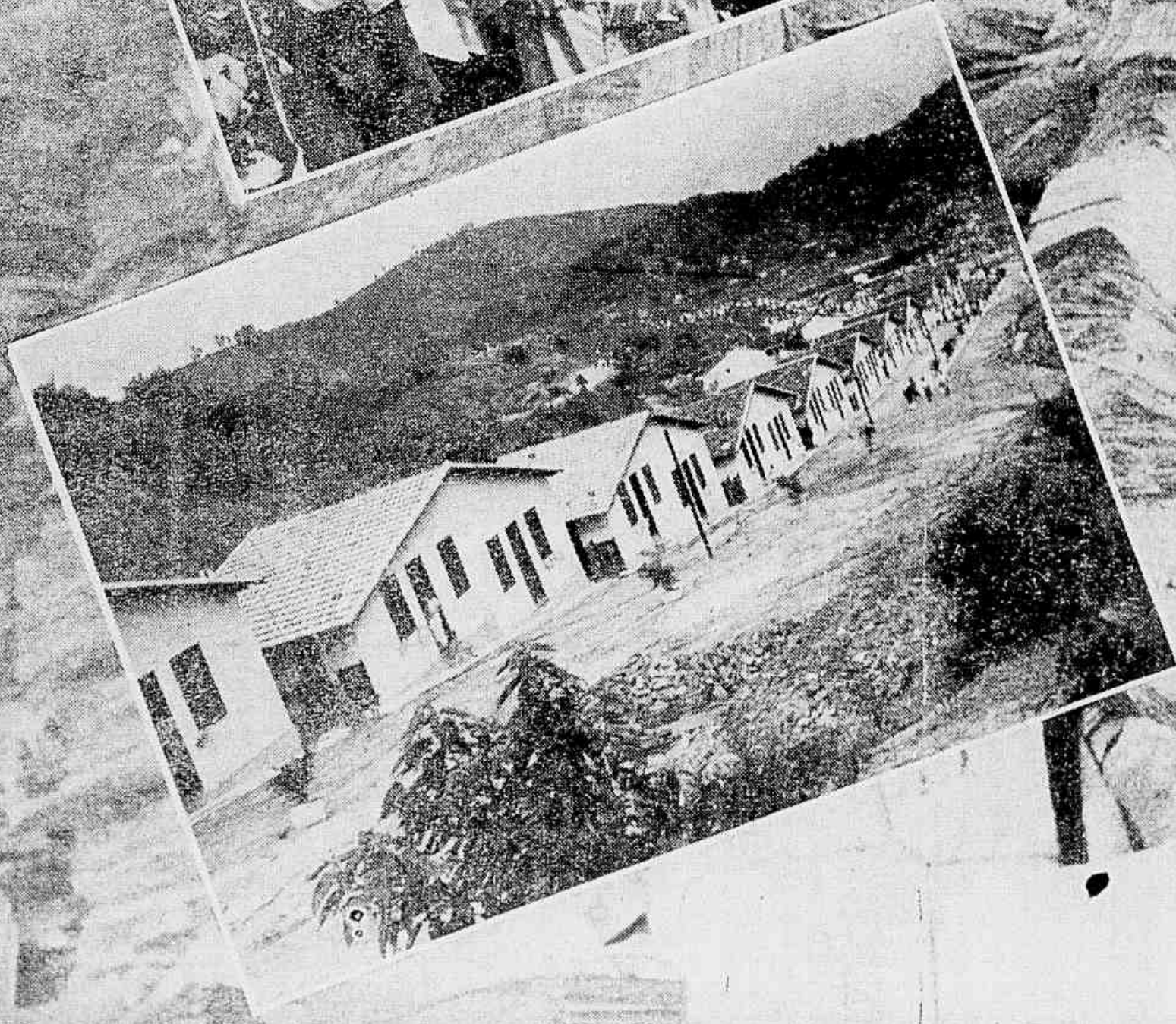
Flagrante da inauguração da Seção de Mulheres do Pavilhão de Assistência a Psicopatas, quando falava o Interventor Rui Carneiro.

A nova estação da Great Western inaugurada, no dia do presidente Getúlio Vargas.

O dr. Samuel Duarte, Secretário do Interior, falando em frente do Monumento de João Pessoa no encerramento das comemorações do aniversário do presidente Getúlio Vargas.



AS COM



ORAÇÕES DE 19 DE ABRIL



SAUDAÇÃO

SALVE O DIA DEZENOVE DE ABRIL,
 QUE COMPLETA MAIS UM ANO DE EXISTÊNCIA
 O MAIS ALTO PERSO VAGEM DO BRASIL,
 UMONEIRO SEM IGUAL NA PRESIDÊNCIA.
 NESTES VERSOS QUE CONTORNAM O GRAM PERFIL
 DE QUEM FEZ A NOSSA NOVA INDEPENDÊNCIA.
 ESTA MINHA SAUDAÇÃO, SÃ, VARONIL,
 QUE MEDICO AO GRANDE CHEFE MEVIDENTE,
 PRESIDENTE DESTE MEU PAIS AMADO,
 QUE O BOM DEUS SEMPRE ESTEJA AO VOSTRO LADO,
 NO MOMENTO DE ORDENAR A Vossa GENÉ,
 DOS NOSSOS PERANTE VÓS CHEIOS DE FE,
 ESPERAMOS, DO BRASIL, A VÔZ, DE PAÍ,
 PELO GRITO DE VITÓRIA BREVEMENTE.

Feição da Barra, 19-4-943

Coriçano Lourenço da Silva

NAS páginas anteriores, focalizamos as comemorações do aniversário do Presidente Vargas, em vários Estados da Federação brasileira, vendo-se o cunho eminentemente popular de que as mesmas se revestiram em todos os setores nacionais.

Nesta página, queremos recapitular, eloquentemente, o que foi essa efeméride, pelo testemunho dos votos pessoais de brasileiros e estrangeiros de todas as classes, representado pelos milhares de pacotes de telegramas recebidos pela Estação Telegráfica do Palácio do Catete, dentre os quais se destaca pela originalidade o curioso perfil do Presidente, armado pelas próprias palavras do texto.

Ao lado de comemorações diversas, realizadas no Distrito Federal e no Estado do Rio, concentrações trabalhistas, inauguração da vila operária de Niterói e outros melhoramentos coletivos, a objetiva fixou o eminente Chefe do Governo, passando o dia de seu natalício na intimidade da família, em passeio com seu genro comandante Ruy da Gama Abreu e de seu netinho Getúlio.

Para se ter uma idéia da repercussão do dia 19 de abril, no Brasil e no estrangeiro, basta assinalar que foram recebidos, no Catete, cerca de 200 mil telegramas, sendo 50 mil somente da capital (dentre os quais 17 mil de colegiais). Nesse conjunto, ha que notar ainda que milhares de telegramas foram de corporações, fábricas, escolas, sociedades, etc., com as assinaturas de todos os seus componentes, muita vez centenas de nomes.

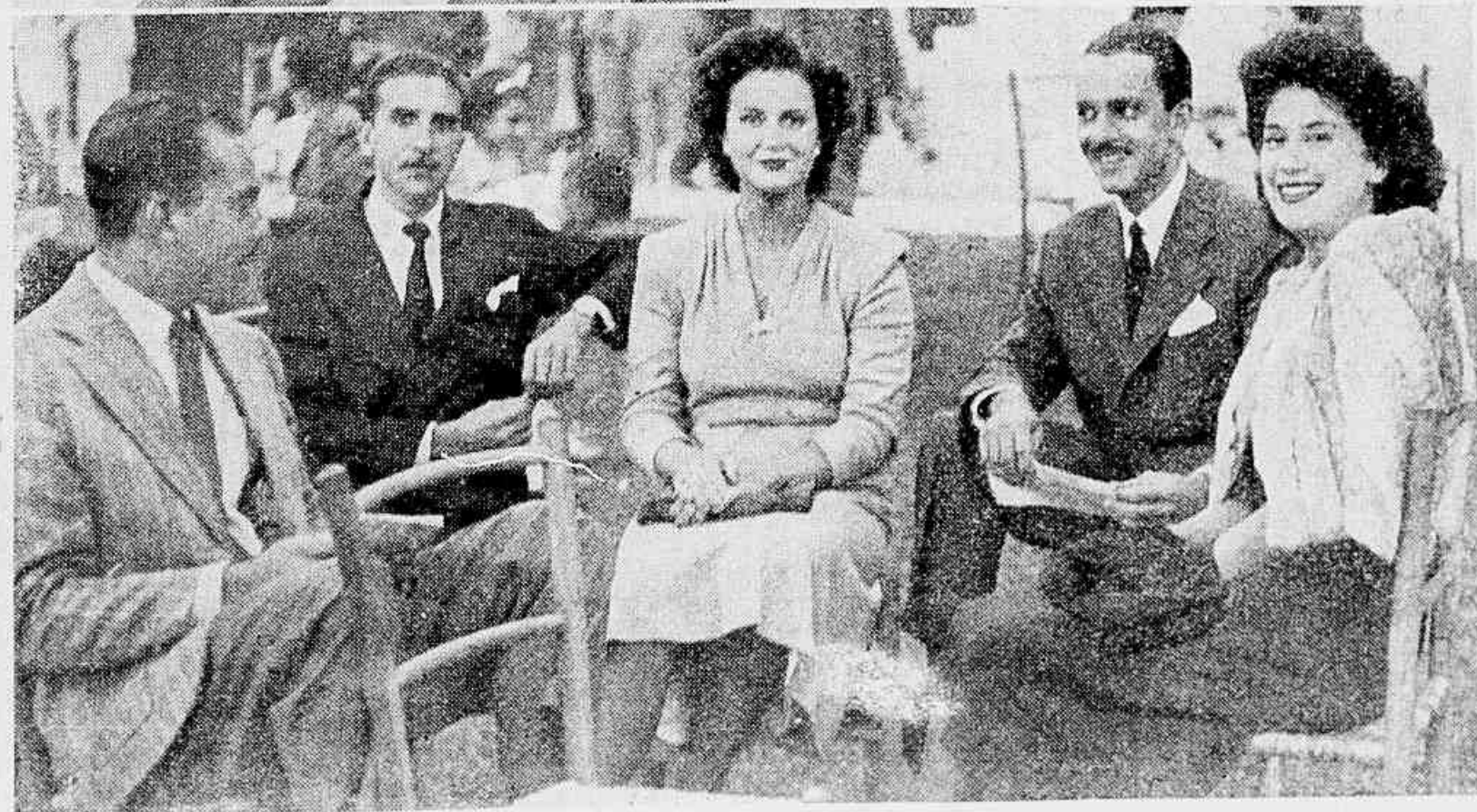
A renda do dia elevou-se a perto de 500 mil cruzeiros, destinada, como se sabe, a auxiliar a fundação de novas escolas, alcançando nada menos de meia tonelada o volume dos despachos.



JOCKEY CLUB MUNDANO



O Jockey Club Brasileiro continua dando a nota elegante dos domingos esportivos. A ultima reunião turfística congregou no Hipodromo da Gavea os elementos mais representativos do nosso mundo social, numa afirmação brilhante do crescente prestígio do turf no Brasil. As fotos que reproduzimos nesta pagina são uma demonstração eloquente do brilhantismo de que se revestiu o *meeting* de domingo.



O NAVIO HOSPITAL

A guerra tem, no torvelinho dos seus aspectos de ferocidade destruidora, aqui e ali, certos claros paradoxais, por onde o homem procura ainda vislumbrar uma nesga de espiritualidade, um raio de luz divina.

Um desses *oasis* — e dos menos conhecidos do publico — é o que representam os navios hospitalais.

Vagando pelos mares, ao sabor dos acontecimentos, esses navios procuram situar-se sempre na proximidade das batalhas navais em perspectiva. São verdadeiras ilhas flutuantes, equipadas com todo o material moderno dos grandes hospitais das cidades mais adiantadas.

Ao fim das pejeas marítimas, os feridos dos diversos vasos de guerra são transportados em barcos de grande velocidade para o navio hospital. A bordo, então, a assistência aos combatentes se processa como em qualquer posto de ambulancia de grande escala.

Alguns deles — principalmente na esquadra americana — se encontram providos de todos os recursos da moderna cirurgia. Assim, qualquer intervenção de relevancia pode ser realizada sobre as ondas. Não somente isso, mas o tratamento de doenças infecciosas como pneumonias, dermatoses contraidas nos países tropicais, etc., podem ser atendidas com vantagens, pois o navio hospital conta com aparelhagem adequada, não apenas para diagnostico, como para tratamento; instalação de raios X, diatermia, laboratório de pesquisas, instrumental proprio para mecanoterapia e fisioterapia e até, nos melhor equipados, gabinetes de protese dentaria, para reparação de ferimentos da boca.

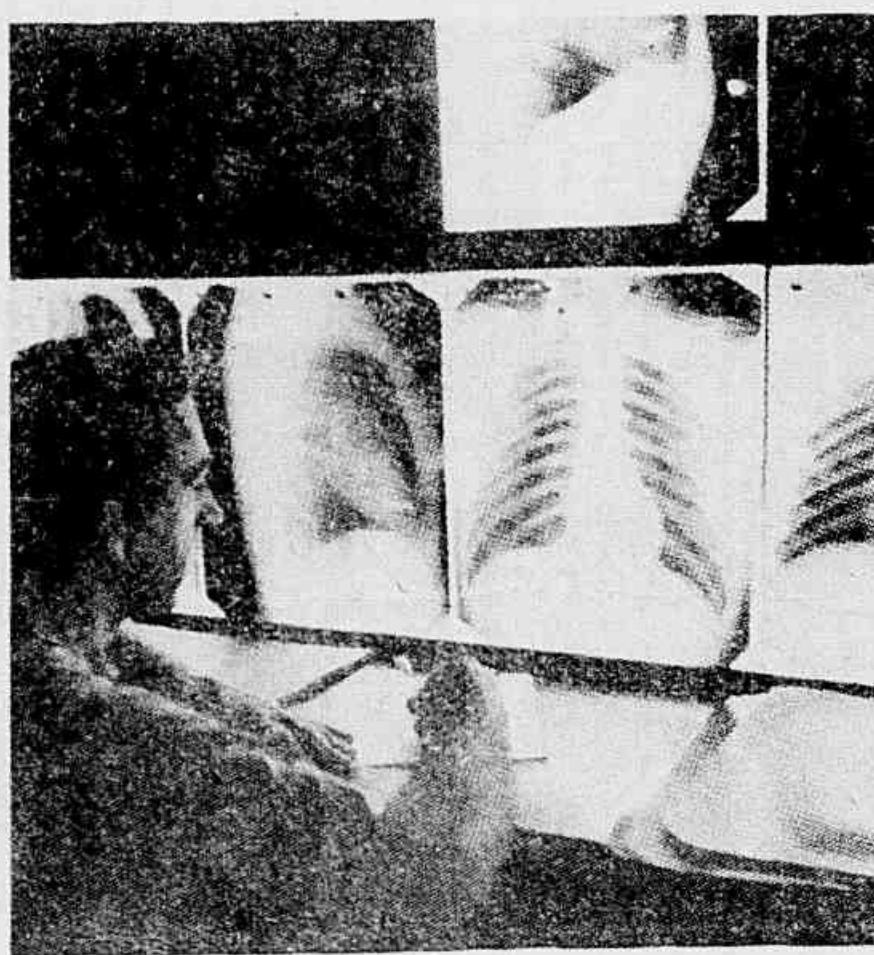
Nestas paginas da REVISTA, condensadas, data venia, duma reportagem de LIFE, apresentamos os diversos setores de atividade do navio hospital, onde não falta aos doentes sequer o conforto espiritual da religião e o da solicitude feminina das enfermeiras que prolongam, por onde vão, o ambiente do lar para os heróis da boa causa.



A tarefa hospitalar é desempenhada pela enfermeira de plantão. Os leitos são dispostos em série como em qualquer navio da Armada. As enfermeiras cuidam das seções do navio, tais como plantões, salas de operação e cozinha de diêta. Seu trabalho estende-se por dezoito meses e a maior parte de sua tarefa a bordo é administrativa. Os marinheiros fazem quasi tudo que nos hospitais cabe às enfermeiras.



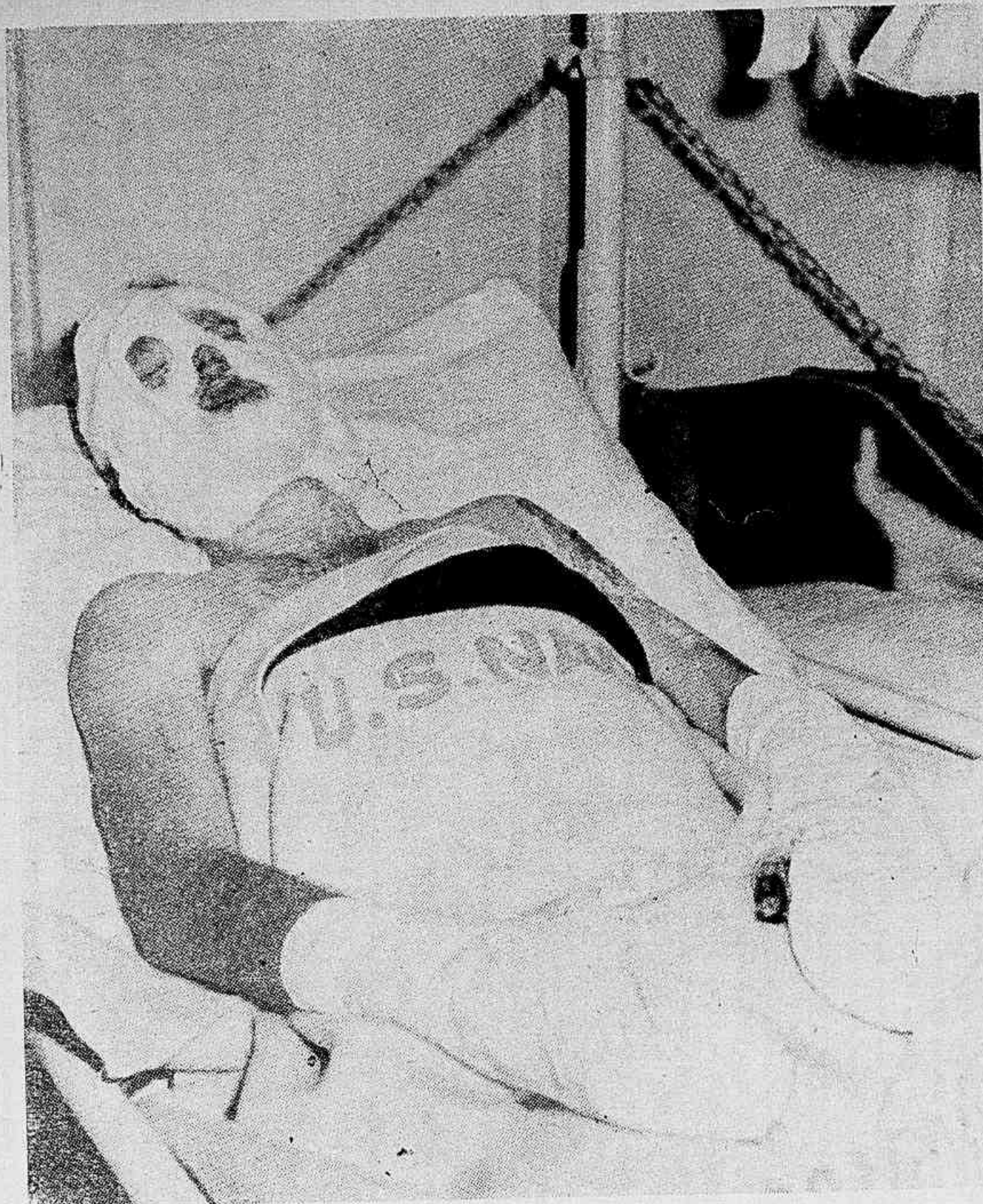
A ferida é lavada para evitar infecção. Este homem foi ferido provavelmente por bomba num recente combate no Pacífico.



A sala de raios-X é orientada por especialistas hábeis. Aqui está um médico do navio decifrando a chapa de um doente na sala de revelação.



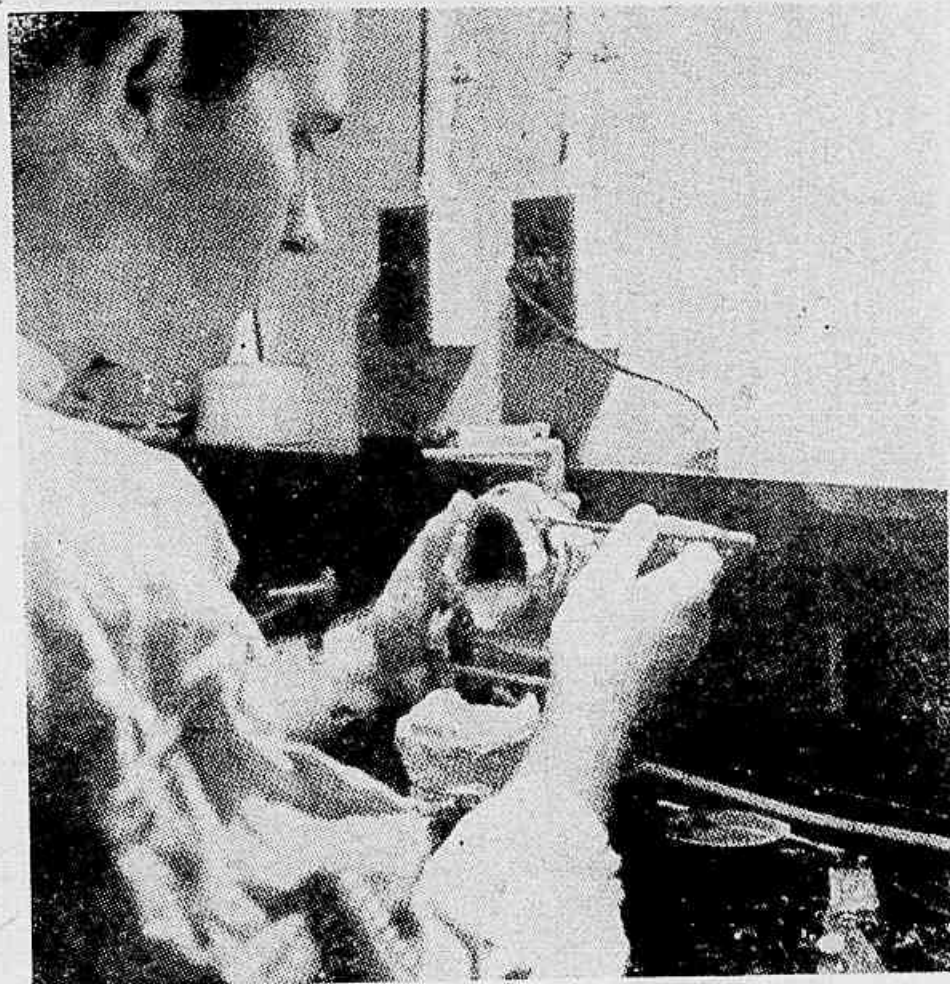
Aqui se vê o tratamento de doenças da pele, contraidas numa zona de batalha tropical, sendo feito num marinho.



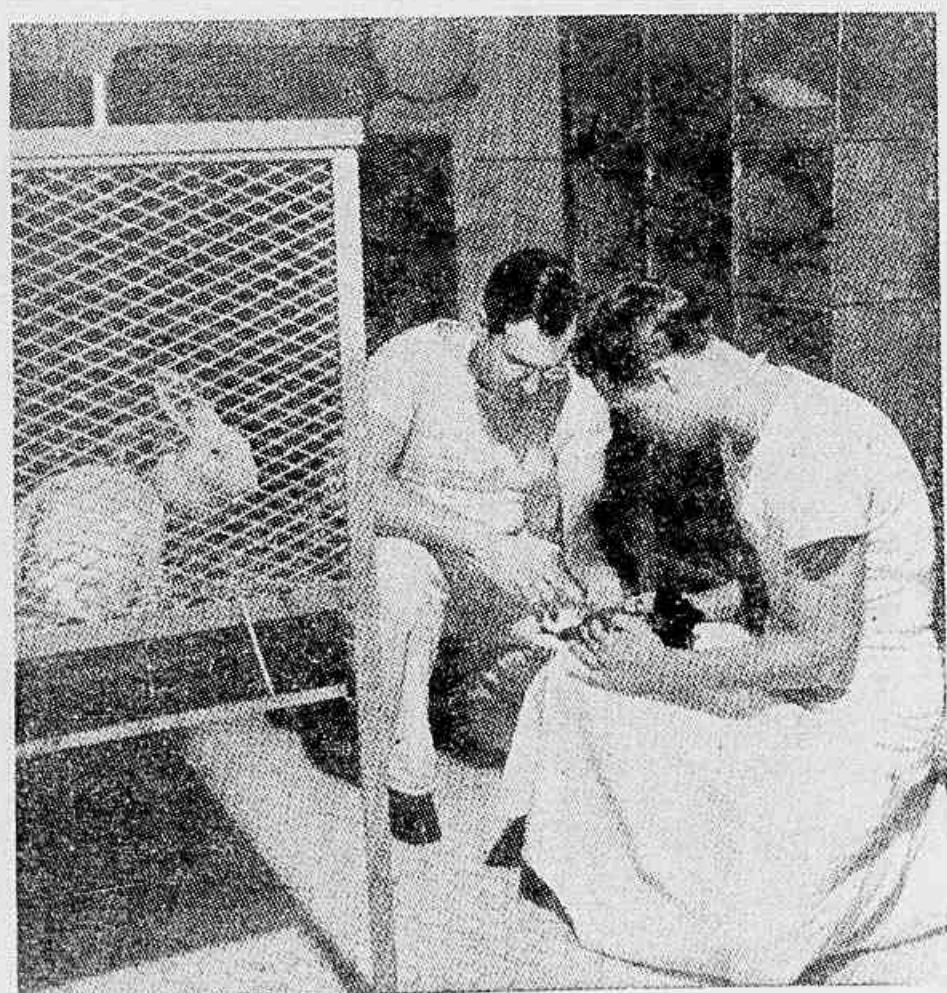
Um caso de graves queimaduras do campo de batalha do Pacifico. O emprego de sulfanilamida em pó muito iniciado pela Marinha, beneficiou esta espécie de feridos.



Um marinheiro ferido saboreia seu sorvete, embora tenha os olhos vendados e talvez esteja com a vista inteiramente perdida. Os doentes têm sorvete toda tarde.



Uma dentadura postiça é feita para um doente por especialista no laboratório odontológico. Toda tarefa como esta é feita no próprio navio.

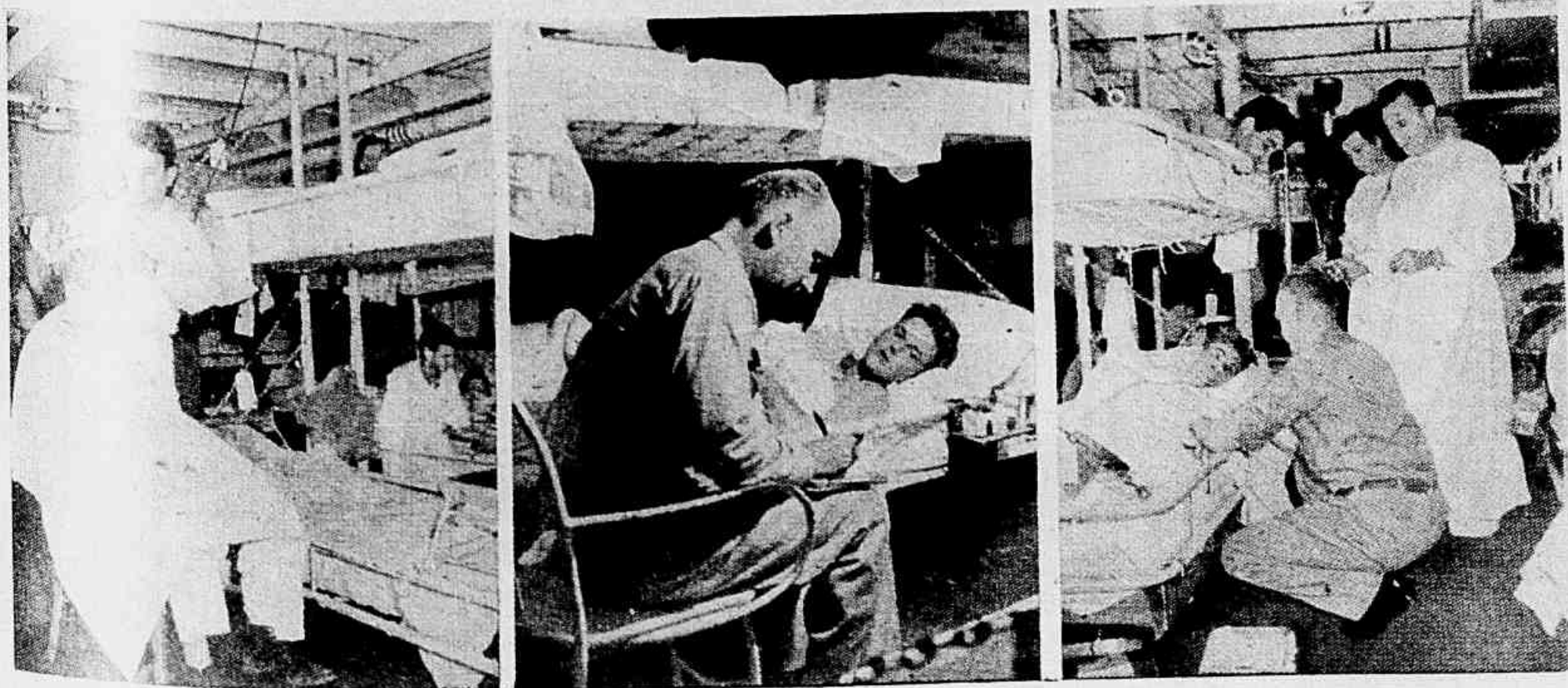


Um porquinho da Índia sendo inoculado para determinar um tipo de pneumonia e ajudar o diagnóstico de outras doenças infecciosas.



Uma delicada intervenção ocular realizada com um imã gigantesco, usado para remover pedaços de metal cravados nos olhos.

Um detalhe pitoresco e macabro na vida do navio hospital: cestos de vime onde são conservados os corpos dos marinheiros falecidos a bordo.



Da esquerda para a direita: O barbeiro do navio corta o cabelo de um convalescente numa das enfermarias. Os doentes que não podem mover-se são barbeados na cama.

O capelão escreve uma carta para um marinheiro ferido algures no mar. Os capelões têm muito trabalho nos navios hospitalais.

Uma transfusão de sangue é superintendida pelo médico. O navio leva grande quantidade de plasma sanguíneo seco para os casos graves.

A Itália torna a defrontar sua escolha histórica: Garibaldi ou o Austriaco

Do "Picture Post"

De TOM WINTRINGHAM

Nesta luta entrou um italiano, vindo da América do Sul, o filho de um marinheiro que ele próprio fugira para o oceano: Giuseppe Garibaldi.

Já tinha também uma boa reputação como guerrilheiro, tendo lutado pela independência da pequena república do Uruguai. Antes que desembarcasse na Itália a população de Milão, desarmada, revoltou-se, expulsando o Comandante em chefe austriaco e seus 20.000 soldados, durante o que um historiador liberal chama "os cinco dias da mais terrível e gloriosa luta de rua dos anais da revolução". Garibaldi desembarcou com menos de cem companheiros para tomar parte nessa guerra — e pouco depois o soberano local fez a paz devolvendo Milão aos austriacos. Garibaldi, porém, não fizera a paz; com algumas centenas de partidários iniciou uma campanha de guerrilhas contra os austriacos. Durou apenas três semanas, até que esta pequena força foi arremessada para a fronteira suíça.

Mas, no ano seguinte, Roma revoltou-se e foi proclamada a República Romana. Por motivos demasiado longos para serem descritos aqui os Franceses enviaram um exército contra ela. Para fazer frente a este exército regular de 7.000 homens, Garibaldi tinha menos de 10.000, dos quais só 2.000 eram regulares. Três quartos desta força eram entusiásticos voluntários "com espingardas de dois canos, dragonas atadas como que por acaso sobre os ombros dos indivíduos... vários e variados uniformes de oficiais. "Um destes oficiais era um inglês, Hugh Forbes, que lutou nesta e na campanha seguinte com uma cartola branca.

Quasi ao primeiro assalto, os Franceses tomaram casas que dominavam as fortificações. Era necessário expulsá-los daí, afim de conservar os portões da cidade. Garibaldi, como general em chefe, conduziu em pessoa o ataque. Levou um tiro na ilhargia, mas continuou combatendo.

Um novo exército, porém, ameaçava o outro lado de Roma e Garibaldi, com menos de 2.500 homens teve que deixar a cidade para atacar de flanco e derrotar 10.000 regulares enviados contra Roma pelo Bourbon, rei de Nápoles. Na noite após a batalha teve de marchar com seus soldados fatigados para Roma com medo de um novo ataque francês.

Os Franceses haviam experimentado o que os Romanos sem preparo podiam fazer. Esperaram e negociaram enquanto seu exército era reforçado com artilharia de cerco e mais 10.000 homens, numerando agora, ao todo, 20.000. Atacaram à noite de surpresa, poucas horas antes da conclusão oficial das negociações; os 6.000 voluntários, sob as ordens de Garibaldi, reuniram-se apressadamente e entraram em ação por grupos, tentando repelir o equivalente de seis brigadas experimentadas. Num dos seus ataques, Garibaldi enviou forças de vinte homens apenas contra uma casa defendida por um regimento inimigo inteiro. E, ao fim, por um milagre de coragem e improvisação, tomaram-na; a tragédia foi que não puderam conservá-la. E, no entanto, Roma manteve seus portões barricados, sob fogo destruidor, por outras quatro semanas.



1861: O momento culminante da maior campanha do libertador — a tomada de Gaeta. Os homens que lutaram por uma Itália livre e unida repousam silenciosos na fortaleza onde Francisco II de Nápoles resistiu por três meses. Com seu sacrifício o tirano foi derribado e Vitor Emanuel proclamado Rei pelo primeiro parlamento italiano.



O homem que hoje necessita um sucessor: GIUSEPPE GARIBALDI, 1807-82. O libertador. O mestre da guerra revolucionária. O homem que fez a Itália livre e unida. Hoje, seu país clama por outro Garibaldi.

OS ITALIANOS SABEM LUTAR, QUANDO O FAZEM COMO HOMENS LIVRES E SOB UM GRANDE CHEFE. — EIS A LIÇÃO QUE NOS ENSINA A HISTÓRIA DE GARIBALDI. EIS A LIÇÃO QUE PRECISAMOS RELEMBRAR AOS DESCENDENTES DAQUELES QUE LUTARAM PARA CONSTRUIR A ITÁLIA MODERNA

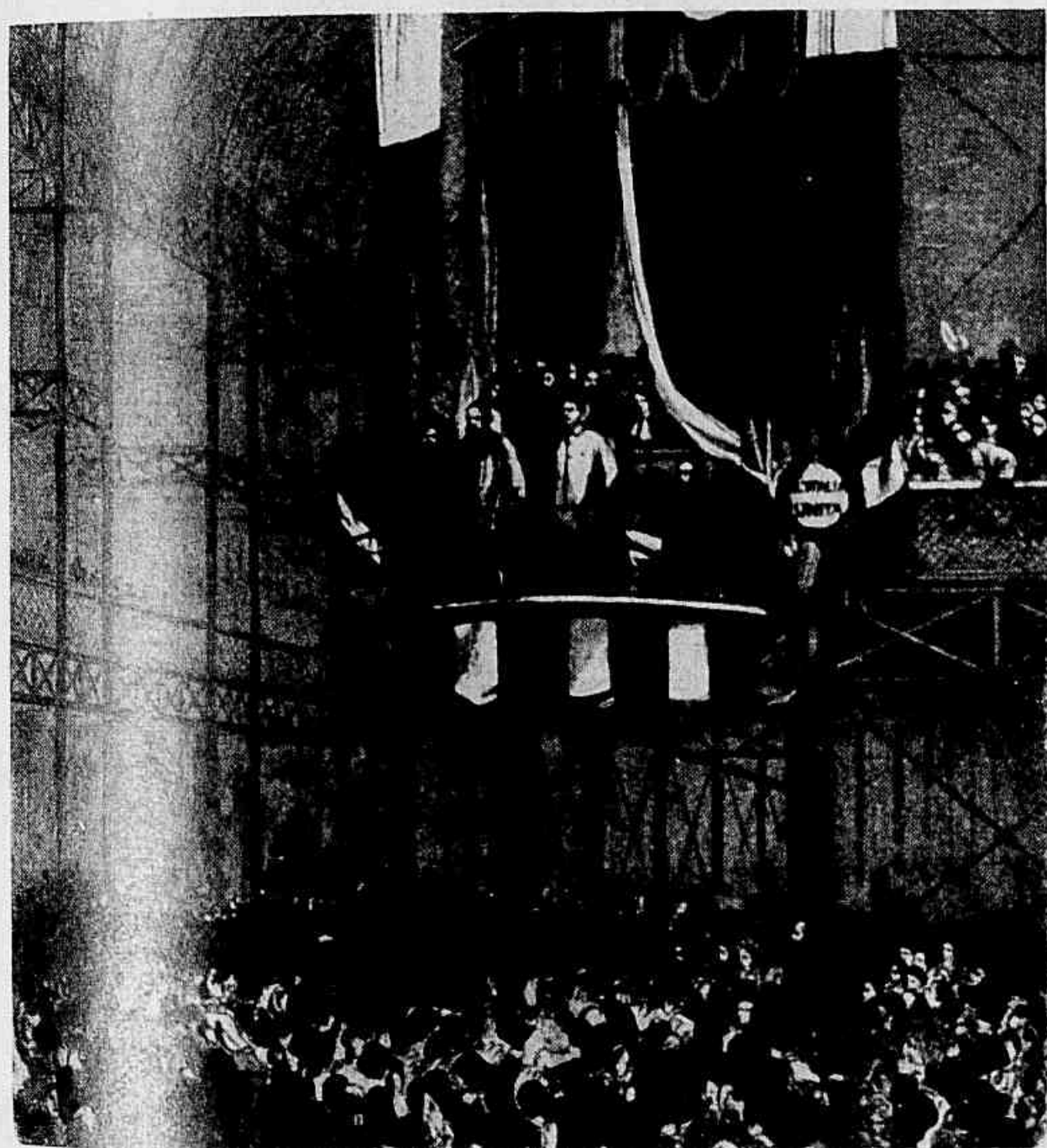
Os italianos, quando crêem numa determinada causa, já foram e continuam a ser dos maiores soldados do mundo. Há menos de cem anos, a Itália, dividida e tiranizada pelos Austriacos e por príncipes reacionários, produziu o chefe heróico de uma guerra nacional, que conseguiu derrotar os Austriacos, unificando e libertando seu país. Estamos prestes a esquecê-lo hoje. Esquecemos Garibaldi.

E por que lembrá-lo hoje? Porque Hitler é austriaco. A guerra que Garibaldi empreendeu, contra adversários tão temíveis quanto os defrontados por qualquer outro general, vai repetir-se no sólo italiano. O povo italiano detesta os Alemães. Para muitos italianos, o desvio da guerra para seu país traz esperança e medo. Se apenas os ameaçarmos, se apregoarmos o que nossos aviões de bombardeio farão a suas casas, sentir-se-ão desamparados, à mercê de forças mais poderosas do que eles. Mas, se lhes oferecermos liberdade, se os fizermos recordar as inacreditáveis campanhas em que conquistaram a admiração do mundo livre, havemos de encontrar entre eles homens capazes de lutar pela liberdade com tanta bravura quanto o fizeram meus amigos do Batalhão Garibaldi da Brigada Internacional na Espanha. Constituiu motivo de especial orgulho para eles terem contribuído na completa derrota, em Guadalajara, de duas divisões de "voluntários" de Mussolini. Há centenas e milhares de homens iguais a esses na Itália de hoje; se quisermos que se revoltem e combatam a nosso lado, isso depende de nossa atitude para com eles.

Em 1848, ano das revoluções, os Italianos sofreram cruelmente às mãos de seus opressores, a ponto de Lord Palmerston, Secretário do Exterior, escrever ao Embaixador inglês em Viena: "os Austriacos são na verdade os maiores brutos que se arrogaram o título de civilizados". As memórias do tempo estão cheias de chicoteamentos, inclusive em mulheres. Os chefes austriacos (embora muitas vezes só fossem austriacos no nome) fuzilavam ao acaso todos os suspeitos de rebeldia, inclusive crianças de 13 anos. A Itália estava dividida: uma parte queria lutar por um tempo e, então, concluir a paz, enquanto outra decidira-se pela luta sem tréguas.



1870: Seus voluntários, lutando pela França contra a Alemanha demonstram sua tradicional coragem. Contra a ameaça alemã ele levanta seus voluntários, luta em Châtillon, Autun e Dijon e ganha famosa vitória. Sob tal chefia os italianos lutam com bravura, pois lutam como homens livres, por uma causa que entendem.



1864: O apoio que a Inglaterra sempre deu a Garibaldi. Graças à proteção dos navios ingleses pôde continuar sua campanha pela libertação da Itália. Aqui, Londres dá-lhe as boas-vindas no Palácio de Cristal.

Então, tendo feito tudo que seres mortais podiam fazer, a República entregou-se. Garibaldi, porém, não se rende. Com menos de 4.000 voluntários inicia uma campanha magnífica de guerrilhas, durante um mês, com o objetivo de libertar Veneza sitiada. A seu redor havia exércitos hostis: 30.000 franceses, 12.000 regatantes, de Nápoles, 15.000 austríacos e 6.000 espanhóis e soldo dos austríacos.

Metade dos homens de Garibaldi estava apenas procurando voltar para casa e, ao manobrar, combatendo, nas montanhas da Itália central, desertaram-no. Quando chegou a meio caminho de Veneza sua força foi vítima de uma emboscada em San Marino; ele abriu caminho com 180 homens e ganhou o mar.

Novamente foi perseguido por uma esquadra austríaca; desembarcou quase só com sua mulher agonizando-lhe nos braços. Milhares de austríacos procuravam-nos. Sua mulher morreu numa cabana, entre as salinas. Anita Garibaldi lutara a seu lado na América do Sul e cuidara de seus soldados na longa retirada de Roma. Parecia o fim, mas não era.

Das centenas de humildes italianos a quem tivera de apelar para

sua segurança, ao abrir caminho lentamente através da Itália, nenhum o traiu.

Com um só companheiro que fôra estropeado por uma bala, foi agasalhado de casa em casa e de aldeia em aldeia. Quem quer que o traísse ficaria rico para o resto da vida. Algumas vezes os planos de seus amigos fracassavam e tinha de apelar para desconhecidos na rua afim de romper as malhas que o cercavam.

Todas as forças que tinham lutado por uma Itália livre renderam-se. Estava só, ferido, sem dinheiro, completamente derrotado. E, no entanto, o orgulho que suscitara, o esplêndido exemplo que dera, tornaram possível que voltasse em dez anos como Chefe do Povo Italiano. Suas campanhas tiveram então a mesma qualidade lendária. Desembarcou na Sicília com mil voluntários mal armados afim de dominar uma guarnição de 24.000 homens bem equipados e disciplinados, soldados profissionais endurecidos na ação e bem comandados. Suas vitórias foram o sinal de que nenhuma força material podia impedir que a Itália se unísse numa nação, não mais subjugada pelo poder austriaco ou alemão.

Esta é a história que não podemos esquecer agora. Devemos lembrar aos italianos: sua escolha: Garibaldi ou Hitler? No caminho tomado por Garibaldi estão a esperança e o respeito próprio para eles, e a admiração e o amor das outras nações. Nosso objetivo não pôde ser o bombardeio de uma nação como a Itália e, sim, descobrir e ajudar os dignos descendentes de Garibaldi que podem reunir-se como iguais às nações livres, unidos pela concórdia e o respeito que deverão plasmar o futuro.



1849: Sua mulher morre enquanto ele está em fuga. A primeira grande luta para libertar a Itália termina num fracasso. Numa das horas mais sombrias da vida de Garibaldi, sua mulher, Anita, morre numa cabana das salinas.

NOTICIARIO ELEGANTE

ANIVERSARIOS

8 Senhoras: D. Cacilda Martins, viúva do Ministro Enéas Martins; d. Jaira Coelho Barbosa Maia Forte, esposa do contador naval José Matoso Maia Forte; enhores: dr. Miguel Couto Filho, dr. Otávio Aires, Adolfo Coutinho.

9 Senhores: Felix Inácio Moses, Salvador de Carvalho, Severo Cândido Genaro.

10 Senhorinha: Dulcy dos Santos, filha do sr. Carlos Santos, nosso colega de imprensa; senhoras: d. Hilda Neto dos Reis de Sousa Dantas; esposa do dr. Carlos de Sousa Dantas, d. Alcina de Azevedo, esposa do cel. Cicero José de Azevedo; senhores: Embaixador Maurício Nabuco, almirante José Machado de Castro Silva, professor Bento Viana

de Andrade Figueira, Manuel da Costa Junior, dr. Benjamin do Monte, capitão Humberto Guimarães de Almeida.

11 Senhor: Dr. Flávio Rezende Rubim.

14 Senhoras: D. Albina Leitão, esposa do sr. Joaquim Leitão; d. Amélia de Almeida Machado de Oliveira, esposa do sr. J. A. Machado de Oliveira; senhores: Major Valdemar Pio dos Santos, dr. Domingos Segreto, diretor-presidente da Empresa Pascoal Segreto; dr. Roberto de Lamare; Alfredo Fernandes Lage, Fernando Ribas Carneiro, dr. Argeu Guimarães, dr. Pedro Hercílio Luz, Augusto Malta, José Bonifácio da Costa, dr. Renato Bruce Botelho, dr. Camilo Atílio Filho, dr. Silvio Mendes Figueiredo.

RENE' TALBA NAS "ONDAS MUSICAIS"

A Cia. de Carris, Luz e Força do Rio de Janeiro, Ltda., está apresen-



"Ondas Musicais", o renomado tenor francês René Talba, notável cantor lírico e camerista, pertencente ao elenco da ópera de Monte Carlo e solista dos famosos Concertos Padeloup, Lamoureux, Le Triton e Societé Bach, de Paris.

Com essa brilhante iniciativa, as "Ondas Musicais" demonstram mais uma vez o seu empenho em propugnar pela cultura musical do nosso povo, que por sua vez não regateia seus aplausos àquelas finíssimas manifestações de pura arte.

Enlace matrimonial do nosso colega de imprensa Leonidas Bastos com a senhorita Helena Puente, filha do sr. Mario Puente, falecido, e da sra. Austerlina Maciel Puente, da sociedade gaucha. Serviram de padrinhos, no civil, por parte da noiva, o sr. Morais Bittencourt e senhora, e por parte do noivo o sr. José Lyra e senhora. O ato religioso, que teve lugar no dia 24 de abril p. p. na Igreja do Sagrado Coração de Jesus, teve como paraninfos, por parte da noiva, o dr. João Henrique Seixas e mme. Alzira Kraemer Maciel, e por parte do noivo o sr. Belmiro de Souza Sobrinho e senhora.

Os noivos, que receberam cumprimentos na Igreja, embarcaram a seguir para Rezende, em viagem de nupcias.



tando, durante o corrente mês de Maio, através dos seus programas



Recepção na residência do sr. William Wieland e sra., adido de imprensa da Embaixada dos Estados Unidos, oferecido às pessoas de suas relações. Contou com a presença do sr. John F. Simons, conselheiro da Embaixada, e de outras figuras do corpo diplomático e de projeção do nosso mundo social.



Flagrante colhido no Palácio Rio Negro, em Petrópolis, onde foram recebidos em audiência pelo Chefe do Governo, os jornalistas norte-americanos Charles Nutter, diretor-geral da Divisão Latina-Americana da "Associated Press", e Raphael Odorica, representante geral da "Associated Press" na América do Sul.



Flagrante colhido no gabinete do diretor do D. I. P. quando o dr. Lourival Fontes esteve em visita de despedida, em virtude de sua recente nomeação para representante do Brasil na Repartição Internacional do Trabalho, atualmente com sede em Montreal.

A magia de Velasquez e o sonho de uma noiva



Sob a inspiração de uma tela do genial e amoroso pintor espanhol, um costureiro americano desenhou esse modelo em setim branco prateado. O corpete justo, a saia farta com ruches e laços aplicados juntamente com o véu de renda, dão a esse conjunto um "quê" de espiritualidade exauridos da eterna fonte de beleza que é a pintura de Velasquez.

V Bonbons
ITÓRIA RÉGIA
 Cerejas ao
 Marrasquino
OS MAIS CAROS
 Incontestavelmente os
 melhores.

NOIVAS DE MAIO



RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

Li algures que Deus creou o Amor numa tarde de Maio.

Por isso em todos os paizes da Terra, ouvem-se, doces e profundos, os acordes da Marcha Nupcial de Mendelssohn ou a sinfonia estranha e encantadora que é o beijo de uma noiva.

Na Europa, Maio assinála o tempo da "Spring Fever". E enquanto as flores desabrocham, o céu se mostra azul e transparente e se extingue o fogo das lareiras; a voz dos sinos parece alvoroçada, parece que está dizendo: "Casai-vos, paroqueanos, casai-vos".

No Brasil, entretanto, a temperatura cáí e, ao lado das flores eternas, as árvores tornam-se policromicas com o aparecimento dos frutos sob o inextinguível sortilégio de Pomona. A Marcha Nupcial de Felix Mendelssohn adquire uma duração singular. E palpitantes, numa nuvem de "tulle" de juventude e de setim, elas caminham para o altar como sínteses humanas da própria felicidade.

Ao vê-las tão bonitas, todos adquirem uma certeza: sim...é verdade que Deus creou o Amor numa tarde de Maio...



Palavras a uma noiva

SONIA REGINA

Minha filha:

Amanhã é o dia dos teus esponsais e no entanto eu já te posso vêr sob o longo vestido branco, palpitante e emocionada, caminhando até o altar onde te espera o senhor do teu coração. E estou certa: á tua passagem todos comentarão: "Como é linda aquela noivinha que ali vai! Ainda é jovem, jovem e encantadora como a incarnação da primavera!" E dirão a verdade — porque, como não o ignoras, és muito linda. Tua beleza física foi sempre o grande orgulho de teu pai, tanto quanto a pureza de teus sentimentos e a bondade que nascia nos teus gestos foram motivos de felicidade para mim. Desde bem pequenina... E parece que foi ontem quando adormecias nos meus braços e balbuciavas docemente o vocábulo mais bonito de todas as línguas do universo: Mamãe...

Uma vez, também, numa tarde de Maio caminhaste sobre o tapete vermelho da igreja do Sagrado Coração. Levavas um vestido branco e a grinalda que emoldurava tua cabeça loura dava-te um ar de anjo de Rafael. Passaste firme e nem me olhaste sequer. Estavas imbuída da tua crença e teu pequenino coração palpitava do divino amor pelo Menino Jesus. Os circunstantes repararam surpresos a firme convicção que demonstravas ao professor a tua fé. E eras ainda uma criança. Amanhã os convidados repararão comovidos a afirmação do teu Amor; sim, porque foi o puro e desinteressado Amor quem te impeliu para "ele". Se quizesse poderias desposar um homem célebre como o Dr. X... ou milionário, como o industrial G. Mas foi a "ele" — pobre e talentoso desconhecido — que ofereceste a dádiva preciosa da tua afecção. Pertences á categoria daquelas que acreditam na eternidade de um amor e na indissolubilidade do matrimônio. E tens a grande virtude da compreensão. Por tudo isso, porque te encontro tão perfeita, tão confiante no teu futuro, tão conciente dos teus deveres de esposa, não poderei fazer, como todas as mães que aconselham as filhas. Tua serenidade, tua inteligência e principalmente a moral de que és dotada garantem, ao lado da tua feminilidade, um perfeito domínio no coração do teu esposo. Sabes que a confiança mútua assegura o equilíbrio e a estabilidade de um lar e que não se deve exigir nunca de um marido mais do que aquilo que ele possa oferecer. E agora, minha filha, adormece. Tal como quando eras pequenina. Repara: é a última noite que passas em casa de tua mamãe. Amanhã uma vida nova começará a realização de um sonho. Deus guiará vossos destinos. Num longo vestido branco, caminharás outra vez sobre o tapete vermelho da igreja do Sagrado Coração. Mas então a Marcha Nupcial substituirá o Salutarix, e no teu coração, com o direito de guardá-lo, já não seremos apenas dois: eu e teu pai. Haverá uma terceira pessoa.

E depois, depois, quem sabe? Uma parcela de vossas almas num desdobramento celular, assegurando a continuidade da Vida, nos projetando no Tempo.

Deus te abençoe, minha filha.

Maravilhoso vestido em setim branco, tom de gardenia. "Godets" de renda são embutidos no drapeado da saia e seguros por gardenias que prendem, por sua vez, o curto véu de "tule".





Beleza e eficiencia

NOTAMOS, com surpreendente frequencia, o apego exagerado e intransigente com que muitos se prendem aos metodos e processos antiquados, alguns, porque isto alivia a tarefa de pensar, outros por julgarem bonito este amor á *tradição*. Não se pode confundir porem, o verdadeiro culto da tradição, com esta atração que muitos sentem por tudo o que é arcaico.

A inteligencia revelada por um artista, seja um pintor, um literato, ou um decorador de interiores, está justamente na sua técnica em adaptar á beleza do passado, a eficiencia oferecida pelo progresso.

Parece que houve aqui a preocupação de não conservar nem sombra de *clássico*, em qualquer curva ou cantinho de escultura; e, todavia, repare-se a eficiencia com que o Decorador conseguiu atingir os objetivos de amplitude e conforto, conservando no conjunto, uma nota de evidente bom gosto.

Sem cair no exagêro de certos estilos rusticos, nem na complicação de alguns modernismos, que só valem pela sua luxuosa *mise-en-scène* o Decorador escolheu, com modéstia, os motivos mais simples e deu-lhes realce pelo contraste dos tons, aproveitando a irregularidade dos aposentos para uma diversidade que nos transmite uma alegre e graciosa impressão de leveza.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

NÃO VEM PERDER ANEDDO NEM FILIAIS

DE NOVA YORK PARA VOCÊ



De estilo antigo é esse vestido em tafetá branco marfim. A saia farta termina numa longa cauda e está suspensa num gracioso franzido que finalisa numa espécie de laço, deixando vêr os babadinhos de renda. Esta guarnição é repetida nas mangas e no pequenino colarinho do corpete com pala de "tulle" e leves drapeados sobre o busto. O curto véu de "tulle" está preso ao cabelo mediante um apanhado de mirtos. (Eastman-Nova York).

Rico vestido de noiva executado em pesado setim branco marfim. A sêda cái admiravelmente. A blusa levemente drapeada acentua a graça da silhueta. A saia muito franzida termina com grande cauda. Guarnição de cabelo — 1 toucado estilo Maria Stuart e véu de filô branco marfim. Modelo Eastman, de Nova York.

Lirios para o "bouquet"



I — Para uma noiva campestre, em tafetá prateado; abotoado em toda a extensão. Vêu de "tule" saindo de um toucado que combina com o vestido.

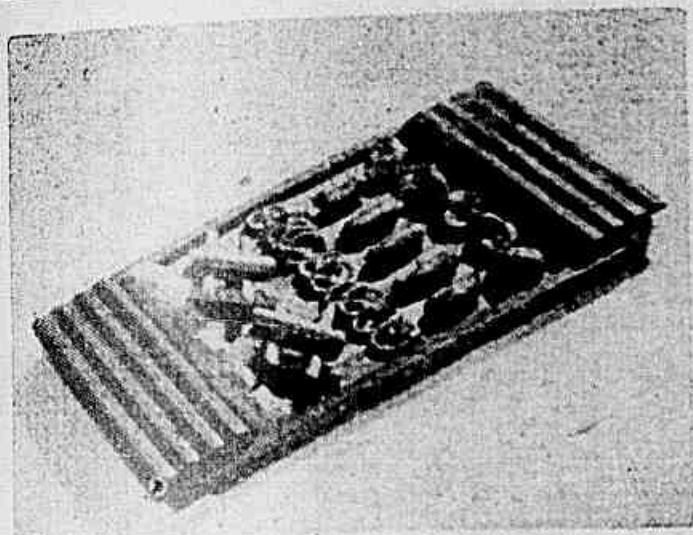
2 — Em setim branco, os "drapés" da frente mantidos por laços. Turbante do setim do vestido; aplicadas, no véu, pencas de flores de laranja e rosinhas brancas.

3 — Lindo modelo para "demoiselle d'honneur",

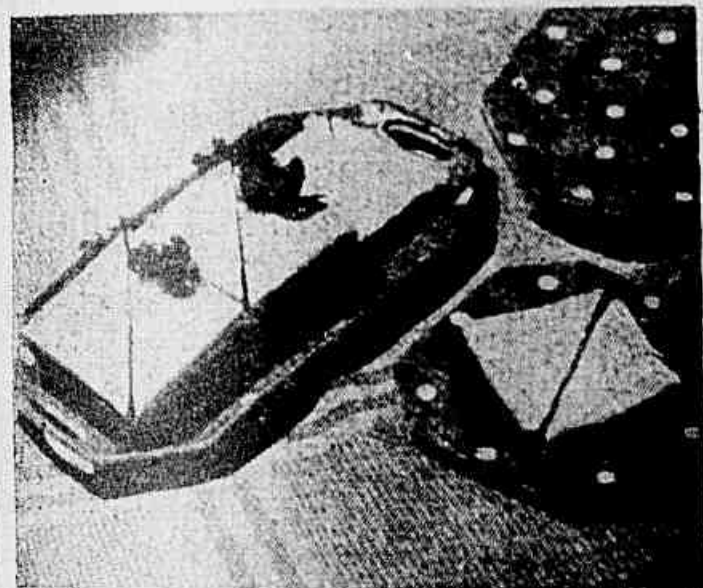
Usar a pasta S. S. White é saber dar preferência ao dentífrico mais completo para higiene e conservação dos dentes.



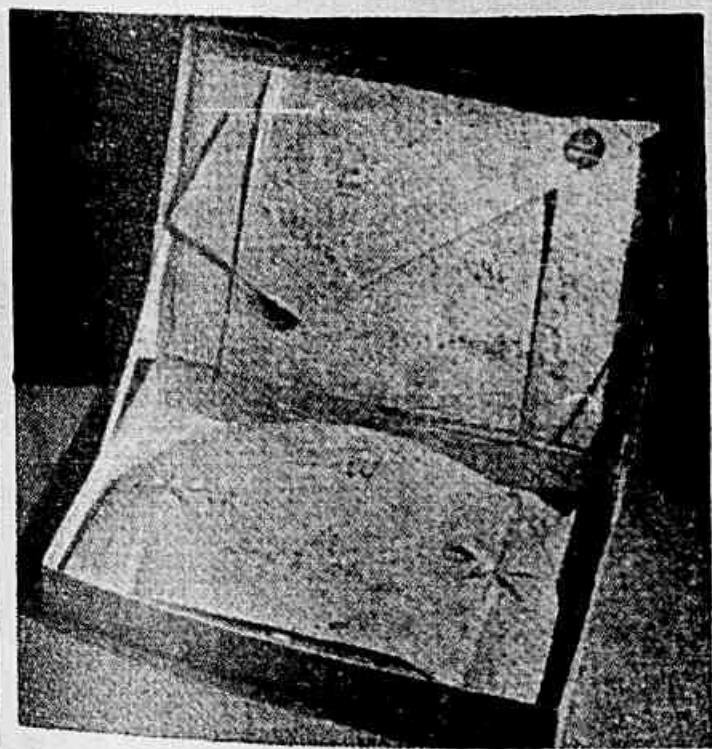
Presentes que agradam aos noivos



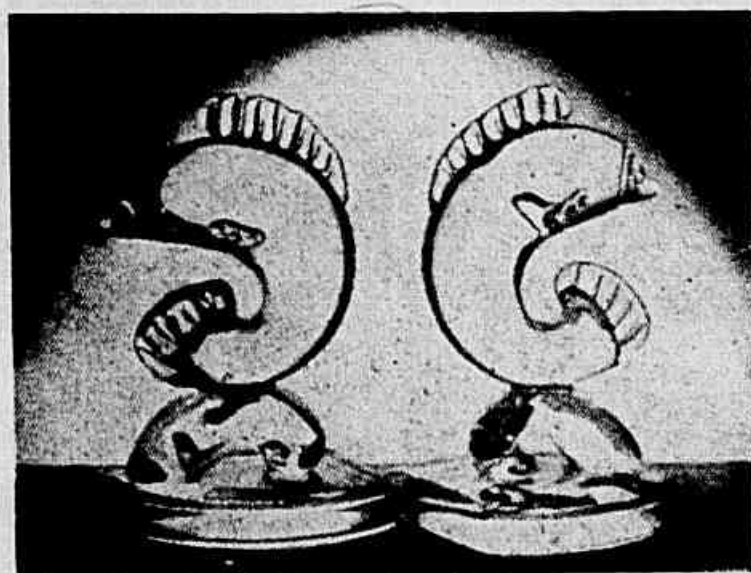
Bandeja de madeira para doces e biscoitos; termina com dispositivos para cigarros.



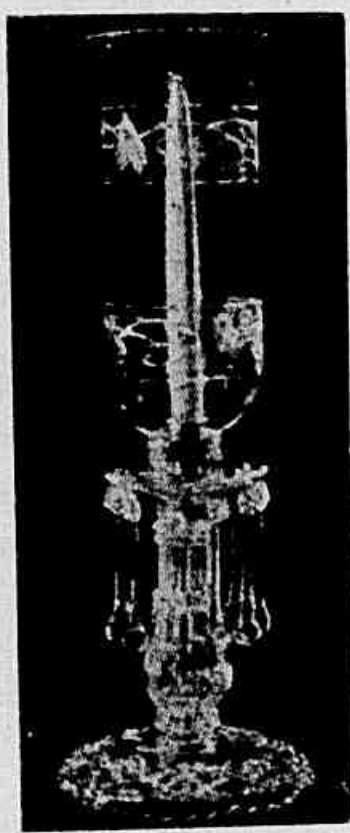
Serviço para "sandwich", em louça inglesa.



Toalha de mesa em fina cambraia bordada com os respectivos guardanapos.



Um prendedor de livros de cristal, muito interessante.



Candelabro de cristal trabalhado em grande voga.



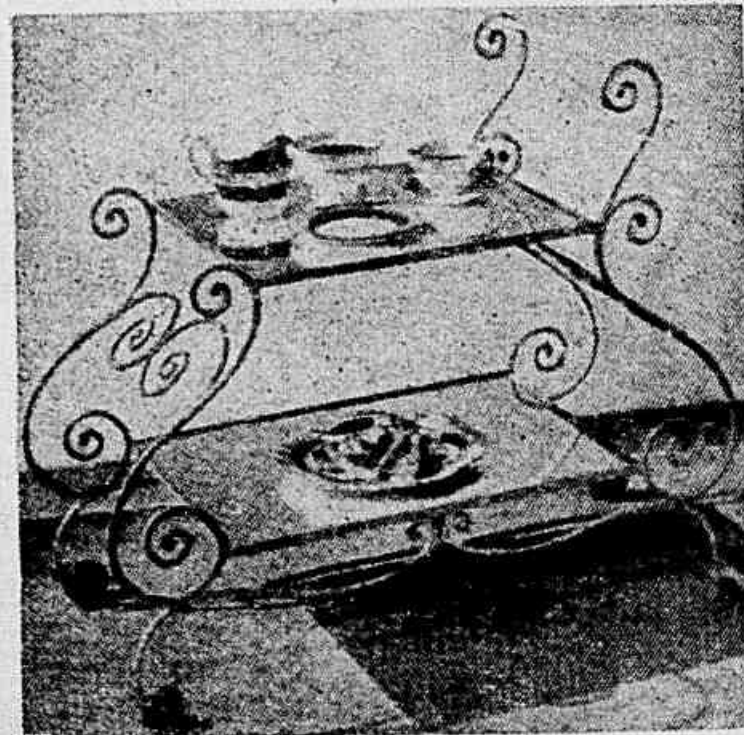
Lindo conjunto para a cristaleira.



A' prova de fogo é este conjunto para chá e água quente.

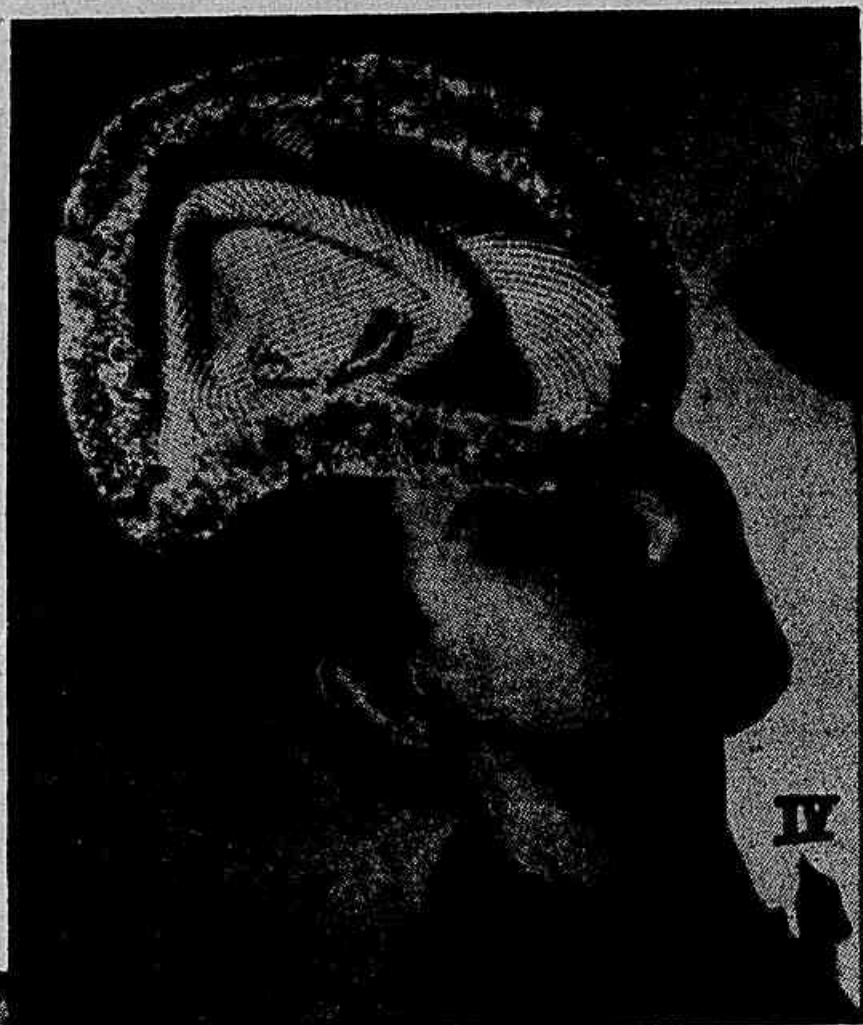


Aparelho de chá em fina porcelana.



Elegante mèsinha de ferro batido para servir "lunch" ou "cocktail".

"Dans le soir"



IV



II

1 — Carteira em pele da Suécia com um corte original; o drapeado do bolso contrasta com o fecho todo feito a mão.

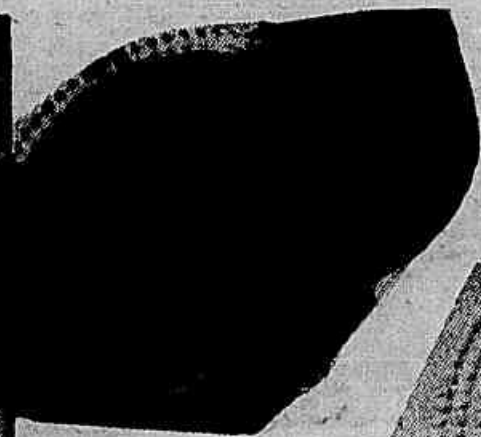
2 — Toque de véu negro muito elegante. (Braagaard).

3 — Elegante "tailleur" em fina lã negra. Ornamenta-o estreito cordão "ciré". Sáia em linha. (Peter Russel).

4 — Tricórnio estilizado feito em sêda com quadinhos vermelhos brancos e negros e ruches no contorno. (Braagaard).

5 — Elegantes modelos de sapatos.

6 — Moderno colar com 3 fios, em pérolas.



I



VI

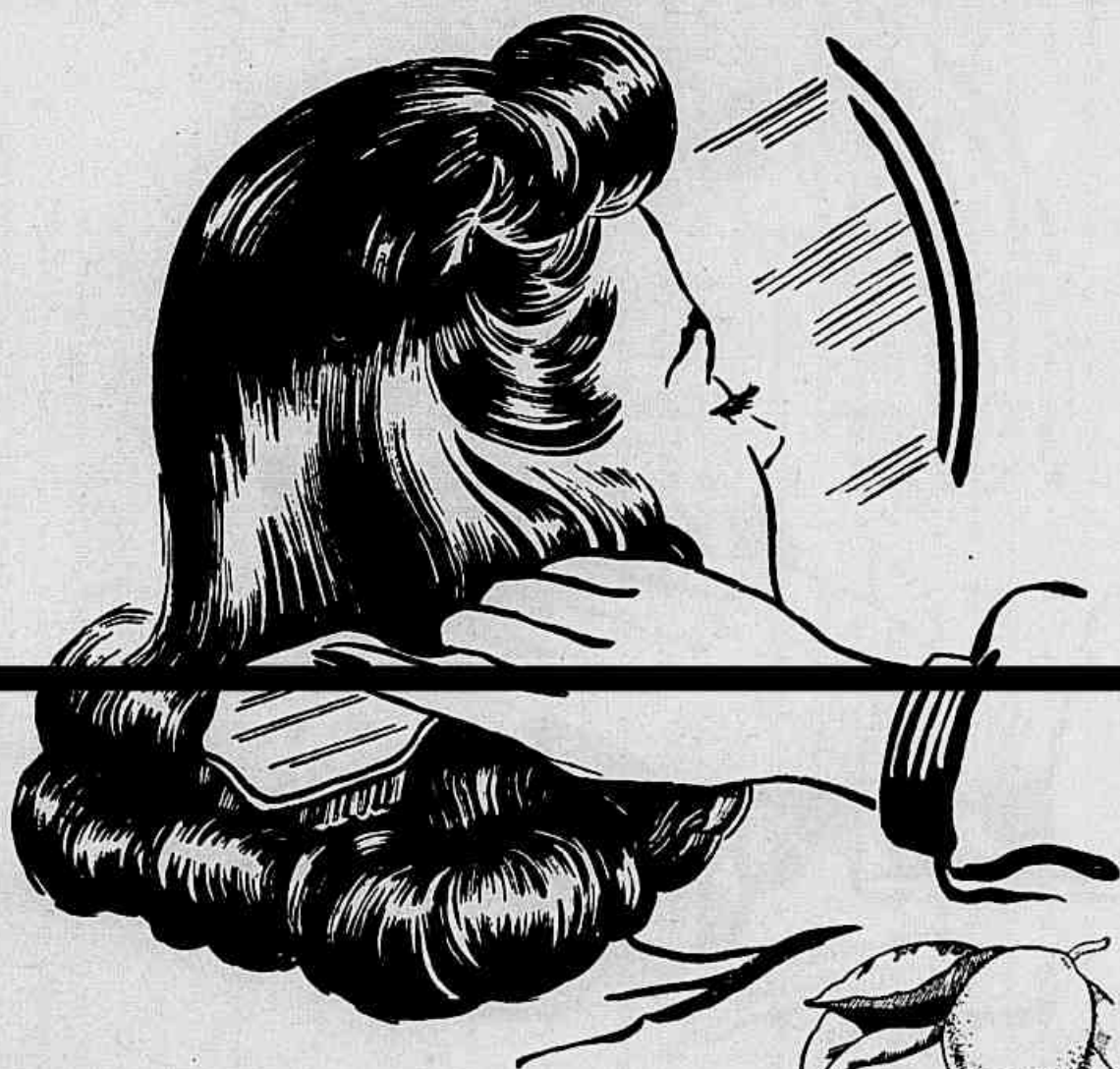


V



III

PARA CONSERVAR O ENCANTO DO SEU PENTEADO



Não corra o perigo de usar um óleo qualquer que empaste os cabelos. Antes do mais é necessário proteger-lhes a saúde desde a raiz, tornando-os fortes, sedosos e macios com um óleo puro e cientificamente preparado como o OLEO DE LIMA. É isento de goma e gordura e assenta o penteado sem empasta-lo.



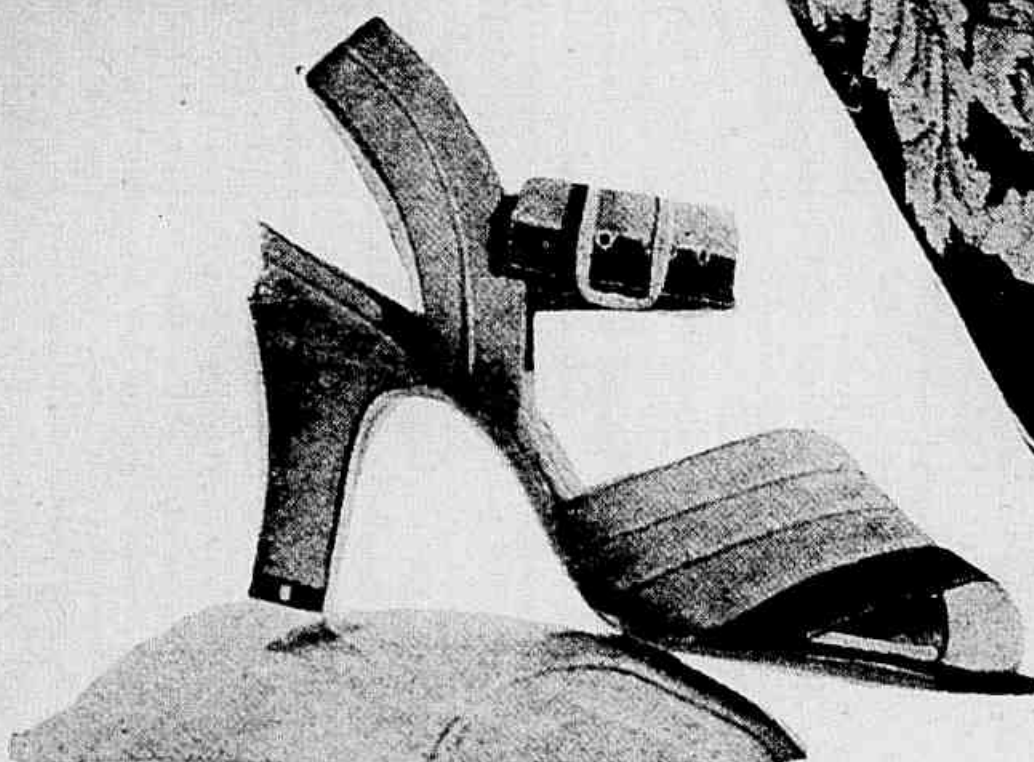
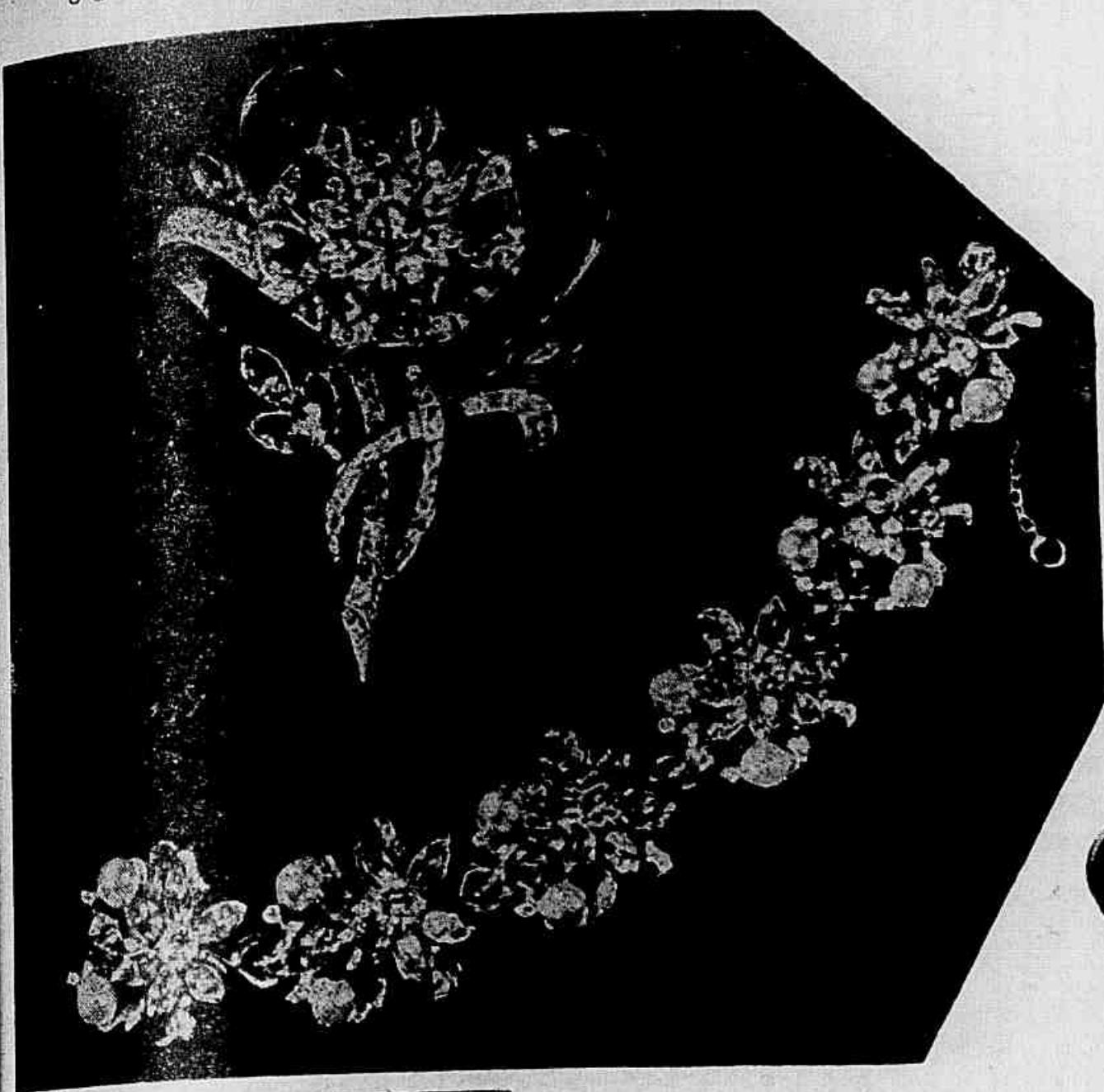
L-IA-128

OLEO DE LIMA

DA BRILHO E VIGOR AOS CABELO!

AGUA DE TOILETTE
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
LIMPA E FECHA OS PÓROS
A VENDA EM TODA A PARTE

"Pour la nuit"



Conjunto de pulseira e "clip" em brilhante e platina.

Sandálias bordadas sobre fundo negro muito decorativas para combinar com vestido negro. (Russel e Bromley).

Modêlo setim de duas cores. (Lilley & Skinner).

Romântico modelo de "tulle" negro coberto com aplicações de tafetá trabalhado sobre sombra de "crêpe" negro e com abertura até os joelhos (Sacks).

Linda carteira bordada sobre fundo negro.

Elegantíssima bolsa em veludo de sêda com bordado matisado.



Chez Moi



1. Jogo incluindo a "liseuse" em seda rosa, palido sem rendas
3 - Gracioso modelo em rayon de tom claro

2. Night and Day. Calça de crepe setim negro colante; linda blusa em crepe rayon branco abotoado com perolas
4 - Pignoir de taffeta estampado de flores

SENHORA:

CONSERVE A SUA PELE PERFEITA, SAUDAVEL E LINDA, USANDO

OLEO DE VIOLETAS

DE

MME. GRAÇA

DELICIOSAMENTE PERFUMADO, FIXA O PÓ DE ARROZ E CORRIGE QUAISQUER IMPERFEIÇÕES E DEFEITOS.

O "CREME ANTI-RUGAS", CONTRA RUGAS E FLACIDEZ DOS MÚSCULOS; A "LOÇÃO ACNÉA", PARA ESPINHAS E CRAVOS; O "BALSAMO BRANCO", PARA CLAREAR — PRODUTOS DE MME. GRAÇA SÃO PERFEITOS.

CATALOGOS GRATIS PELO CORREIO.

Distribuidores: — ESPANA PARAMÉS & IRMÃO

RUA DA ALFANDEGA, 181 — RIO.



CREME DE TOILETTE
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
BRANQUEIA E AVELUDA A PELE
A VENDA EM TODA A PARTE

Conselhos da famosa Mrs. Daysh

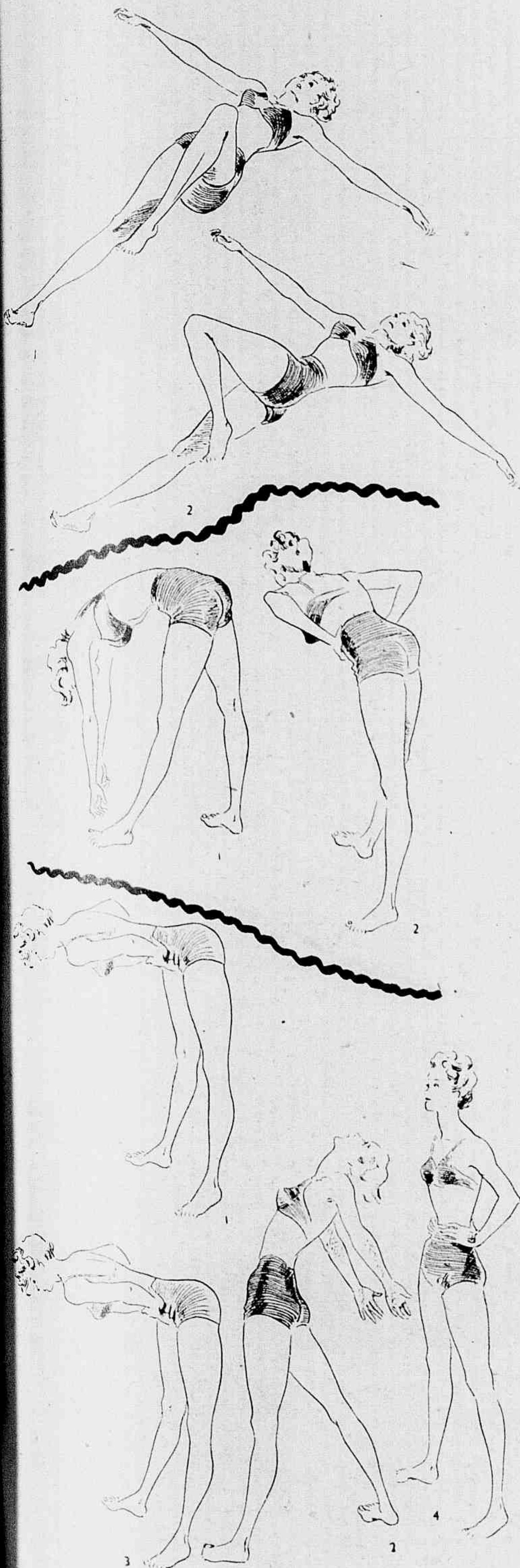
Para que você conserve sua silhueta sempre fina e graciosa, deverá fazer, todas as manhãs, os seguintes exercícios:

1.º — Deite-se no chão, braços estendidos para os lados; a perna esquerda dobrada. Conserve as costas no chão. Depois mova-se sobre as cadeiras de fórmica que o joelho esquerdo toque no chão. Volte à primeira posição. Repita quatro vezes o movimento para a direita e depois para a esquerda, alternando-os.

2.º — Exercício respiratório e de relaxamento e distensão muscular: Inspire fortemente, distendendo o corpo e relaxe-o ao expirar. Posição inicial: fique com a perna esquerda para a frente (1) deixe o tronco cair com a cabeça na direção do pé esquerdo. Musculos relaxados. (2) Levante-se, inclinando-se o quanto for possível para trás, sem perder o equilíbrio. Repetir quatro vezes para a esquerda e para a direita.

3.º — Posição natural, mãos sobre os quadris; inspire profundamente. Depois siga os movimentos deste exercício: 1.º — Expire, inclinando o tronco para a frente; 2.º — Vire o tronco para a direita; 3.º — Ainda expirando volte à posição inicial; 4.º — Tronco ereto, inspirando profundamente.

Repita o exercício para a esquerda e para a direita, alternadamente.



*A arte
de pintar cabelos*

Este livro útil para todas as senhoras é oferecido pela

**TINTURA
FLEURY**

O rejuvenescedor dos cabelos

Solicitem-no à Rua 7 de Setembro, 40 sob. - Rio de Janeiro

O milagre da renovação

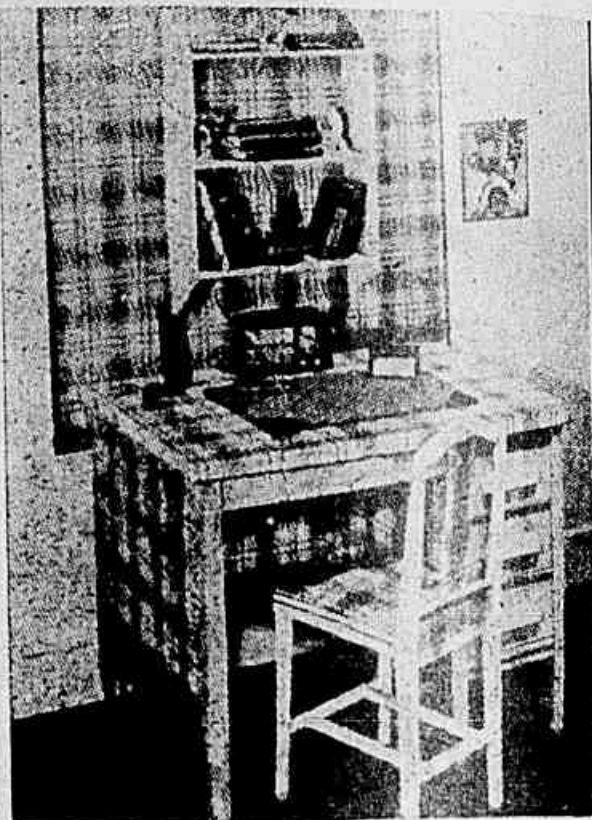


Na cozinha a parêde nas proximidades do fogão estava suja e feia. Querem saber o que fiz? Comprei oleado branco com estrelinhas azuis e vermelhas e coloquei-o acima do fogão. Ficou tão bonito e prático que minhas amigas logo me imitaram.

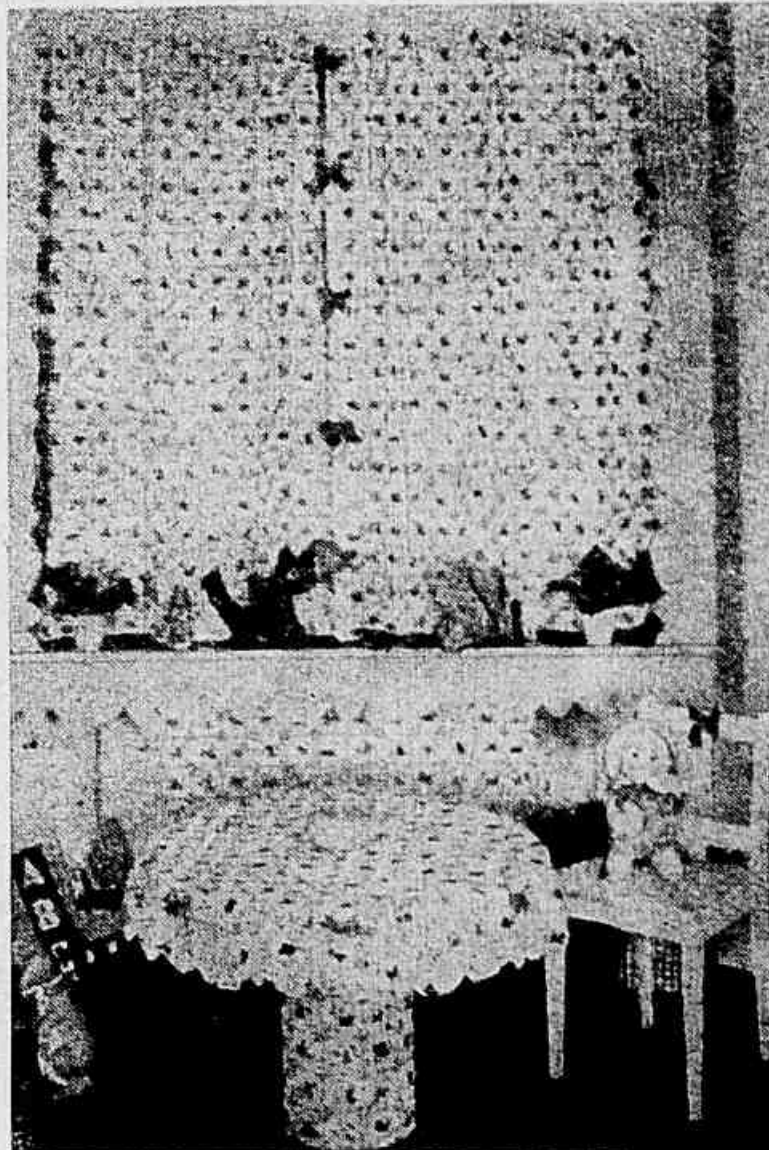
UM sábio, chamado Lavoisier uma vez enunciou um famoso princípio: "Na natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma".

Saindo dos domínios da fisico-química, este princípio chegou mesmo aos lares modestos da América. Eis como uma habilidosa dona de casa exemplifica o milagre da renovação:

Uma velha escrivaninha está encostada num canto sem utilidade. Vamos consertá-la; depois passamos sobre a mesma duas mãos de *laqué* branco. Ficou tão bonita! E se arranjássemos uma cadeira e fizéssemos o mesmo? Agora com um oleado alegre e quadriculado cobrimos a escrivaninha e forramos a cadeira. Uma estantezinha suspensa, também laqueada, sobre um painel do mesmo oleado e eis uma linda sala de estudo para o meu filhinho.



Umaz pinceladas de "laqué" e um oleado de fundo branco e bichinhos vermelhos e azuis transformaram um velho ambiente e imprestáveis peças de mobiliário nesse alegre recanto onde "Baby" agora vem brincar.



Com alguns metros de oleado recortado artisticamente fiz uma linda guarnição para minha copa e um original serviço de jantar americano com o qual numa mesa finalmente arranjada servi até um jantar de cerimônia.



Umaz Contam às Outras...

UMA senhora descobre um dentifício de sabor tão delicioso que escovar os dentes se torna um verdadeiro prazer. Ao seu primeiro contacto com a língua, toda a boca se sente tomada de admirável frescor. Que é que ela faz? Naturalmente, usa-o todos os dias — depois de cada refeição, se possível. E conta às amigas sua descoberta. Isto é o que sucede diariamente com o Creme Dental Squibb em todo o mundo. Porque, na verdade, ajuda a limpar os dentes com prazer

e segurança. Pureza e eficácia estão em primeiro lugar na fabricação do Creme Dental Squibb. Passa por mais de 100 rigorosas provas, antes de ser posto à venda. Sua fórmula científica não contém nenhuma substância raspante, adstringente ou sabão — nada que prejudique o esmalte ou irrite as gengivas. Outro detalhe importantíssimo — o Creme Dental Squibb é feito com eficaz *anti-ácido* — Leite de Magnésia Squibb. Por que não experimenta hoje mesmo esse delicioso dentifício?

Creme Dental Squibb

250

ESCOVA *ANGLE* SQUIBB

Recurvada em ângulo adequado para atingir por igual os interstícios e a superfície de **TODOS** os dentes. Fios da mais alta qualidade — eficientes — duráveis.

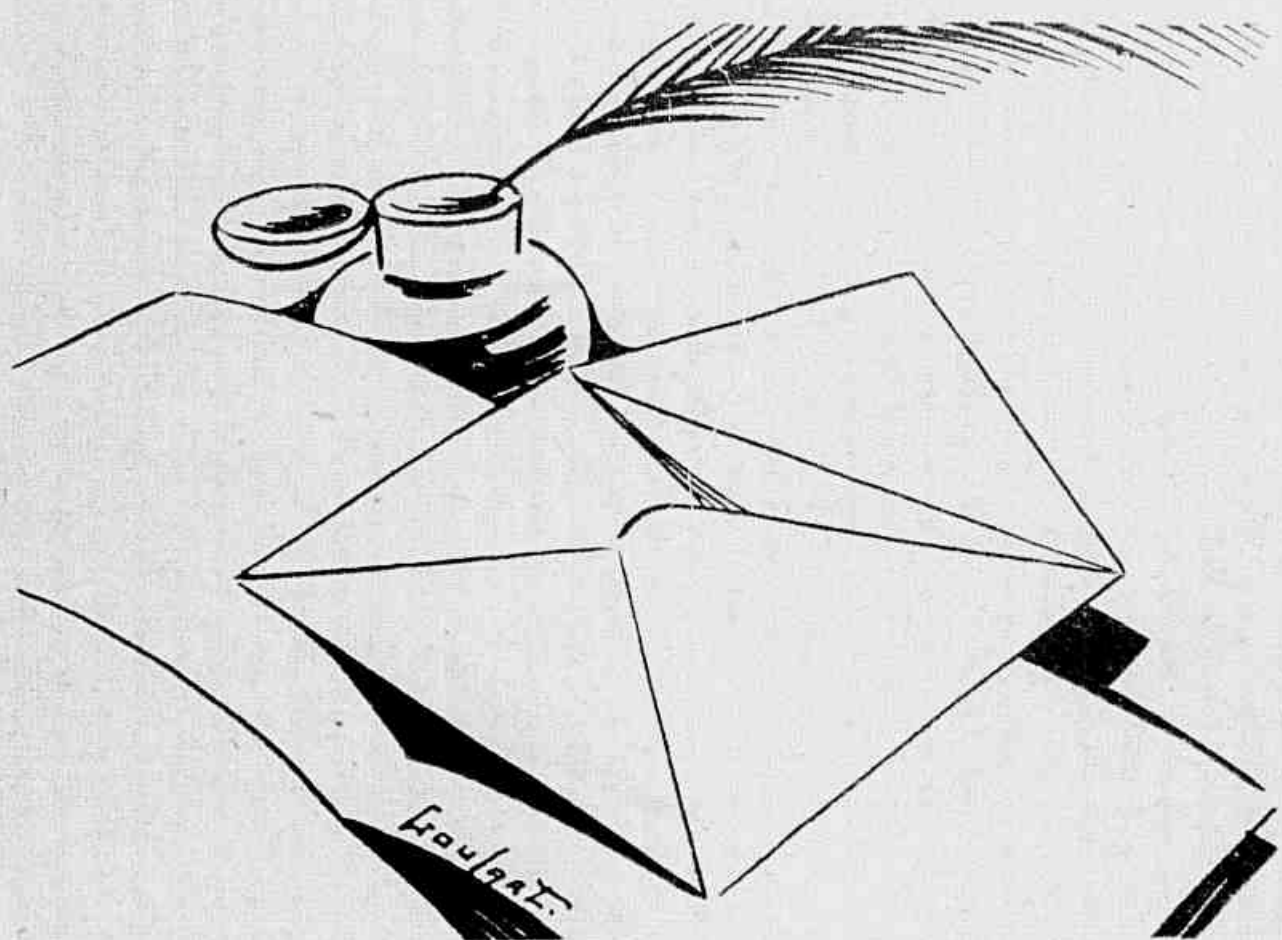


DURANTE AS NUPCIAS

Muitas de minhas amigas às vésperas do casamento inquiriram-me sobre a maneira correta de entrar e sair da igreja, sobre a disposição dos padrinhos, a ordem do cortejo e até sobre questão dos convites. Esta última é a mais simples. Antigamente os convites eram enviados somente em nome dos pais da noiva já que eles ofereciam a festa do casamento (o que é correto até hoje). Entretanto, atualmente, tanto os nomes dos pais da noiva como os dos pais do noivo aparecem nos mesmos. Devem chegar ao destinatário — parentes e amigos — com 15 dias de antecedência, no mínimo, e um mês no máximo. São feitos em papel branco e de boa qualidade.

NA IGREJA: Nos casamentos, segundo o nosso sistema, a noiva entra acompanhada do padrinho (ou do pai) enquanto o noivo a espera junto ao altar, com a madrinha ou demais padrinhos.

Um militar leva a noiva oferecendo-lhe o braço direito, mas o civil, sempre o esquerdo.



sa de doces "Biffet" frio, servido das 17 horas em diante e reunião dançante. Em geral o pai da noiva ajuda a receber os convidados com o padrinho e os integrantes do cortejo masculino. A noiva levanta o véu e, ao lado do noivo, recebe os cumprimentos dos convidados que, desfilando, se dirigem ao "buffet".

LANCHE: Os noivos ocupam o lugar de honra na mesa, ao lado do sacerdote (quando bispo, preside a mesa); seguem-se os pais dos noivos, os padrinhos, etc. Se são muitos os convidados os pais dos noivos presidem outras mesas.

No estilo adotado tanto nos Estados Unidos como na Inglaterra é a seguinte a ordem do cortejo. A noiva entra sozinha, seguida das crianças ("flower-girl" e "flower-boy") e das "demoiselles d'honneur" vestidas igualmente. Logo depois vem o noivo seguido de rapazes, na maioria, seus amigos. São os "ushers". O padrinho toma o nome de "best-man" e a madrinha de "maid-of-honour".

Mas em qualquer dos sistemas os noivos sempre voltam precedendo o cortejo.



Fragrante e Aderente!



PÓ FACIAL PÉTALAS DE FLORES

de *Helena Rubinstein*

CONSERVE a beleza natural de sua pele com o uso do PÓ FACIAL PÉTALAS DE FLORES.

Os grãos do PÓ FACIAL PÉTALAS DE FLORES que beneficiam e tornam a pele ainda mais atraente, são impregnados de bálsamos e refrescantes e constituem na realidade, um verdadeiro tratamento de beleza.

Peça que lhe mostrem os tons criados especialmente para seu tipo de pele.

Perfumarias

CARNEIRO

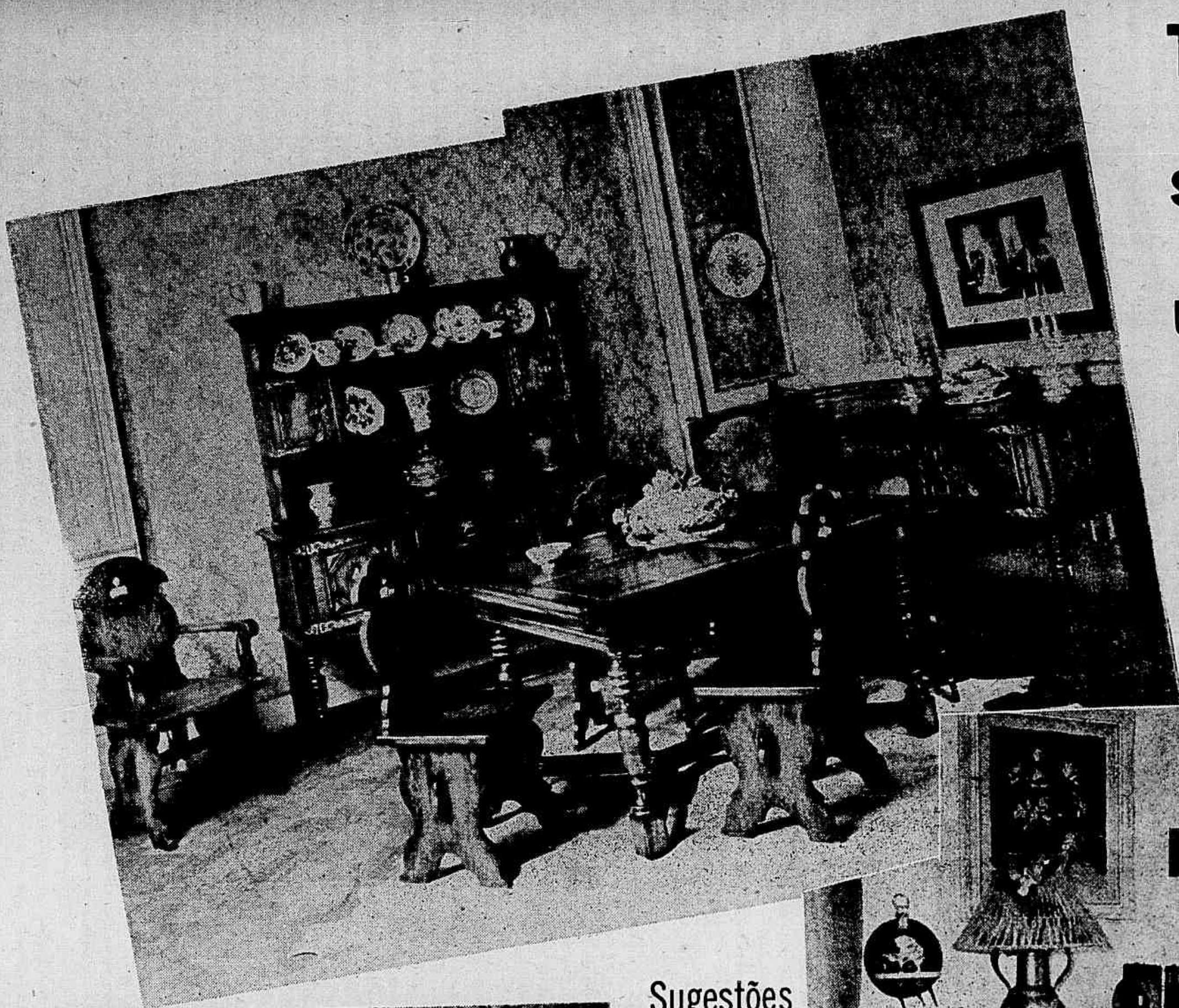
Rua 7 de Setembro, 92 — Praça Floriano, 31
Rua do Ouvidor, 116 e Ouvidor, 138

ser curtos, expressivos e oportunos. RECEPÇÕES: As recepções reduzem-se a 3 espécies: o almoço de apêndice servido até às 14 horas, a mé-

Quando existe cortejo, este entrará antes, e esperará no presbitério a noiva, que é a figura central. NO ALTAR: O noivo coloca-se à direita da noiva. Os parentes e testemunhas além da mesa de comunhão sendo que os convidados ocupam os bancos da nave da igreja. Após a celebração da cerimônia, da bênção do Santo Padre, o noivo beija a noiva na mão ou a testa, discretamente. E encaminham-se para a recepção. Os cumprimentos devem



Torne seu lar um mundo maravi- lhoso



Sugestões

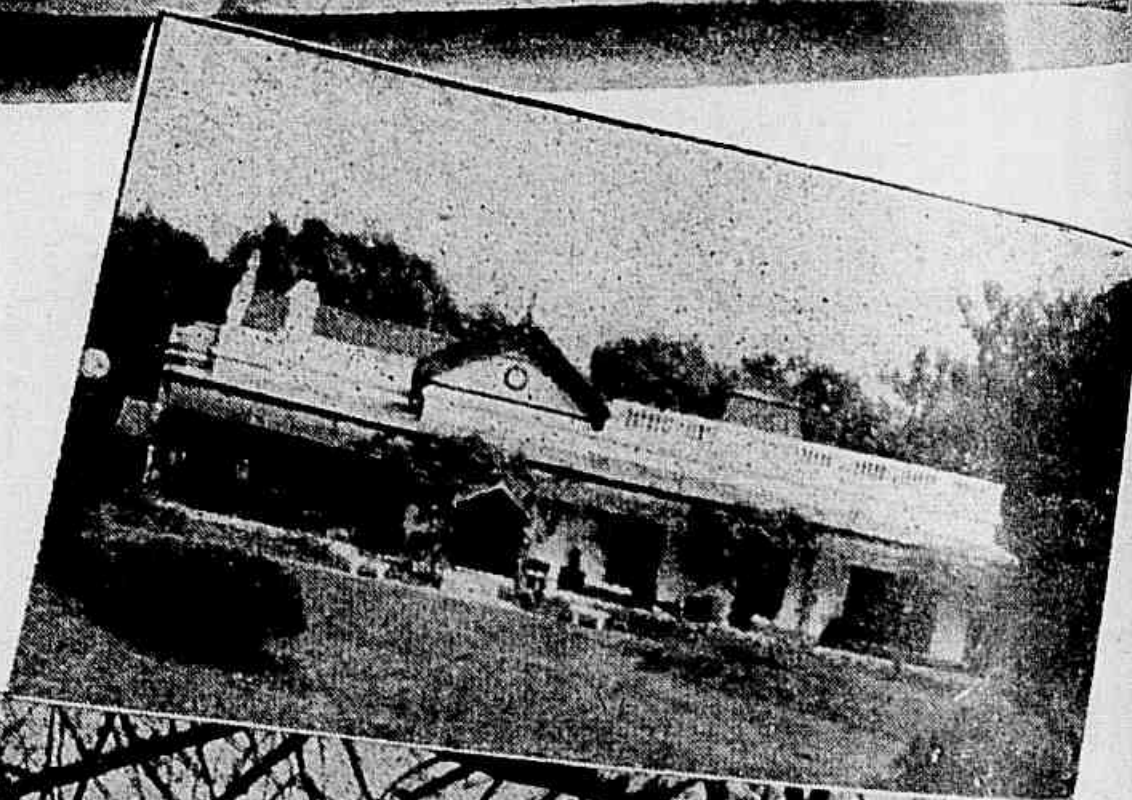
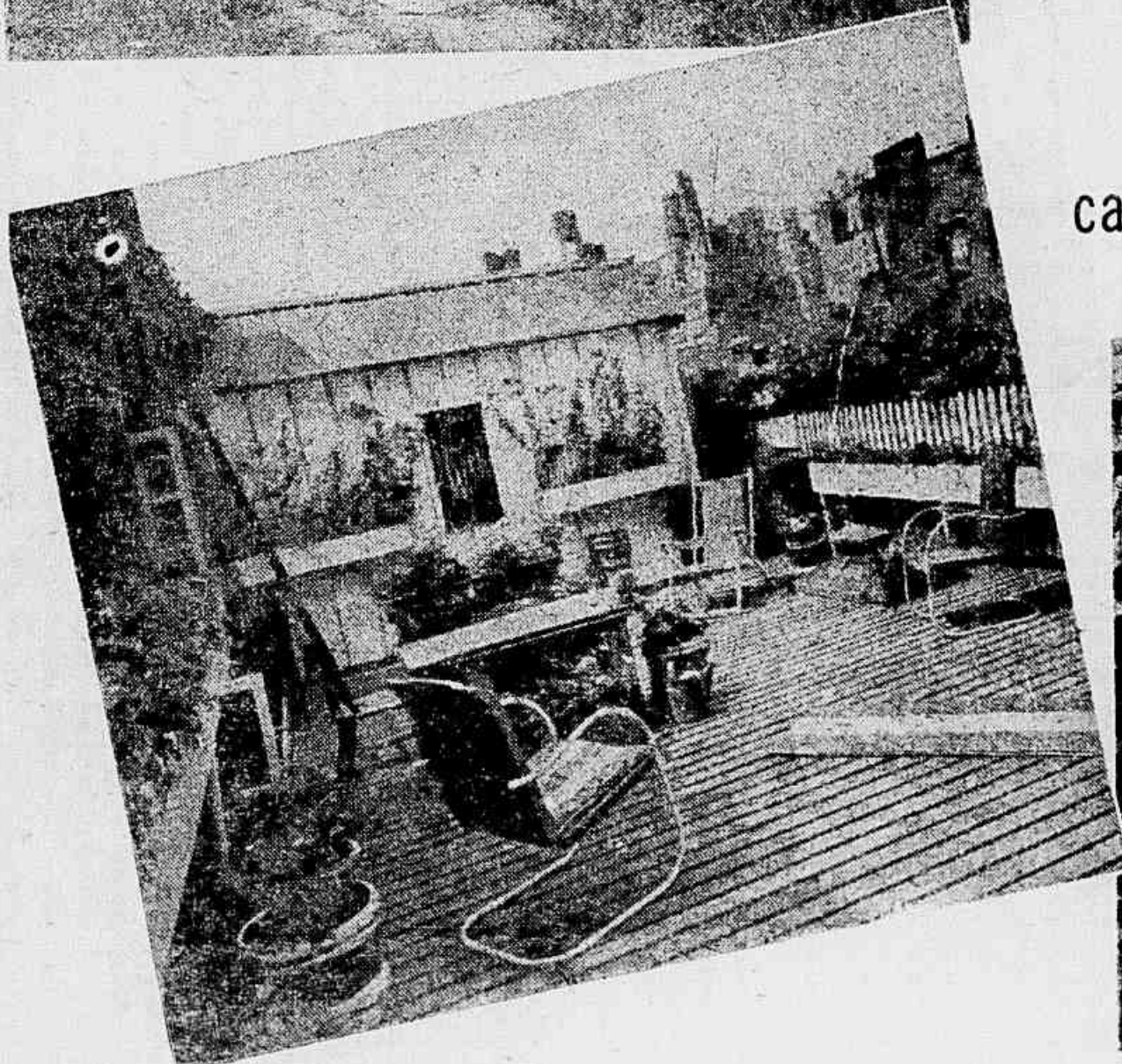
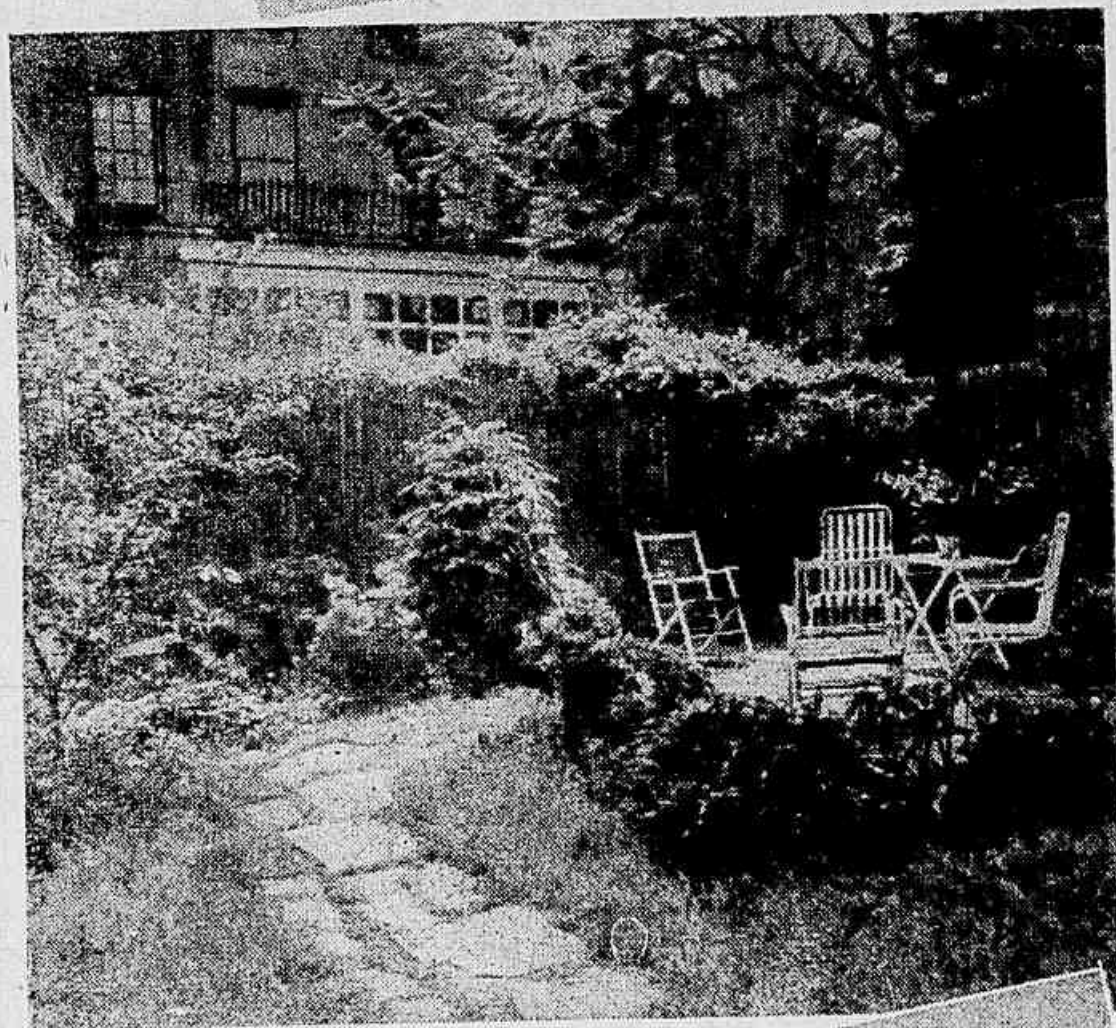
para

uma

casa

de

campo





CASACOS, ROUPINHAS,
VESTIDOS, AGASALHOS,
PARA CRIANÇAS DE TODAS AS IDADES.

VISITEM A

**NOTRE DAME
DE PARIS**

A CASA QUE MAIS BARATO VENDE EM
TODO O RIO DE JANEIRO - OUVIDOR, 182

VIUVA

(Continuação da pag. 7)

Tocou a campainha. A copeira, Mullins, atendeu imediatamente.

— Mullins, espero o major Hunter que deverá chegar dentro de alguns minutos. Parece que traz um móvel bastante pesado. Talvez precise de você para ajudar. E a cosinheira que esteja pronta também, para o caso de ser necessária.

Chegou o taxi, fazendo grande barulho à porta. Geraldine julgou ouvir a voz do *chauffeur*, que discutia. Precisou dum longo momento para fechar a escrivaninha, erguer-se da cadeira baixa. Tocaram a campainha. Dirigi-se à porta da sala de jantar...

O major estava diante dela em traje de montar. Aproximou-se alvoroçadamente; e, por traz dele, Geraldine avistou, junto à escada exterior, uma grande forma cinzenta. Era um carro de ambulância.

— Um desastre! gritou Geraldine.

— Mistress Howard... — O major precipitou-se, estendeu-lhe as mãos que estavam geladas e nas quais apertou as dela intensamente. — A senhora vai ter coragem, não é verdade?

Sim, teria coragem...

— E' coisa grave?

O major abanou sombriamente cabeça e respondeu apenas:

— E'.

Depois ergueu a cabeça, olhou-a bem de frente. Nunca tinha reparado que ele era extraordinariamente belo, mas duma beleza trágica...

— Muito, muito grave. Mas entre, minha senhora, entre! acrescentou Hunter, com força e quasi a empurrando para a sala de jantar. — Para onde o levamos?

— Podem transportá-lo lá para cima, não? perguntou por sua vez Geraldine.

— Creio que sim...

O major olhou-a estranha, dolorosamente.

— Então, vamos... disse Geraldine — Acho melhor o quarto de vestir de Jimmie. E' logo no primeiro andar. Eu vou adiante para mostrar o caminho. — Poz a mão no braço do major. — Não se aflija, major. Saberei ter coragem, bastante coragem.

E mostrou um sorriso cheio de confiança, de ânimo. Com grande espanto seu, o Major, voltando-se, exclamou:

— Deus do céu! Que desgraça!

Pobre homem... Como o desastre o acabrunhara... Daqui a pouco... disse Geraldine consigo — mandar-lhe-ei dar um pouco de whisky. Não agora, naturalmente...

Foi para ela um momento penoso quando ouviu aqueles passos

medidos, um tanto arrastados, atravessando o vestibulo. Compreendeu que não devia olhar, que de nada isso serviria e conservou a cabeça voltada para o outro lado.

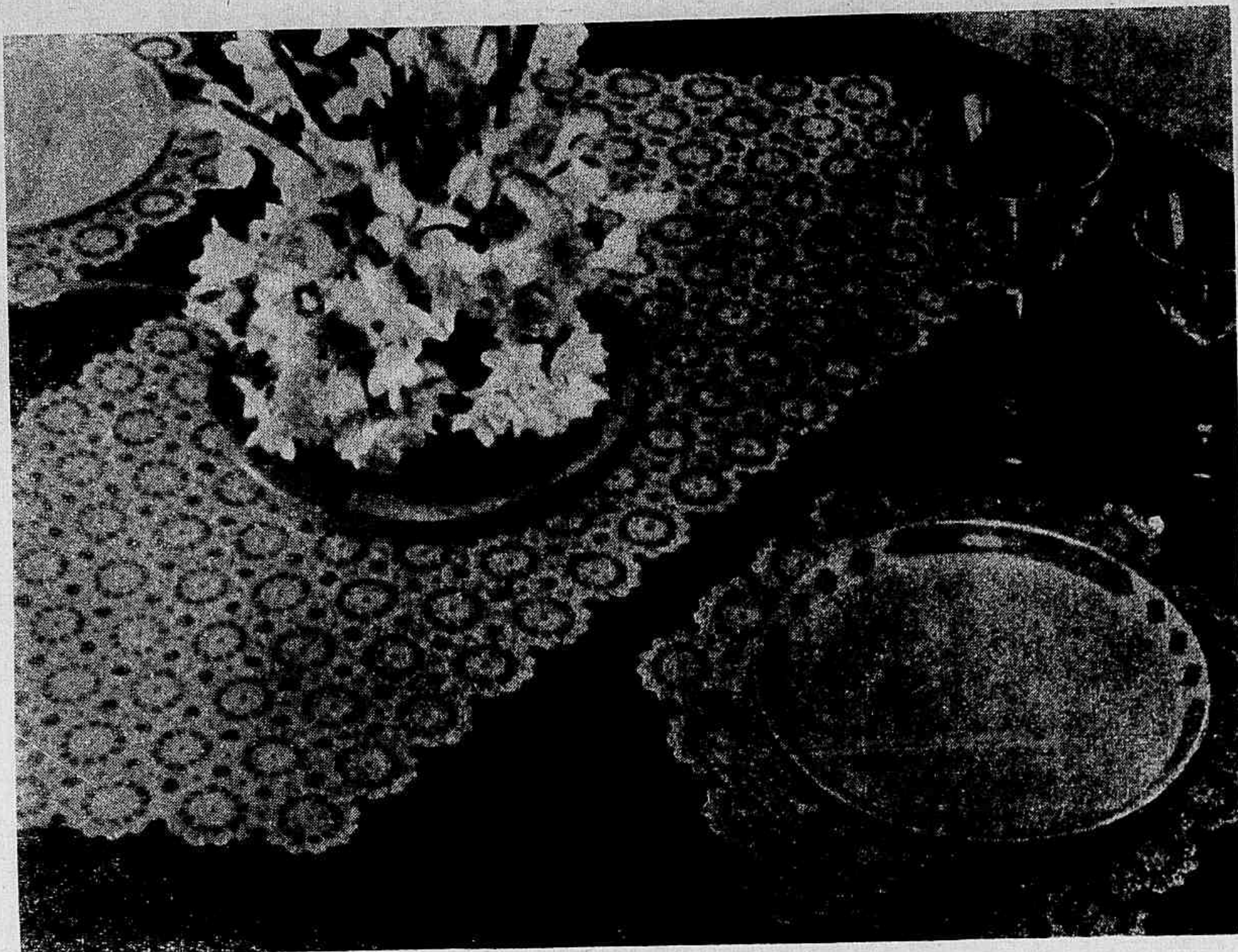
— Por aqui, Major...

Subiu adiante e, a passos ligeiros, tomou o corredor. Abriu bem para trás a porta dos aposentos de Jimmie. Tudo lá dentro respirava vida e alegria. Deixou passar o Major Hunter... os dois homens da maca... e só então percebeu que se devia tratar dum acidente melindroso, um ferimento sério na cabeça, porque nada se via da figura de Jimmie... Tinham coberto o corpo inteiramente...

A "Revista da Semana" está preparando o seu habitual numero comemorativo de aniversario, com dezenas de paginas de colaboração, ilustrações a cores, reportagens etc. para circular no fim do corrente mês.



PARA ADORNAR SEU LAR



TECIDO DE GANCHO

Fio mercerizado n. 50.
1 gancho n. 12.

Abreviaturas:

C., cadeia; c. sobre c., cadeia sobre cadeia; m. macisso; m. tr. — macisso triplo; m. p. meio ponto.

EXECUÇÃO DO PRIMEIRO MOTIVO:

10 c., unem-se com c. sobre c. para formar um anel.

MOBILIARIOS FINOS EXPOSTOS EM GRANDES MOSTRUARIOS

Convidam-se as distintas famílias a visitarem os mostruários junto à fábrica de Móveis "Lamas", nos quais estão expostas as mais recentes criações de mobiliários nos diversos estilos, dotados de todos os requisitos para satisfazer quem pretenda adquirir móveis de qualidade e de bom desenho.

As exposições que a fábrica "Lamas" mantém no Flamengo, Urca e Copacabana são de simples propaganda, sendo os móveis "Lamas" vendidos exclusivamente nos mostruários anexos à fábrica; com facilidade, em certos casos, de pagamento.

1.^a VOLTA — 3 c., 23 m. no anel. Une-se com c. sobre c. de maneira que pegue o 3.^o ponto das 3 c. com que se começou a volta.

2.^a VOLTA — 4 c., X m. no seguinte m., 1c. Repete-se desde X tudo ao redor. Une-se a última c. ao primeiro espaço.

3.^a VOLTA — 10 c., X saltar um espaço, 1m. tr. no espaço seguinte, 6 c., repete-se X ao redor. Unem-se as últimas 6c. ao 4.^o ponto das 10c. com que se começou a volta.

4.^a VOLTA — X 2c. saltam 2c., 1m. no seguinte c., 2c., m. na seguinte c., 2c. m. p. no m. tr. seguinte.

Repete-se desde X toda a volta. Une-se.

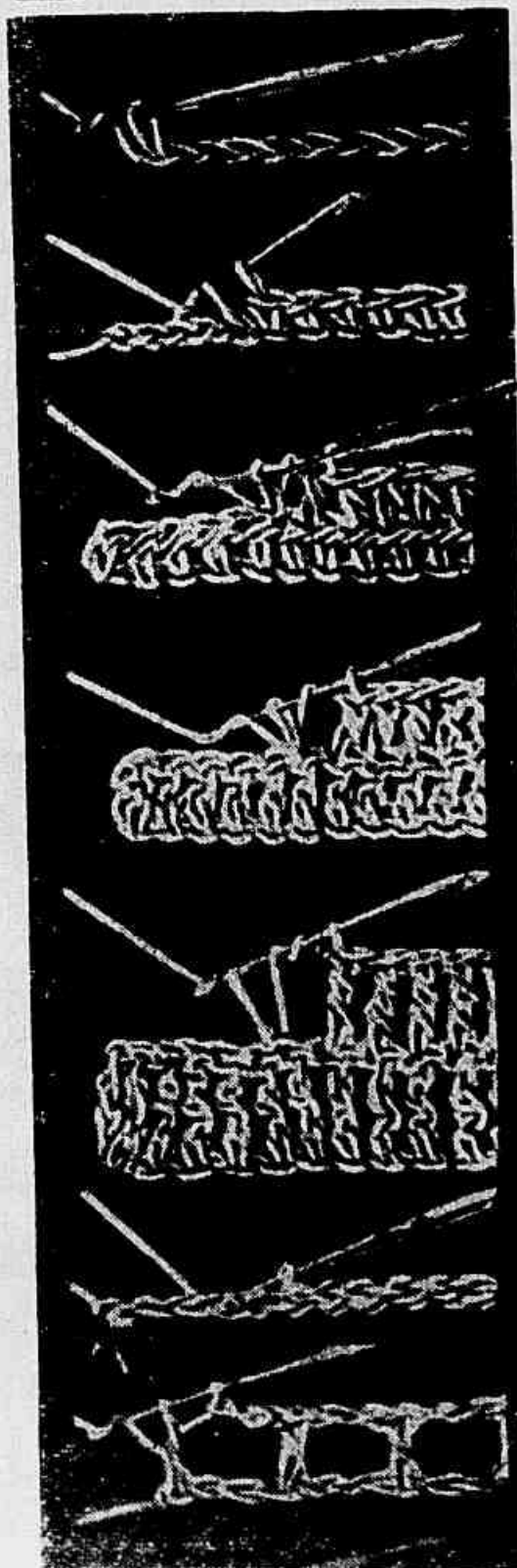
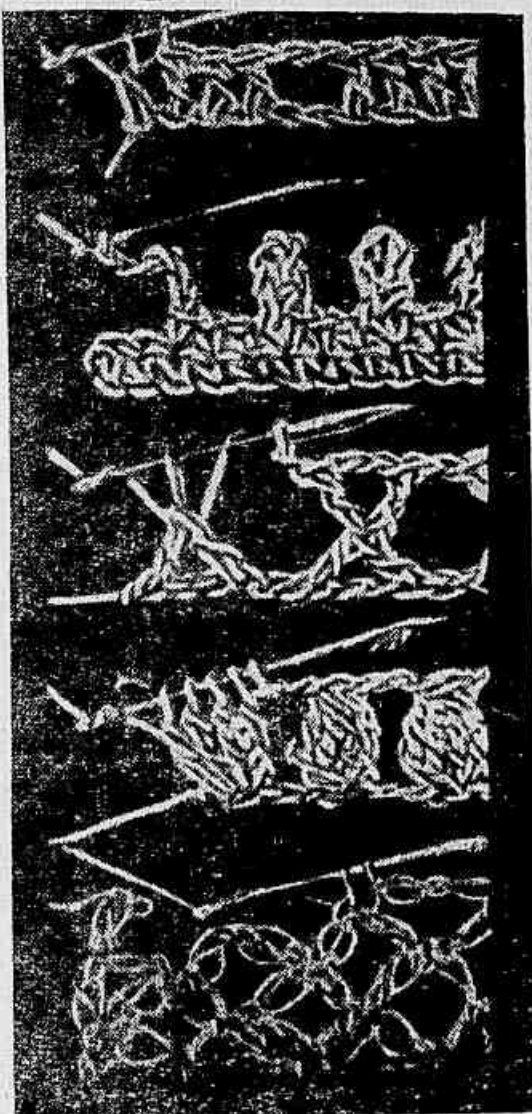
5.^a VOLTA — X 2c., m. no seguinte m., 2c. m. no espaço das 2c., 2c. m. no m. seguinte; 2c., m. p. no m. p. seguinte. Repete-se desde X toda a volta corta-se o fio.

EXECUÇÃO DO SEGUNDO MOTIVO

Tecem-se as 4 primeiras voltas como foi indicado para o 1.^o motivo.

5.^a VOLTA — 2c., m. no seguinte m., X 1c. c. sobre c. no espaço que o correspondente do primeiro motivo, 1c. m. no espaço seguinte do segundo motivo; 1 c. m. no m. seguinte espaço do segundo motivo, 2 c., m. p. no m. seguinte. Repete-se desde X uma vez mais, completa-se a volta como se fez no primeiro motivo. Fazem-se dois motivos unindo-os como o 2.^o motivo fica unido ao primeiro. Isto completa a figura.

Dessa forma se vão unindo os motivos uns aos outros dando-se o feitiço que se deseja.



DESPERTE A BILIS DO SEU FÍGADO

E Saltará da Cama Disposto para Tudo

Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevém a prisão de ventre. Você sente-se abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não tocará a causa. Neste caso, as Pímulas Carter são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você sente-se disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pímulas Carter. Não aceite outro produto. Preço: Cr. \$ 3,00.

À mulher para sua formosura... À creança para a saúde e hygiene... a todo o mundo para a limpeza e conforto, deve aconselhar-se o

SABONETE DE REUTER,
como o melhor.

L&K

Quando fôr a São Paulo

... não deixe V.S. de incluir em seu programma de passeios ou digressões uma visita aos

Maiores Estabelecimentos de Modas do Brasil

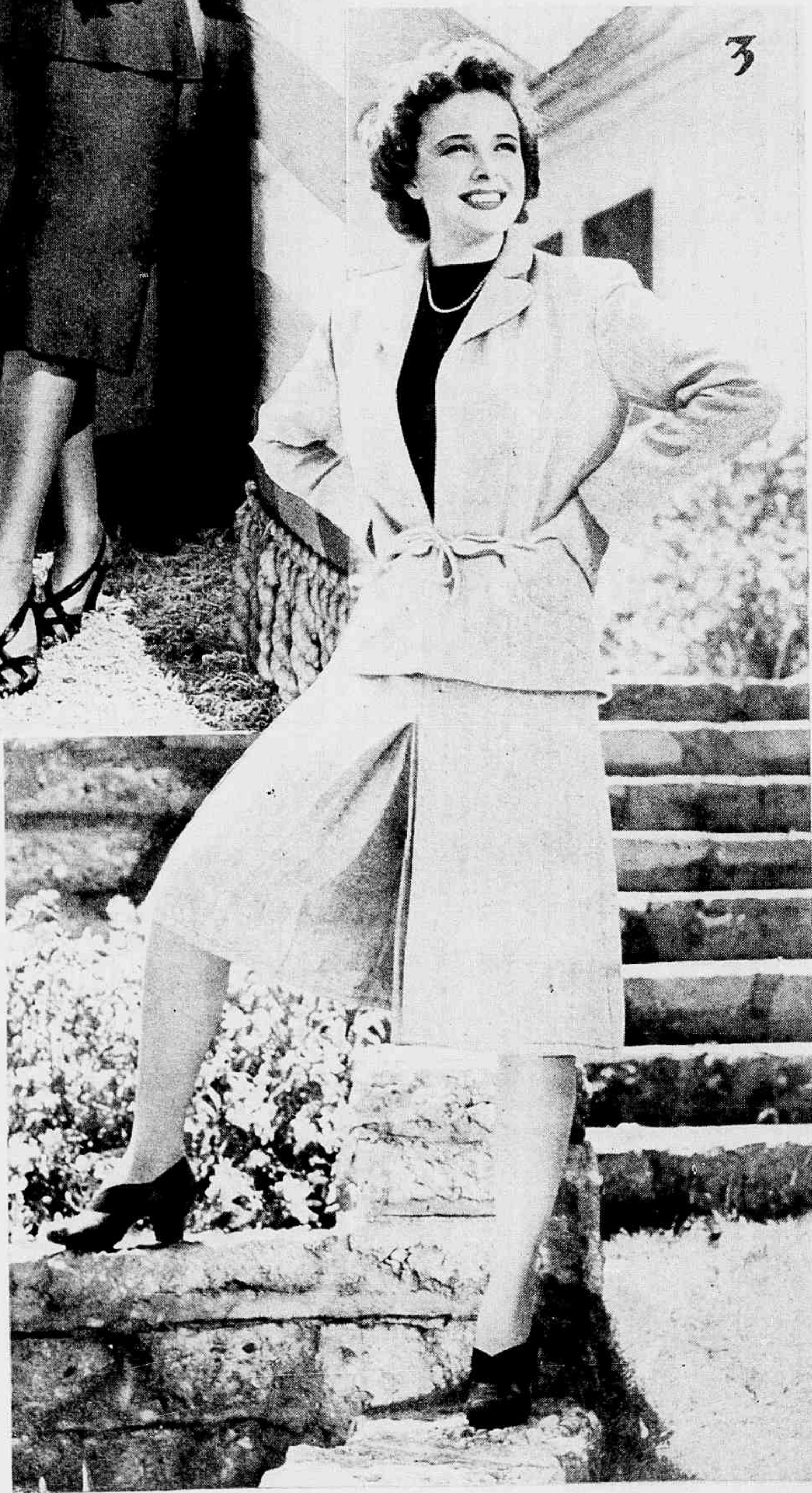
★
• Restaurante • Salão de Chá •
American Bar (4a. sobreloja)

CASA ANGLO BRASILEIRA

Succaterra de
MAPPIN STORES
R. RAMOS DE AZEVEDO, 2, PAULISTA



Destile de MODAS



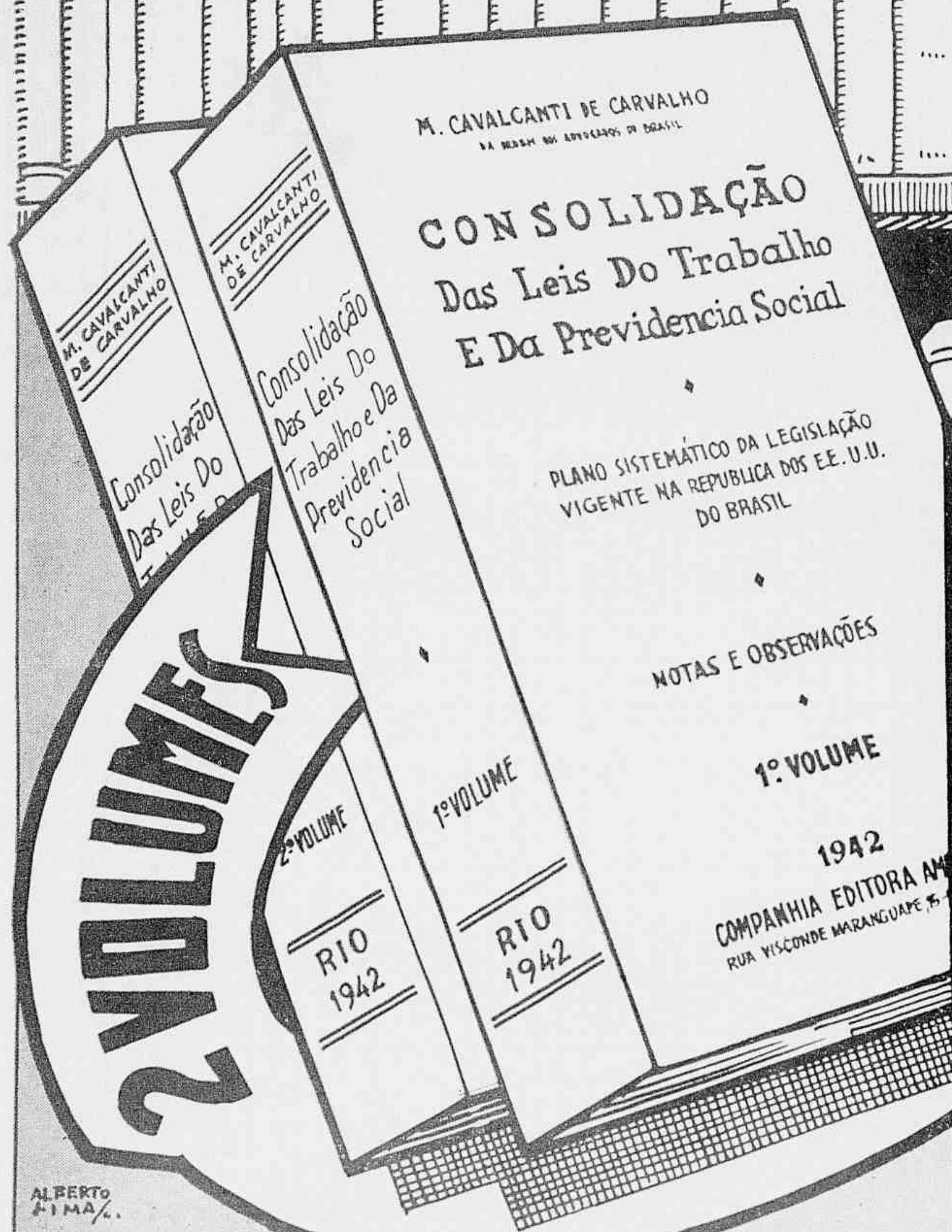
Laraine Day veste um chíc costume de tecido mesclado-beige com uma elegante e bem tallada saia escura.

Dois modelos de Irene, a substituta de Adrian nos studios da Metro, foram confeccionados especialmente para a louríssima e deliciosa Lana Turner em "Senhorita Ventania".

Uma feliz combinação de preto e branco, realçando a simplicidade da confecção do costume de lã pura, e a novidade do bordado a "soutache" contornando os bolsos arredondados.

Uma túnica de crepe verde claro cuja abertura é franzida. Ornamenta-a um "roulouté" da mesma fazenda com desenho formando alças.

HA UMA FALHA EM SUA ESTANTE



“Consolidação das Leis do Trabalho e da Previdencia Social”

Obra que interessa não somente aos advogados, magistrados, juizes dos tribunais trabalhistas, mas também a quantos exerçam atividades no território nacional, a “CONSOLIDAÇÃO DAS LEIS DO TRABALHO E DA PREVIDÊNCIA SOCIAL”, em 2 volumes com mais de 1.000 páginas, de autoria do jurista patricio M. Cavalcanti de Carvalho — advogado no Distrito Federal, veio, preencher uma lacuna. É perfeita a coordenação da matéria, tornando facilimas as consultas. Preço dos 2 volumes: 70\$000; à venda em todas as livrarias. Pedidos — mediante vale postal ou pelo Serviço de Reembolso do Correio — à COMPANHIA EDITORA AMERICANA: Maranguape, 15 — Rio.

ALBERTO
FIMA/L.